

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, realizada sob a orientação científica de

Professor Doutor Tiago da Mota Veiga Moreira de Sá

e

Professora Doutora Teresa de Almeida e Silva

“(...)there is no alternative to peace(...)”

Dwight D. Eisenhower

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me terem dado a vida, por terem lutado por mim e ao meu lado. Há minha mãe, Sandra pelo seu coração imenso que tanto comporta e ensina e, ao meu pai, José por toda a ponderação e me ter ensinado o significado de ‘pensar duas vezes’. Por serem quem são, e acima de tudo por incentivarem a eu ser quem sou.

À minha irmã Vitória, porque és a minha melhor amiga, confidente e arreliadora. Porque na realidade és o meu grilo de consciência, como o do Pinóquio; a minha brava e destemida cavaleira da Távola Redonda e, para sempre a minha benjamim.

Aos meus avós que sempre me ensinaram, e por serem os meus pais ‘duas vezes’.

Ao Octávio Militão, por me ensinar a perdoar e a não desistir, por me ajudar a concretizar sonhos antigos quase esquecidos, e a criar uns novos. Por todas as horas que me ‘atura’ e por me segurar tanto, quer intelectual como emocionalmente. Por todos os passos que demos e damos em conjunto, porque me encontraste e eu tive a sorte de conhecer em ti, o meu melhor amigo, a minha pessoa.

A todos os meus ‘piolhos’, que tanto me ajudam, que tanto me transmitem e que acima de tudo respiram aquilo que com eles partilho.

A todos os meus amigos e amigas, pela vossa paciência e amizade, porque sem ela, certamente não seria quem sou, e as conclusões a que cheguei poderiam não ser as mesmas.

À Diana Vale pela sua amizade e coração imensos. Por ser uma pessoa cheia de energia, alegria, amor à vida e determinação. Por estar sempre presente à altura e em todas as alturas.

Ao Gonçalo Canhoto, por ser o bom amigo que é e por todas as horas infindáveis que passamos na biblioteca.

Ao Nuno Alves pelas correcções e sugestões. Por ser uma pessoa brilhante, cujo conhecimento se revela ainda hoje como uma importante ‘fonte’ de informação.

Às minhas amigas, que sempre que podiam e eu deixava me raptavam da minha ‘insanidade literária’. À Sara Rodrigues, Rita Mira, e Zita Matos que iniciaram comigo a jornada, um bem hajam com todo o meu coração e um obrigado profundo por todas as horas, alegrias e momentos. A vossa presença foi e sempre será inigualável.

Um obrigado, a todos.

Aos Professores que me transmitiram tantas ideias, que quebraram concepções e que tornaram possível que crescesse em mim própria.

À Professora Marina Pignatelli que em tantas alturas, foi muito mais que uma professora de faculdade.

À Professora Teresa Rodrigues por toda a atenção, carinho e dedicação.

Aos meus orientadores por me acompanharem nesta incursão.

À Professora Teresa Almeida e Silva por acreditar em mim ao longo destes 5 anos e por me ensinar muito além da teoria.

Ao Professor Tiago Moreira de Sá pela paciência e conselhos preciosos.

O meu mais sincero obrigado.

Irão Nuclear

Patricia Filomena de Alves Ferreira

O Irão é desde 1979 uma potência a ter em consideração. A sua história reflecte a força da nação e a razão pela qual é fortemente reprimido pelos seus pares. A presente dissertação pretende abordar a capacidade nuclear e mais concretamente o seu desenvolvimento pela República Islâmica do Irão, assim como todas as medidas de controlo a esta capacidade, procurando despertar a questão de quem deve ou tem capacidade de determinar a detenção e desenvolvimento de energia nuclear. Vivemos hoje, num mundo multipolar com novos arranjos à estrutura internacional outrora conhecida, verificando-se necessárias novas incursões por estas matérias de forma que as mesmas possam evoluir tanto teórica como praticamente a similar ritmo.

Since 1979, Iran is an international power to consider. The country's history reflects not only the strength of the nation, as well as the reason for the strong sanctions that it suffers. The present work wishes to elaborate around nuclear capability, its control systems and international acceptance, namely in Iran. The main objective is to promote dialogue on who as the authority and the capability to determine who was and who wasn't the right to develop and possess nuclear energy. Today, we live in a multipolar world, filled with new arrangements in the new international structure. Therefore it is extremely necessary to provoke new studies through this matter, so that in a near future both praxis and theory may evolve side by side.

PALAVRAS-CHAVE: Nuclear, Irão, Conflito, Equilíbrio Internacional

KEYWORDS: Nuclear, Iran, Conflict, International Balance

ÍNDICE

Introdução.....	10
Capítulo I: Teorias de Segurança e Cooperação Internacional.....	13
I. 1. O Sistema Político Internacional: Uma Análise.....	15
I. 1. 1. O Estado. Da edificação à memória.....	17
I. 1. 2. A Dimensão Externa: a construção de ‘uma’ Política Externa.....	21
I. 1. 3. O Conflito.....	23
I. 1. 3. 1. O Processo do Conflito.....	25
I. 1. 3. 2. Fatores de Análise num conflito	28
Capítulo II: Irão.	33
II. 1. Uma visão Geopolítica	33
II. 1. 1. Uma breve história	37
II. 1. 2. A Organização Política	42
II. 2. O Petróleo. O motor do mundo	46
II. 2. 1. Geopolítica do Petróleo	48
II. 2. 1. 1. Crises Petrolíferas. O poder face ao Ocidente	51
Capítulo III: Poder Nuclear	60
III. 1. Irão Nuclear. Porque não?	63
III. 2. Ciberterrorismo: Stuxnet e a Fábrica Nuclear de Natanz	65
Capítulo IV: Teatro de Operações	69
IV. 1. Os EUA e a segurança após o 11 de Setembro de 2001	72
IV. 1. 1. O Ressurgimento do Terrorismo	77
IV. 2. A Coreia do Norte e o Irão. Não são iguais	82
IV. 3. E a estabilidade do Sistema Internacional ?	84
Conclusão	86
Bibliografia	90

Lista de Figuras	102
Lista de Tabelas	103

LISTA DE ABREVIATURAS

SPI - Sistema Político Internacional

PDE - Processos de Decisão Estratégica

MIT - Massachusetts Institute of Technology

R.I.I. - República Islâmica do Irão

a.C. - Antes de Cristo

B.C. - Depois de Cristo

ONU - Organização das Nações Unidas

OAPEC - Organization of Arab Petroleum Exporting Countries

AIE - Agência International de Energia

EUA - Estados Unidos da América

IAEA - International Atomic Energy Agency

ICS - Industrial Control System

PLC - Programmable Logic Controller

MO - Médio Oriente

ISAF - International Security Assistance Force

ATA - Afghan Transitional Authority

UNAMA - United Nations Assistance Mission in Afganistan

BRIC - Brasil, Rússia, Índia e China

Introdução

O mundo em que vivemos é calejado de conflitos. É alvo das mais constantes fricções e tensões. Por sua vez, estas vão desde a esfera mais ínfima, como a das células que nos constituem até às organizações sociais mais complexas, os Estados e as Organizações Supra-estatais. Cada individuo funciona como uma célula, tudo tem a sua origem e o seu propósito. Quando em grupo, estas células dão origem a tecidos que, por sua vez vendo os seus níveis de complexidade aumentar conforme forem entrando mais indivíduos nesta equação, necessitarão de estruturas de funcionalidade, dando assim origem aos órgãos que vão interagir uns com os outros, como se diferentes sociedades se tratassem. Dependendo dos acordos e dos tratados que possuem uns entre os outros, estes órgãos poderão organizar-se em sistemas, cada um associado a outro que lhe corresponda quer em similaridade de função, quer como em continuidade de tarefa. A seu tempo, dar-se-á o surgimento de vírus e bactérias, entre outros cujo objectivo será desequilibrar esta estrutura, sendo que simultaneamente alguns destes elementos nefastos, possuirão complacência, e cuja utilidade ao sistema será maior que a sua capacidade destrutiva, culminando num sistema simbiótico semelhante ao de uma rémora num tubarão. Assim teremos a construção de um ser repleto de acções, reacções e ligações entre todos os seus componentes.

Segundo vários autores, das ciências sociais às ciências exactas, evoluímos através da competição, e é essa que dita a sobrevivência do mais apto. Mas quem, ou o quê dita qual é o mais apto? A resposta a esta questão está longe de ser simples, pois ser o mais apto, não é sinónimo de ser o mais forte, nem o mais inteligente. A aptidão de um ser, e em caso último, da sua espécie depende sim, do grau de adaptação que esta denota à mudança.

Este, pode assumir o primeiro grau de competição, ou seja o primeiro nível de conflito, o pela sobrevivência a nível genético. A maior competição levada a cabo no mais pequeno e ínfimo espaço daquilo que codifica toda a nossa existência e ancestralidade.

A competição, o conflito ou as tensões fazem a humanidade evoluir, depositando o poder naqueles que são considerados os mais aptos, entenda-se adaptáveis, ou seja os vencedores em questão. Claro que esta visão Marxista e Darwinista é extrapolada, porém em sentido lato, isto é o que acontece na realidade.

As sociedades, como todas as outras organizações individuais ou colectivas, tem um crescendo e um expoente máximo, após o qual se inicia uma quebra descendente, seguindo a estrutura gráfica de uma curva de Gauss. Para evitar a fase de queda, uma organização deve sofrer uma reestruturação em si própria, com o objectivo de alcançar ou equilibrar novamente e procurar um novo expoente. É uma subida e descida cíclica e perpétua, até que exista uma extinção total, ou um equilíbrio passageiro requerente de outro tal, num futuro não longínquo.

A forma de organização interna de uma dada sociedade depende não só das suas estruturas de poder, mas também de todos os indivíduos que a compõem, mais que não seja através da eleição dos seus representantes. Existe pois, uma estreita e intrincada relação entre a política interna, externa e a opinião pública de uma nação, já que uns dependem e estão directamente ligados aos outros no que concerne á sua construção e implementação.

A política externa de um Estado é mais que as linhas de ligação a outro(s) pois é a continuação da vontade da política interna para o exterior do limite territorial da nação à qual respondemos.

No decorrer deste trabalho, analisar-se-á a evolução histórico-política na temática das relações das políticas externas entre os Estados Unidos da América e a República Islâmica do Irão. Nomeadamente a evolução desde a revolução islâmica em 1979 até á actualidade, passando pela pretensão Norte-Americana de hegemonia global ao pódio de potência regional do Irão. O *focus* principal deste trabalho, serão as aspirações nucleares Iranianas bem como as reacções internacionais face a estas, além da análise ao interesse petrolífero e às presumíveis ligações subsidiárias a organizações terroristas. Deste modo procurar-se-á entender de que forma, tanto o Irão como os Estados Unidos da América, funcionam como fonte de instabilidade ou por outro lado pilar de estabilidade no Sistema Político Internacional. Mais particularmente procuramos analisar de que forma o desenvolvimento de energia nuclear pela R.I.I.

poderá afectar as suas relações externas com os outros membros do SPI, e se o país estará ou não habilitado, politicamente, a possuir capacidade energética nuclear.

Na prossecução destes objectivos iremos avaliar a natureza da relação EUA-R.I.I , compreender as suas metas de política externa, bem como as suas preocupações em ambas as questões energéticas e económicas, almejando compreender a influência que a relação entre estes dois países infere no Sistema Político Internacional.

Capítulo I: Teorias de Segurança e Cooperação Internacional

Qualquer Estado possui dois objectivos primordiais¹, (1) garantir a segurança, e (2) assegurar o bem-estar da sua nação. Estes são conseguidos através da prossecução dos vectores definidos no potencial estratégico do Estado, sendo que nos é possível avaliar o mesmo consoante o conjunto de meios materiais e imateriais à disposição da sociedade nacional, de acordo com os factores tangíveis e intangíveis próprios do potencial estratégico², como é possível observar na Figura 1.

O Primeiro objectivo do Estado, garantir a segurança da nação, serve aqui o seu propósito uma vez que a salvaguarda de existência nacional é permitida e simultaneamente adquirida através da protecção cumulativa dos factores inerentes ao desenvolvimento do potencial estratégico.

Define-se, desta forma, ‘segurança’ como se tratando de um conceito profundamente adaptável aos factores, aos quais se aplica,

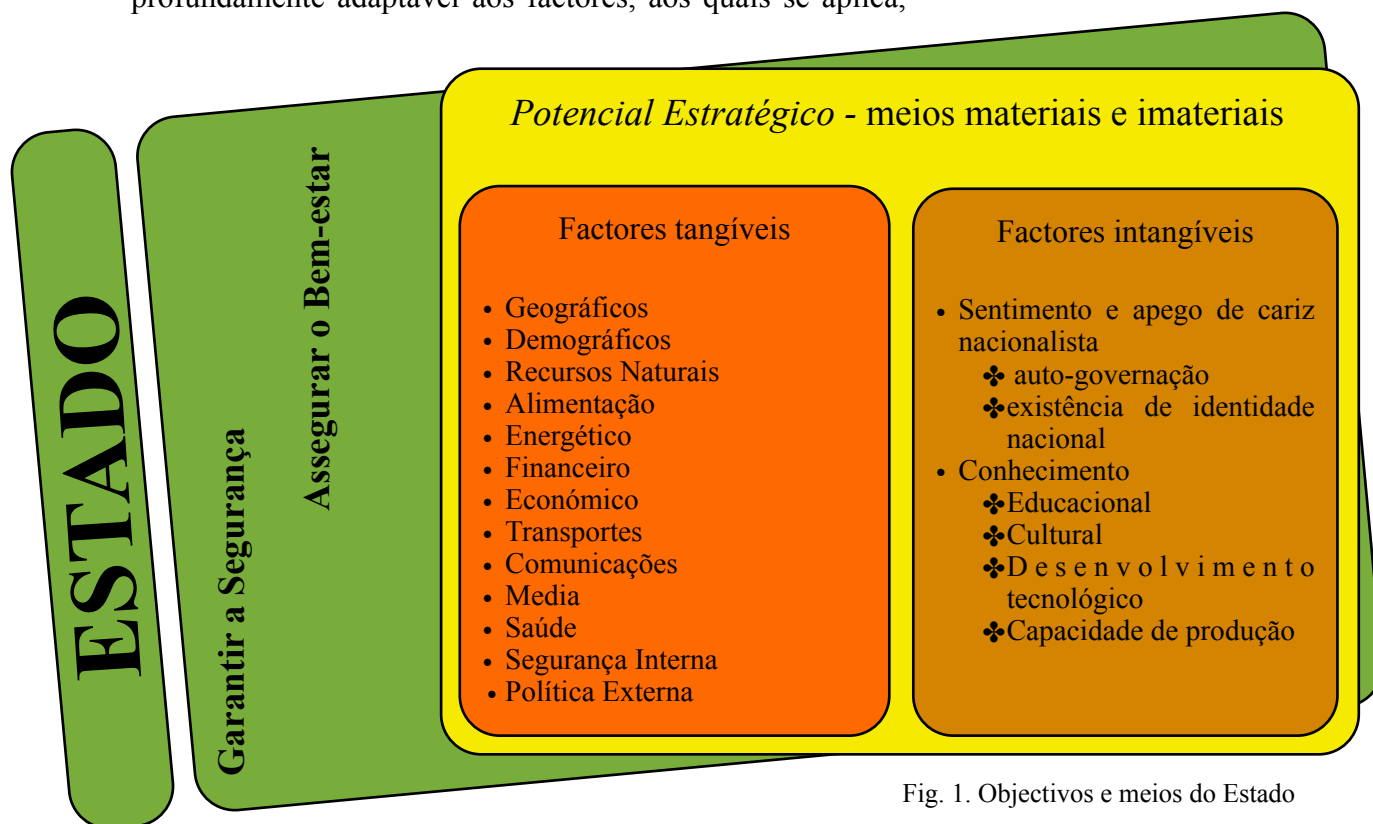


Fig. 1. Objectivos e meios do Estado

¹ Estes dois objectivos são teleológicos e fundamentam-se nas palavras do Professor Marcelo Caetano, e em Couto, Abel Cabral (1988) *Elementos de Estratégia*, Vol. I, Lisboa, IAEM, pp. 63-65

² O General Dias Loureiro desenvolveu esta temática em diversas palestras, sendo ele e as suas palavras a base para o que se aborda aqui.

culminando na sua utilização de acordo com a necessidade requerida, própria a cada um deles.

Por sua vez, ao segundo objectivo do Estado, assegurar o bem-estar da nação, dizem respeito acções como a provisão de meios de saneamento, de educação, de sistemas básicos de saúde, de programas de entretenimento e promoção cultural bem como apoios sociais e o direito ao trabalho.

As teorias são geradas através da conjugação de um conjunto de pressupostos. Contudo as teorias são, como Kenneth Waltz define, meras conjecturas até que estas sejam confirmadas³. Esta confirmação surge do testar de vários princípios, ou seja, uma teoria é-o quando por repetição se observa que o funcionamento de uma dada premissa (a) vai conjugar-se com uma premissa (b) e que delas é expectável que resulte (c).

Não obstante a importância da experimentação para a confirmação de teorias é também indispensável perceber que mais que definir os acontecimentos, as teorias explicam ou, devem almejar explicar o porque desses acontecimentos. Esta explicação deve ser fundamentada pois o processo de experimentação ao qual as teorias são sujeitas apenas as analisa em pequena escala, ou seja com recurso a uma pequena amostra daquilo que é a realidade no intuito de provar ou negar a veracidade de determinada teoria em teste. Este estudo por amostragem é muito recorrente na prática metodológica que caracteriza as ciências sociais, dado o amplo universo de mais de 7200 milhões de pessoas que existem no mundo. Seria de todo insustentável realizar um estudo que compreende-se todo o universo em análise, sendo que falamos de organizações políticas nacionais e de organismos internacionais de grandes dimensões.

A realidade analisada e sobre a qual se criam as diferentes teorias é, seguindo esta lógica uma realidade parcial, diferente claro está da realidade que é efectiva. Porém é a realidade de espaço amostral a que se recorre no teste de teorias, sendo extrapolada para a 'realidade' quando após testada, se verifica uma teoria. Obviamente que devido a esta metodologia é expectável que ocorram erros, pelo que os mesmos podem ser estimados, sempre com o objectivo final de aproximação máxima entre os resultados obtidos e aqueles que serão esperados.

³ “A theory is born in conjecture and is viable if the conjecture is confirmed.” Waltz, Kenneth N. (1979) *Theory of International Politics*, California, Addison-Wesley Publishing Company

As teorias não são verdades absolutas, mas sim hipóteses representativas ou ilustrativas de um conjunto de variáveis que interactuam criando uma imagem ou um plano de desenvolvimento de acção.

De acordo com as teorias das relações internacionais, quando a questão é centrada nos estados, na sua política interna ou externa, devemos debruçar-nos sobre as Teorias Redutivistas, porém falamos de um tema que extrapola as concepções de fronteiras nacionais no âmbito da segurança internacional. A questão nuclear foge aos padrões normais de estudo e acção inter-estado e entre estados, pois a sua prossecução tem consequências e alterações não só tanto a nível interno do estado que as toma, como dos outros estados que terão de conviver com uma nova realidade. Desta forma, entramos nas Teorias Sistémicas.

I. 1. O Sistema Político Internacional: Uma Análise

“It is no use saying, 'We are doing our best.' You have got to succeed in doing what is necessary.”

Winston Churchill

De uma forma muito acessível, é possível definir o Sistema Político Internacional (SPI) como se tratando de um conjunto de organizações, instituições e estruturas independentes que interagem umas com as outras de forma regular e consistente segundo processos padronizados e estruturados⁴.

O SPI é portanto um mega sistema, cujo papel principal cabe aos Estados. Os papéis secundários, esses são ocupados por companhias e organizações internacionais, transnacionais e ainda por organizações não-governamentais de carácter nacional e

⁴ Segundo Raymond Aron na sua obra de 1986 *Paz e Guerra entre as Nações*, o Sistema Político pode dizer-se “o conjunto constituído pelas unidades políticas que mantêm relações entre si e que são susceptíveis de entrar numa guerra geral”(p. 153); Por sua vez, Abel Cabral Couto em *Elementos de Estratégia, Vol. I* define o Sistema político como “Um conjunto de centros independentes de decisões políticas que interatuam com uma certa frequência e regularidade”

organizações intergovernamentais. Neste sistema o que recai sobre análise não são os Estados em si, mas antes a teia de relações que se estabelece entre eles, bem como com outras organizações de decisão política. O Sistema Político Internacional, é a análise de variáveis de decisão interna, conjugadas com os interesses e a sua projecção na política de relações externas⁵. O SPI é o mapa que gere a indubitável relação entre os interesses individuais internos e as aspirações externas próprias e de terceiros⁶.

Sobre o SPI recaem duas metodologias de análise, (1) Descritiva e (2) Explicativa. A primeira avalia o sistema como uma rede de relações, na qual diferentes ligações são estabelecidas, a par que a segunda se preocupa com a análise dessas relações, propriamente ditas, bem como dos diferentes padrões que estas criam.

Desta forma, caracteriza-se que o principal actor do sistema internacional é o Estado e toda a construção que dele advém. Com o desenvolvimento dos estados e com o dealbar da era pós I Guerra Mundial, sentiu-se necessidade em criar uma estrutura que regulasse as relações entre eles, e que protegesse o interesse maior da comunidade internacional. Surge assim a 15 de novembro de 1920 a Liga das Nações, o predecessor da Organização das Nações Unidas, como uma união de 42 países que procurava prevenir a repetição da I Guerra Mundial. Nesta demanda, a Liga das Nações⁷ desenvolveu dois objectivos principais: (1) o de mediar conflitos entre estados membros através de um conselho que aplicaria sanções, e o de apoiar estados que se encontrassem sob ataque de outros estados não membros da Liga; (2) promover as transacções económicas e de bens, bem como o desenvolvimento das suas relações. Com o rebentar da II Guerra Mundial a Liga das Nações chega ao fim, pois o seu objectivo primordial de impedir uma nova guerra falhou terminantemente.

⁵ James Dougherty e Robert Pfaltzgraff Jr. em 2003 publicaram a obra *Relações Internacionais - As Teorias em Confronto*, na qual desenvolveram uma ideia de Kaplan datada de 1962, a qual dizia que um sistema era “um conjunto de variáveis tão relacionadas entre si e distintas do ambiente externo que as regularidades de comportamento descritas caracterizam os relacionamentos internos das variáveis umas das outras e os relacionamentos externos do conjunto de variáveis individuais com combinações de variáveis externas”.

⁶ “Os sistemas políticos internacionais são menos centralizados e menos tangíveis (...) O sistema internacional não abrange apenas os Estados. O sistema político internacional é o padrão de relacionamentos entre os estados” em Nye Jr., Joseph S. (2011) *Compreender os Conflitos Internacionais - Uma Introdução à Teoria e à História*, Lisboa, Gradiva

⁷ Mais informações estão disponíveis em “The United Nations: An introduction for students”, <http://www.un.org/cyberschoolbus/unintro/unintro.asp>

É a 26 de Junho de 1945 em São Francisco, nos Estados Unidos da América que é assinada a Carta das Nações Unidas, posteriormente ratificada a 24 de Outubro do mesmo ano, surgindo uma nova fase na regulação do Sistema Internacional.

We the Peoples of the United Nations Determined

to save succeeding generations from the scourge of war,
which twice in our lifetime has brought untold sorrow to mankind,
and

to reaffirm faith in fundamental human rights, in the dignity
and worth of the human person, in the equal rights of men and women
and of nations large and small, and

to establish conditions under which justice and respect for the
obligations arising from treaties and other sources of international law
can be maintained, and

to promote social progress and better standards of life in
larger freedom

in Charter of the United Nations, Preamble, 1945⁸

I. 1. 1. O Estado. Da edificação à memória.

As evoluções dos contextos sociais, e o decorrente aumento do grau de complexidade de organização dos grupos humanos, levaram ao surgimento do Estado e com ele a necessidade inerente de soberania sobre um determinado território, que fosse definido e estável.

Os grupos humanos, sofreram alterações à sua constituição, passando de grupos cuja ligação era por base sanguínea e familiar a grupos, cuja formação e organização se

⁸ A Carta das Nações Unidas está disponível e pode ser consultada em <http://www.un.org/en/documents/charter/preamble.shtml>

fundamentam, na identificação e determinação de pertença a um dado grupo. A este sentimento de identificação e pertença, chamamos nação, que por definição se refere a um grupo de indivíduos que embora não se conhecendo e estando geograficamente dispersos se assumem e reconhecem como pertencentes a um mesmo grupo, com o qual compartilham uma história, cultura, língua⁹, religião e um passado em comum¹⁰.

Segundo Joseph Nye, o nacionalismo é um requisito indispensável à legitimidade do estado no mundo contemporâneo, bem como uma construção poderosa que liga e identifica indivíduos semelhantes a uma identidade única comum ¹¹. Contudo, “as culturas e/ou sociedades (...) não são claramente delimitadas, nem territorialmente confinadas”¹², aquilo que existe é sim uma pretensão político-jurídica de controlo de determinada área, tendo em consideração que o território é um direito e um dever da nação¹³. Desta forma e seguindo o definido por Ratzel, além de Carl Ritter e Ernst Haeckel antes dele, o Estado é uma espécie de “organismo vivo”¹⁴. Para o qual se deve olhar de uma perspectiva fisiológica, cujas características culturais e humanas, nomeadamente das populações que nelas habitam, são determinadas pela conjunção simbiótica entre espaço, posição e genética da população¹⁵.

Ao território são acometidas importantes capacidades de identificação, sendo que “passar a fronteira é muito mais do que passar de um país para o outro”¹⁶, é uma forma de se construir a si mesmo, é a distinção entre ser de cá e ser de lá, e acima de tudo assumir-se como tal.

⁹ Gellner, Ernest (1993) *Nações e Nacionalismo*, Viseu, Gradiva

¹⁰ Anderson, Benedict (2005) *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e Expansão do Nacionalismo*, Lisboa, Edições 70

¹¹ “(...) o nacionalismo tende a crescer quando as identidades são ameaçadas por grandes mudanças sociais. A ideia de pessoas com características étnicas semelhantes afirmarem a sua identidade comum é muito poderosa.” Nye Jr., Joseph S. (2011) *Compreender os Conflitos Internacionais - Uma introdução à teoria e à história*, Lisboa, Gradiva, pp 266-267

¹² Amante, Maria de Fátima (2007) *Fronteiras e Identidade - Construção e representação identitárias na raia luso-espanhola*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

¹³ Poole, Ross (1999) *Nation and Identity*, London, Routledge

¹⁴ Nogueira, José Manuel Freire (2011) *O Método Geopolítico Alargado - Persistências e contingências em Portugal e no Mundo*, Lisboa, IESM, pp. 313

¹⁵ idem

¹⁶ Amante, Maria de Fátima (2007) *Fronteiras e Identidade - Construção e representação identitárias na raia luso-espanhola*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas pp.67

Esta capacidade de auto-determinação e definição, advém da talvez mais espantosa capacidade inerente à humanidade, a da memória. É aquela que nos distingue, e que nos torna capazes de estabelecer a diferença entre o *nós* e o *outro*¹⁷ dado que é através dela que somos capazes de conceber a existência humana como tal.

“Man cannot live without a future.

Man cannot live significantly without the past...”

in Israel: an echo of eternity, 1997

Mas a importância de se ‘Ser’, em questões identitárias é igual a tantas outras, pois a identidade é uma construção da memória. Cada indivíduo ‘É’, porque é a soma de todas as suas experiências e aceções, não obstante existe um grande fosso entre termos presente que somos ‘algo’ e assumirmos que somos esse ‘algo’.

É portanto, deste pressuposto de ‘ser algo’ e assumir-se como algo que nasce a nação¹⁸. A ela por sua vez, estão reservados poderes soberbos na determinação e

¹⁷ Segundo Elsa Peralta na sua obra “A Memória do Mar” a memória é uma capacidade individual que liga profundamente a identidade pessoal à colectiva pois é devido à partilha de crenças que os indivíduos se reconhecem e assumem possuir um passado em comum. Porém a autora refere ainda, mais à frente no discorrer da sua obra, que recordar é um acto puramente individual, sendo ele a reflexão da capacidade de memorizar. Peralta, Elsa (2008) *A Memória do Mar – Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas pp. 23-86

¹⁸ Para Maurice Halbwachs a memória só o é em contextos colectivos, ou seja o proeminente sociólogo afirma na sua famosa obra *On Collective Memory* que cada indivíduo recorda por si, mas que somente quando num grupo, ou diferentes grupos de pessoas é que esta capacidade realmente ‘funciona’. Já em 1973, surge um agora afamado antropólogo de nome Clifford Geertz com a sua obra *The Interpretation of Cultures*, onde afirma que não só as memórias são individuais mais inevitavelmente colectivas, como as mesmas são perpetuadas no tempo, através do simbólico que é transmitido de geração em geração. Halbwachs, Maurice (1992) *On Collective Memory*, Chicago, University of Chicago Press e Geertz, Clifford (1973) *The Interpretation of Cultures*, New York, Basic Books

orientação do Estado, como o recurso à memória para reclamar a pertença a determinados territórios¹⁹. Daí poderão resultar ameaças e consequentes conflitos.

As ameaças que surgem podem ser de variadas etiologias e sob diversos estandartes, porém a segurança e defesa de um estado e da sua nação são algo de indubitável importância. A necessária prossecução dos objectivos próprios ao Estado, são manter a integridade geográfica e territorial, a igualdade social, o equilíbrio económico, a capacidade militar, educativa, de saúde e legislativa²⁰.

Afigura-se de tal modo, necessário garantir estas duas condições, de segurança e defesa, pois é delas, que directamente depende a subsistência e sobrevivência daquela que é a principal organização das sociedades de direito, o Estado. A força interna de um Estado é tal, quanto for a debilidade do sentimento de segurança que à nação se acomete. Com isto, pretende-se que o sentimento de segurança, que a percepção da realidade, ao invés da realidade em si, sejam proprietárias de um sentimento de segurança tal que à sua nação não seja possível uma derrota²¹, como as observadas pelos campos minados deixados, no ocidente marcado e assolado pelo terror.

Desde cedo este conhecimento foi adoptado pelas organizações das sociedades, como forma de vincular as identidades e o sentimento de identidade nacional a um

¹⁹ Segundo Shlomo Sand, na sua obra “The invention of the Jewish People” a memória é algo que passa de geração em geração, que é transmitida através da escrita, gráfica e verbalmente. O território ao qual pertence então determinada nação, dada a sua memória colectiva deve ‘ser seu’.

Sand, Shlomo (2009) *The Invention of the Jewish People*, London, Verso pp. 14-63

O mesmo autor afirma ainda que “(...) in the modern world, the collective ownership of a national territory has a strength equal to the right of private property, all respectable nationalist had from now on to claim back territories (...)”. Sand, Shlomo e Renan, Ernest (2010) *On the Nation and the ‘Jewish People’*, London, Verso, pp 20-21

Ainda sobre isto a investigadora Elsa Peralta, tem algo a dizer, na sua obra “A Memória do Mar” a autora, refere que o poder de legitimação do estado está intrinsecamente ligado à memória colectiva que este detém. Peralta, chega mesmo a afirmar que “(...)o Estado consegue garantir a legitimação dos poderes instituídos, quer sejam de âmbito nacional, regional ou local devido à sua capacidade de se recordarem enquanto uma nação.” Peralta, Elsa (2008) *A Memória do Mar – Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas pp. 61

²⁰ Sua excelência o Senhor General Dias Loureiro abordou este tema em diversas palestras pelo que a ideia base que aqui está contida deriva da assistência às mesmas.

²¹ Existem diversos estudos e definições para o que é a segurança e a defesa, no entanto o que se insinua como mais inteligível é que, a segurança é uma noção e uma construção individual. O sentimento de segurança é o mais importante e a inexistência do mesmo, pode provocar a derrota psicológica de uma nação. Friedman, Robert (2012) *A Próxima Década - onde temos estado... e para onde nos dirigimos*, Dom Quixote

determinado território. Segundo o Almirante Victor Carajabille²², *a segurança é um pré-requisito para o desenvolvimento de todas as outras atividades*. É desta forma que a segurança funciona. Estando desta forma demonstrada a necessidade de defender este sentimento. Porém é difícil definir de que forma se assegura a defesa de tal princípio. Como tal é função do Estado buscar uma forma de permitir que todos os indivíduos que lhe ‘pertencem’ sintam essa segurança, proporcionada por um bom sistema de defesa, surgindo assim a Política de Defesa Nacional que, *é o conjunto de atos que permitem ao Estado proteger-se de uma ameaça pontual, latente ou concretizada, que afete os interesses nacionais*²³. A Política de Defesa Nacional é parte integrante da Política Nacional e, as suas características são determinar os objectivos de defesa (o que fazer?), as medidas de defesa necessárias (onde e quando agir?) e ainda as ações de defesa propriamente ditas (com que agir e como agir?). A defesa do estado é portanto o modo como o próprio Estado, percepção as ameaças externas, negocia os acordos com outros Estados e perspectiva qual poderá ser o seu futuro, tendo em consideração as alterações próprias do SPI. A Segurança e defesa do Estado, são deste modo, esferas intimamente ligadas ao desenrolar da política interna e à prossecução da política externa.

I. 1. 2. A Dimensão Externa: a construção de ‘uma’ Política Externa

“(…) a compreensão do processo de formulação da política externa é tão importante, se não mais importante, do que a compreensão dos outputs da política externa.”

in Política Externa: As Relações Internacionais em Mudança, 2011

²² Carajabille, Victor Manuel Bento e Lopo (2011) *Segurança e Defesa No Mar*, Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa - Instituto de Estudos Académicos para Sêniores

²³ Ribeiro, António Silva (2011) *Segurança e Defesa Nacional*, Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa - Instituto de Estudos Académicos para Sêniores

A posição dos diferentes actores do SPI é fundamentalmente definida em virtude da política externa que estes mesmos adoptam. Por sua vez, o conjunto de medidas que constituem a política externa, são desenhadas de acordo com os diferentes modelos teóricos tendo por base o integracionismo de sistemas e a relação entre as esferas internas e externas dos próprios Estados²⁴.

O peso que se atribui às esferas interna e externa na elaboração de ‘uma política externa’ varia consoante os estados, não existindo uma fórmula matemática que a defina. Não obstante, é-nos possível afirmar que a formulação da política externa de determinado estado, é conseguida através da conjugação dos interesses internos e das relações externas e ainda, graças ao “carácter co-constitutivo” que estas esferas interna/externa representam, sendo que nunca podemos esquecer que é a deliberação humana, ou seja que a opinião pública é o factor mais importante no que toca à estrutura de acção e comportamento do Estado²⁵.

Não podemos conceder à agenda interna de um estado, o poder soberano de estabelecer prioridades de agenda externa, pois como já referido atrás existem alguns actores internacionais que podem ocasionalmente surgir enquanto moderadores externos que condicionam à alteração das prioridades que até então, segundo regra geral seriam estabelecidas com recurso aos interesses internos. Dessa forma assumiremos o constante negociar de poder que as esferas internas e externa vão alternadamente assumindo/desempenhando no desenrolar da criação de uma política externa.

Além de tudo o que foi previamente referido, os principais vectores de formulação da política externa de determinado estado, são os processos de decisão estratégica (PDE) e a política interna do próprio estado. Dessa forma torna-se objectiva a necessidade de avaliação daquilo que serão os padrões únicos e genéricos bem como o

²⁴ Nogueira, José Manuel Freire (2011) *O Método Geopolítico Alargado - Persistências e contingências em Portugal e no Mundo*, Lisboa, IESM

²⁵ Snyder, R.C, Bruck, H.W. e Sapin, B. (1954) “Decision-Making as an Approach to the Study of International Politics”, *Foreign Policy Analysis Project Series No. 3*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press

estilo e a personalidade da figura de liderança.

De tal modo que teremos uma estrutura muito semelhante à disposta ao lado.

O estudo da política externa de determinado país, deve desta forma, ser feito por diferentes etapas: (1) uma primeira que assente numa análise de perspectiva politológica com um sentido ‘interno-externo-interno’, sendo seguida (2) por uma análise de perspectiva internacionalista que comece pelo estado do ambiente envolvente e particularize em direcção ao estado, ou seja, num sentido ‘externo-interno-externo’.²⁶

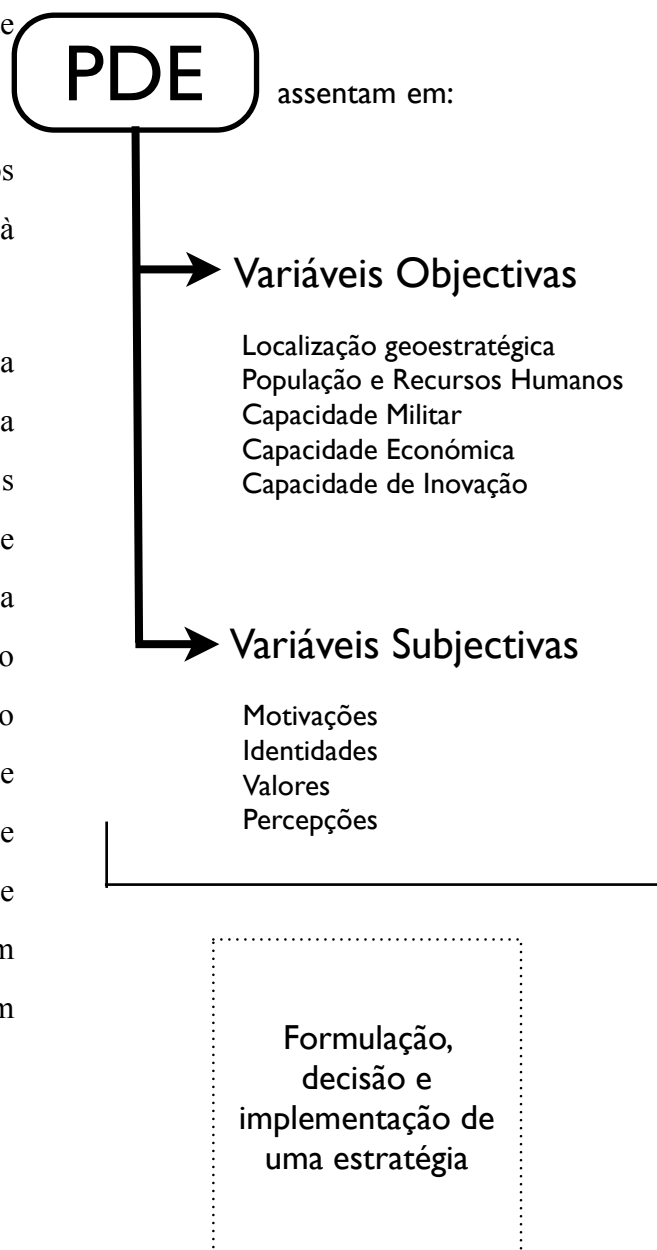


Fig. 2. Processos de Decisão Estratégica

²⁶ Santos, Vítor Marques (2012) *Elementos de Análise de Política Externa*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

I. 1. 3. O Conflito

“Não se pode ensinar tudo a alguém, pode-se apenas ajuda-lo a encontrar por si mesmo”

Galileu Galilei

Um individuo é a soma de todas as suas aceções e concepções. Desta forma, também as sociedades se organizam e estruturam. Individualmente cada ser humano constrói a sua própria identidade com recurso ao conflito, entre os ideais internos e as influências externas. Esta construção está longe de poder caracterizar-se como pacífica. É detentora de um sem número de questões e a sua denominação está constantemente a sofrer alterações, variando como tal no tempo, a definição em si própria da identidade.

A temática do conflito é, portanto, transversal a muitas outras. É ponte de ligação entre as esferas que compõem o ambiente pessoal e o colectivo, dado que estabelece elos de relação entre os conglomerados pessoais e as suas construções psicológicas, como revelam as suas conexões psicológicas e o vínculos económicos, legais e militares das nações.

O Conflito é algo inerente a todas as espécies, e à humana em particular, já que somos o ser vivo com maior conhecimento e consciência de si próprio. Falar em conflito é debruçar-se sobre um tema vasto, com múltiplas definições e aceções, a sua análise é um caminho pejado de dificuldades. É portanto, necessária uma definição base sobre a qual nos apoiamos, para depois e só depois ser possível uma análise da sua construção.

O conflito²⁷, é portanto uma relação, é uma forma em que pelo menos duas partes se relacionam. Possui um carácter transformador a nível pessoal, social e político ²⁸ e, a sua caracterização pode ser feita através de vários indicadores: níveis de complexidade;

²⁷ “Um conflito é um tipo de relacionamento. (...) é um processo social multidimensional que pode servir de catalisador para a transformação (...)” Pignatelli, Marina (2010) *Os Conflitos Étnicos e Interculturais*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp 19-21

²⁸ Couto, Abel Cabral (1988) *Elementos de Estratégia*, Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares e Nye Jr., Joseph S. (2011) *Compreender os Conflitos Internacionais - Uma introdução à teoria e à história*, Lisboa, Gradiva

intensidade e direcções que comporta. As suas componentes em análise variam desde a hostilidade, a violência e agressividade enquanto formas de intensidade, e entre direcções positiva, negativa, neutra e ambígua.

Um conflito auto-define-se e a análise básica do mesmo é completa após o cumprimento de três requisitos básicos, (1) a determinação do tipo de relação e o seu enquadramento, (2) as escalas das partes e por fim, (3) as motivações. Para enquadrar um determinado conflito, torna-se necessário inicialmente seguir um breve raciocínio que preencha o primeiro nível de informações em relação ao mesmo.

As situações de conflito podem ser evitadas, desde que sejam cumpridas as necessidades humanas para que não exista um colapso. Estas, são a integridade física, o abastecimento, o regular funcionamento da satisfação de necessidades básicas e as condições climatéricas. Ou seja, um conflito, como já referido é uma relação entre pelo menos duas partes, que por alguma ou algumas razões entram em rota de colisão. Segundo o General Loureiro dos Santos, a escassez de bens é uma das principais razões que determinam o início de um conflito. Entenda-se que quando este autor refere esta escassez de bens não se referia só a bens materiais, mas também os de uma visão geopolítica e geoestratégica, ou seja, não só bens de consumo, mas bens de integridade territorial, de organização política e bens cujo factor de indispensabilidade levariam à continuidade e viabilidade de se entrar ou não em conflito.

I. 1. 3. 1. O Processo do Conflito

A análise do processo conflitual, como já referido atrás, reflete de alguma dificuldade. Dessa forma, verificou-se assim necessária a organização da mesma segundo alguns critérios, sobre os quais nos debruçamos em seguida.

O primeiro, deriva desde logo do nível de análise que, antecede a própria definição de conflito, uma vez que será neste nível que vamos definir se o processo sobre o qual nos debruçamos, se enquadra realmente no contexto de um conflito.

Existem dois tipos de processos sociais derivados, os associativos e os dissociativos. O conflito é um tipo de processo dissociativo em que os indivíduos individual ou colectivamente, desenvolvem uma acção intencional, estando conscientes dos seus actos, através do qual almejam uma aniquilação, sujeição ou defesa de terceiros, nomeadamente seus rivais ou adversários²⁹. Passando este primeiro nível de análise, poder-se-á incorrer num estudo sobre o processo social dissociativo que caracteriza o conflito.

Em 1996, é proposta uma Teoria do Conflito, pelo investigador social Johan Galtung³⁰. O autor, constrói a sua proposta assente na categorização segundo parâmetros que definem o processo conflitual desde uma disputa (duas pessoas que conflagram por um objectivo) a um dilema (uma pessoa que conflagra consigo própria em virtude de dois ou mais objectivos).

Na sua obra ‘Peace by Peaceful Means: Peace and Conflict, Development and Civilization’, aquele autor desenha um triângulo de conflitos, afirmando que embora todos os conflitos fossem diferentes, possuíam elementos comuns e, que era através desses mesmo elementos que poderíamos classificar e compreender de tal forma os conflitos que se nos tornaria possível a sua solução, resolução ou dissolução³¹. Estes elementos comuns seriam, as atitudes, os comportamentos e a contradição (os três

²⁹ O tipo de processo dissociativo que o conflito comporta é “(...) um afrontamento em torno de valores e de reivindicações relativas a recursos, estatutos, direitos ou poder, em que cada um dos oponentes visa neutralizar, ou causar danos ou eliminar o seu adversário”. Couto, Abel Cabral (1988) *Elementos de Estratégia*, Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares pp. 100 citando L.Coser.

Por sua vez, e segundo Marina Pignatelli, o processo dissociativo do conflito é “(...) quando os indivíduos ou os grupos (...) procuram sujeitar, destruir ou derrotar um rival ou defender-se(...)” Pignatelli, Marina (2010) *Os Conflitos Étnicos e Interculturais*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas pp. 21.

Finalmente Segundo António de Sousa Lara, o conflito é uma luta violenta, um tipo de processo social dissociativo semelhante ao definido por Vilfredo Pareto. Ou seja, para ambos os autores, o ser humano é um ser social pelo que um dos processos primários dessa sociabilidade é o contacto social, sendo que um dos seus tipos processuais se pode verificar sobre a forma dissociativa, nomeadamente através do conflito. Lara, António Sousa (2011) *Ciência Política - Estudo da Ordem e da Subversão*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp.178

³⁰ Johan Galtung nasceu a 24 de Outubro de 1930 na cidade de Oslo. Licenciado em Sociologia e Doutorado na mesma e em Matemática é reconhecido internacionalmente como sendo o Pai, dos estudos de paz. Actualmente conta com mais de 150 livros publicados e é conselheiro regular de diversos governos, procurando arduamente propagar os estudos para a paz. Mais informações sobre a vida e obra de Johan Galtung, estão disponíveis em <http://www.galtung-institut.de/welcome/johan-galtung/>

³¹ Pignatelli, Marina (2010) *Os Conflitos Étnicos e Interculturais*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

vértices de um triângulo equilátero³² desenhado por Galtung).

Permanentemente verifica-se ser necessário, que ocorra uma negociação entre os diferentes tipos de conflito em análise. O maior exemplo disso é conseguido através dos trabalhos de

Woodhouse e Duffey, uma vez que as Bases Objectivas e Subjectivas se influenciam mutuamente e conferem novas propriedades recíprocas, conforme os conflitos vão evoluindo no decorrer do tempo e em virtude das influências internas e externas a que as suas interacções e eles próprios estão sujeitos.

A análise trazida por Ury e Fisher é também de interacção uma vez que os factores em análise permitem recorrer uns dos outros para uma melhor tipificação dos conflitos. *A Raiz do conflito depende da estrutura dos envolvidos e da relação que têm*³³. Mais se poderá analisar pela tabela que se segue.

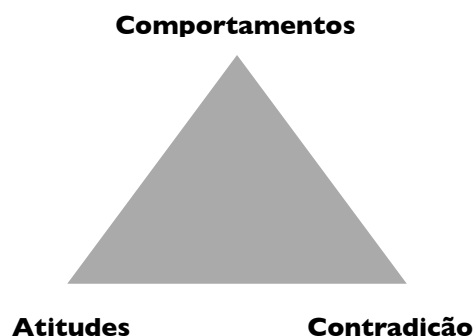


Fig. 3. Triângulo de Conflitos - Adaptado de *Os Conflitos Étnicos e Interculturais*

	Tipificação de Conflitos	Bases	Objectivos/ Motivações	Conclusões
Woodhouse e Duffey, 2000	Bases Objectivas (Visão Instrumentalista)	Interesses / Recursos Escassos	- Bens e posições - Rendimento - Status - Poder - Terra (território) - Posição ecológica	Ganha/Perde Vitória Total/Derrota Total/ Compromisso
	Bases Subjectivas (Visão Expressiva)	Valores	- Sentimentos - Comportamentos - Atitudes de hostilidade - Agressividade - Ressentimento - Ódio - Percepções que impossibilitam a racionalidade na comunicação	Bases objectivas evoluem e conflagram com os valores (bases subjectivas)

³² Origem do triângulo equilátero de Galtung surgiu no decorrer da investigação do mesmo. O autor criou o triângulo ao estudar as três fases em que ele compreende os conflitos (1) antes, (2) no durante e (3) após. Galtung refere que dependendo do tipo de conflitos e dos objectivos dos mesmos, estes podem ser ainda classificados como comportamentais, culturais ou de violência pura, referindo que sem dúvida nenhuma a sua periodicidade é cíclica. Ziyadov, Taleh (2006) "The Galtung triangle and Nagorno-Karabakh conflict", *Caucasian Review of International Affairs*, Vol 1 Winter 2006, pp.31-41 disponível em http://cria-online.org/1_3.html

³³ Pignatelli, Marina (2010) *Os Conflitos Étnicos e Interculturais*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

	Tipificação de Conflitos	Bases	Objectivos/ Motivações	Conclusões
Campbell, 1965	Realistas	Existe uma causa e fim real		
	Não Realistas	Derivam de Impulsos		
Urye Fisher, 1981	Posições	Exigências e Tomadas de posições		Conflitos Simétricos e/ ou Conflitos Assimétricos
	Interesses	Questões Subjacentes		
	Valores	Ideologias		

Tabela 1. Vectores em Análise na tipificação de um conflito
- adaptado de *Os Conflitos Étnicos e Interculturais*

I. 1. 3. 2. Factores de Análise num conflito

Após uma análise das diferentes tipificações dos conflitos, torna-se necessário uma abordagem aos factores a ter em conta numa análise. Os conflitos não devem, nem podem ser analisados exclusivamente segundo as suas bases, subjectividade, ideologias ou interesses, mas sim de uma conjugação de todos esses princípios. Em adição a estes, deve ainda recorrer-se aos factores em análise, pois a tipificação de conflitos anteriormente abordada refere uma única esfera em análise, a das motivações, enquanto os factores em análise num conflito avaliam a situação ‘real’, as tomadas de decisões em si e as metodologias utilizadas para auxiliar à caracterização de determinado conflito.

Analisa-se as diferentes intensidades, direcções e complexidades, para que se torne possível um quadro que possibilite uma tomada de decisão estratégica completo. Ou seja, a ambição de uma análise de conflito do ponto de vista, fenomenológico, tipificado e realista é a possibilidade de se obter uma observação de conflito, segundo a

forma de *Big Picture*. Desta forma, procedemos em seguida à descrição daquilo que deve e pode ser analisado.

- **Intensidade** - A Intensidade de um conflito é ‘medida’ em virtude da Agressividade, da Hostilidade e da Violência nele presentes.

A Agressividade passa desta forma por cinco níveis, nos quais existe um aumento/ agravamento da combatividade, conforme se extravasa de um nível para o seguinte.

Agressividade ao nível Individual	1º Rixa	Confrontos verbais
	2º Peleja	Confrontos verbais e ligeiras alterações físicas
	3º Duelo	Confrontos verbais, alterações físicas e com recurso a armas
Agressividade ao nível Colectivo	4º Feud / Vendetta	Confrontos cujo objectivo é a morte do adversário mas com compensações
	5º Guerra	Confronto de Interesse Público no qual ‘vale tudo’

Tabela 2. Níveis de Agressividade

Fonte: Pignatelli, 2010; Clausewitz, 1976; G. Bouthoul, 1971

A análise da Hostilidade, presente num conflito ou numa situação pré-conflito, é uma análise à tensão existente e à real propensão para a ocorrência ou escalada de níveis de conflito.

Violência é a última medida em análise, no que concerne às intensidades de um conflito. Esta está presente sob três formas, a Macro, Meso e Micro. A primeira respeitante ao número de indivíduos envolvidos e relativamente às estruturas sociais e estatais (ex: nível global, internacional, nacional); a segunda relativa a organizações e instituições; por último a terceira forma, Micro, diz respeito a violência entre indivíduos ou pequenos grupos de identificação.

Ainda na análise da violência patente num determinado conflito é importante distinguir se este é do tipo directo, estrutural ou cultural³⁴.

³⁴ Galtung, Johan (1990) “Cultural Violence” in *Journal of Peace Research*, N°27, pp 291-305

- **Direcção** - As relações conflituais entre indivíduos carecem de análise e, no decorrer desta, sentiu-se a necessidade de definir a direcção que as mesmas tomam. Assim definiu-se que um conflito pode adoptar uma direcção positiva, negativa, neutra ou ambígua.
- **Complexidade** - Um conflito é tão complexo, quanto maior é o número de intervenientes, de actores e facções. Assim, a par com a Agressividade, a complexidade de determinado conflito vai desde o nível individual ao colectivo e de elementar a complexo em virtude da conjugação de actores e de diferentes metas³⁵.

Nível Individual	Conflito Interior, Familiar, relações afectivas, razões profissionais e económicas
Nível Colectivo	Conflito nos diferentes planos da vida, entre grupos, sobre questões de etnicidade, políticas e económicas

Tabela 3. Níveis de complexidade de um conflito
adaptado de Galtung 1996

Estes tipos de conflitos, até agora abordados são os conflitos sociais, já que os outros, entram na esfera da psicologia, temática que não se revela de interesse para o actual trabalho.

Há (...) que situar sempre o actor do conflito - se é dele com ele mesmo, com as suas partes ou com outro/s. No conflito social - a luta pelos valores ou exigências de status, poder e recursos escassos - o objectivo das partes em conflito é, não só o ganhar destes, mas também o neutralizar, ferir ou eliminar o seu rival. Podem ocorrer entre indivíduos, colectividades, entre indivíduos e colectividades - com diferentes graus ou sistemas de organização, de acordo com uma tipologia que se possa construir.

in Os Conflitos Étnicos e Interculturais, 2010

É nos possível distinguir agora, duas dimensões de análise num conflito, a primeira relativa às bases, objectivos, ideologias e motivações e uma segunda dimensão

³⁵ Para mais sobre esta questão consultar a obra de Galtung, Johan (1996) *Peace by Peaceful Means: Peace and Conflict, Development and Civilization*, International Peace Research Institute, Oslo, SAGE Publications, pp.77

na qual podemos analisar os acontecimentos em si, através de diferentes factores que permitem uma distinção entre níveis, intensidades, complexidades e direcções.

Poder-se-ia continuar a explorar as diferentes classificações existentes para os Conflitos, porém e em virtude de esse não ser o objectivo do presente trabalho, iremos apenas referir mais algumas que se consideram de interesse para enquadrar e para demonstrar que existem diversas formas de classificação.

LeVine em 1961³⁶, distinguiu cinco diferentes formas que indicavam uma situação de conflito. O autor elaborou um quadro explicativo, pois o seu objectivo era a resolução e mesmo a prevenção de conflitos. Por sua vez, o MIT também desenvolveu uma tipologia própria, tal como David Carment³⁷ que distinguia os conflitos entre irredentistas, anti-coloniais e separatistas ou secessionistas.

Fraser afirmava que para se compreender um conflito era necessário criar um modelo “interpretativo e de análise”³⁸ e, que por sua vez a Teoria dos Jogos³⁹, tentava avaliar e determinar o que devia acontecer.

Após um conflito estar instalado (Fig. 4), dá-se a sua rotinização surgindo desta forma, a possibilidade de criar um ciclo de conflitos (Fig. 5).

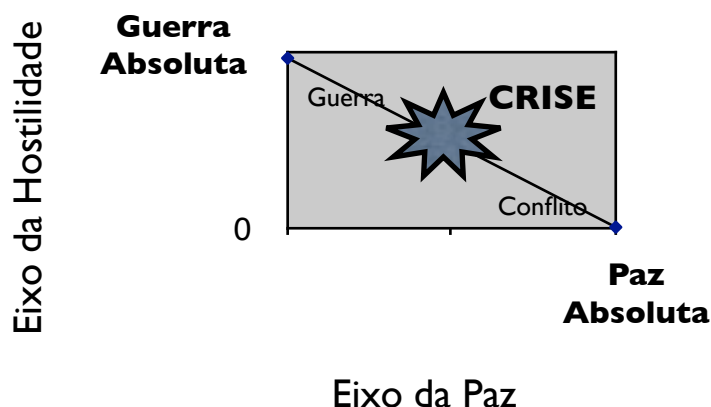


Fig. 4. O Conflito

³⁶ Levine, Robert A. (1961) “Anthropology and the Study of Conflict: An Introduction” in *The Journal of Conflict Resolution*, Vol.5, nº1, pp 3-15

³⁷ Carment, David (1993) “The International Dimensions of Ethnic Conflict: Concepts, Indicators and Theory”, *Journal of Peace Research* Vol.30, 2 pp.137-150

³⁸ Pignatelli, Marina (2010) *Os Conflitos Étnicos e Interculturais*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp. 179 citando Fraser, Niall e Hipel, Keith (1984) *Conflict Analysis - Models and Resolutions*, New York, North-Holland Series in System Science Engineering, Andrew P. Sage Editors

³⁹ A Teoria dos Jogos é baseada num conjunto de cálculos matemáticos que avaliam e atribuem valores aos diferentes vectores em acções, procurando determinar possíveis resultados ou desfechos para as situações de conflito.



Fig. 5 - Ciclo do Conflito adaptado de *Os Conflitos Étnicos e Interculturais*, p.172

Capítulo II: Irão

“A água é tão indispensável ao ser humano, como o território o é para os Estados e suas nações.”

Autor Desconhecido

II. 1. Uma visão Geopolítica

A Geopolítica é mais um método que uma ciência, recorre à história, à geografia, às ciências naturais (como a geologia e botânica) e ainda à política, para analisar os equilíbrios de poder entre estados e nações que possam servir de mais valia para a estratégia de um Estado, na sua dimensão interna ou externa. Difere da geografia política, pois esta pretende apenas analisar a distribuição de poderes de Estados e não aplicar esses conhecimentos para outros objectivos.

A Geopolítica determina, o valor geopolítico de certa região. Sendo que para tal, recorre às temáticas já mencionadas, através das quais estabelece elos de ligação entre diversas redes: as culturais, políticas, económicas e de recursos⁴⁰. De tal forma, que a análise geopolítica é realizada através do cumprimento de certas etapas de pesquisa de entre as quais destacamos a geográfica e a histórica.

O Irão tem um território de 1 648 000 km²⁴¹, com mais de 2000km de limites marítimos⁴², de entre os 7300 km que totalizam os limites fronteiriços do país, sendo

⁴⁰ Defarges, Philippe Moreau (2003) *Introdução à Geopolítica*, Viseu, Gradiva

⁴¹ Os dados utilizados foram retirados da *factsheet* da Agência Internacional de Energia Atómica, a IAEA disponível em <http://ola.iaea.org/ola/FactSheets/CountryDetails.asp?country=IR>

⁴² Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp.514

que a sua maior fronteira terrestre é com o Turqueministão, Azerbaijão e Arménia⁴³. As características climáticas de todo o território iraniano são profundamente rigorosas, conferindo ao país um gradiente termopluviométrico⁴⁴ muito grande. O território é desta forma dividido em três grandes áreas: (1) uma com temperaturas abaixo dos 10°C constantes, (2) outra com temperaturas acima dos 30°C, e (3) finalmente outras com temperaturas médias de 20°C, tornando-se possível afirmar que o Irão com o seu vasto território possui características de deserto árido e floresta húmida.

Topograficamente a região é profundamente demarcada pela existência de grandes cadeias montanhosas de origem vulcânica a norte, sul e oeste, cujas altitudes ultrapassam os 4000 metros⁴⁵, conferindo ao país uma abundância extrema de recursos minerais. O Irão possui 3 grandes bacias fluviais, sendo no entanto em grande parte difícil a navegação nos rios iranianos verificando-se duas únicas excepções, com o rio Karun com aproximadamente 890 km de comprimento (maior rio do país) e com o rio Arax com 800 km de comprimento. O Mar Cáspio com uma área molhada de 420 000 km², é detentor de um grande orgulho de identidade nacional, o caviar⁴⁶, que associado às suas dimensões, o tornam como o maior e mais conhecido mar interior do mundo.

Em virtude das suas condições climatéricas e topográficas quase a totalidade das actividades de agricultura foram abandonas, observando-se um conglomerado populacional nas zonas urbanas.

⁴³ Os três países são ex-URSS. A URSS era a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, mais conhecida por União Soviética que existiu entre 1922 e 1991. Formou-se após a revolta bolchevique que ambicionava derrubar o regime imperial que governava o país. O novo regime era governado a partir da cidade de Moscovo pelo partido Comunista, tendo sido o seu grande líder Josef Stálin.

⁴⁴ O Gradiente Termo-pluviométrico é obtido através da elaboração de um gráfico que ilustra as variações de temperatura e precipitação para uma dada região, num determinado espaço de tempo. Mais dados sobre a variância térmica e pluviométrica do Irão podem ser encontrados no artigo Tabari, Hossein; Talaei, P. Hosseinzadeh; Ezani, Azadeh; Some'e, B. Shifteh (2011) "Shift changes and monotonic trends in autocorrelated temperature series over Iran", *Theoretical and Applied Climatology*, Springer

⁴⁵ A altitude das regiões montanhosas no Irão pode ser analisada através da interpretação de mapas topográficos, como o disponível em http://www.worldofmaps.net/uploads/pics/topographische_karte_iran.jpg

⁴⁶ O caviar é obtido através das ovas de algumas espécies de esturção. Já foi para consumo exclusivo dos Czares da Rússia, das casas Reais pela Europa e mesmo só para o Sha'a do Irão. O Caviar é um produto importante para a economia e orgulho nacional do Irão, pois as espécies das quais se obtém o caviar mais saboroso e consequentemente mais caro, provêm do Mar Cáspio. Mais dados sobre os diferentes tipos de caviar estão disponíveis em <http://casadocaviar.com/produtos.html>

O Farsi⁴⁷ é a língua oficial Iraniana, existindo porém ainda alguns dialetos Turcos, Curdos e Balochi num total de 35% da população entre outros. A maior presença étnica é persa atingindo uns cerca de 65% dos Iranianos, possuindo ainda no seu território minorias étnicas⁴⁸ com dimensão considerável como os Azeri (origem Azerbaijã), os Curdos, os Lur, os Baluchi⁴⁹ e ainda Zoroastras, Judeus e Cristãos⁵⁰. A população do Irão ultrapassou os 76 milhões de pessoas⁵¹ em 2012 estimando-se actualmente que estejam a atingir os 79 milhões, de entre os quais 89% a 90%⁵² são Muçulmanos Shiitas, e a sua composição demográfica é composta maioritariamente por jovens e adultos com as idades compreendidas entre os 15 e os 50 anos de idade.

O mercado económico interno da R.I.I. é elevado apresentado uns notáveis 514 mil milhões de dólares de PIB (GDP)⁵³. Quando comparada com os seus vizinhos muçulmanos a R.I.I. tem melhores índices tanto de escolaridade como de condições de vida, numa situação pós revolucionária e não anterior. No entanto os anos de isolamento internacional levaram a um sobre-desenvolvimento da indústria da Defesa em desaproveito de outras, tais como a da saúde e a do desenvolvimento tecnológico, além bélico.

⁴⁷ “É a língua oficial do Governo e a língua-mãe ensinada nas escolas. É falada por mais de metade da população da R.I.I.” Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp. 516 e art. 15.º Capítulo II. da Constituição da República Islâmica do Irão disponível em [http://faculty.unlv.edu/pwerth/Const-Iran\(abridge\).pdf](http://faculty.unlv.edu/pwerth/Const-Iran(abridge).pdf)

⁴⁸ Beehner, Lionel (2006) “Iran’s Ethinc Groups” *Council on Foreign Relations*, disponível em <http://www.cfr.org/iran/irans-ethnic-groups/p12118>

⁴⁹ Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp.443

⁵⁰ Estas três minorias são as únicas reconhecidas pela Constituição Iraniana, como podendo realizar as suas práticas religiosas. Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp.524 e art. 13.º e 14.º, Capítulo I da Constituição da República Islâmica do Irão, disponível em http://www.iranhrdc.org/english/human-rights-documents/iranian-codes/3017-the-constitution-of-the-islamic-republic-of-iran.html?p=7#_Um4_XxZH2po

⁵¹ Os dados foram recolhidos do *The World Bank - Working for a World free of poverty*, disponível em <http://data.worldbank.org/country/iran-islamic-republic>

⁵² “Shiites make up strong majorities in Iran (90 percent)” disponível em <http://www.cfr.org/religion/shia-muslims-mideast/p10903#p2>

⁵³ *The World Bank - Working for a World free of poverty*, disponível em <http://data.worldbank.org/country/iran-islamic-republic>

A R.I.I. é um país muçulmano não árabe, facto que dificulta relações com os países vizinhos uma vez que este, não pertence à Liga Árabe. Porém a nível interno o principal sistema de identidade e de organização social é o parentesco, tal como em outros países muçulmanos⁵⁴. Desta forma, pode verificar-se que o sistema de parentesco é unilinear e de descendência patrilinear, com prevalência do primogénito e que a organização predominante de família no país é extensa de arranjo patrilocal⁵⁵.

No que concerne ao matrimónio e contrariamente ao que se pensa no Ocidente, a predominância é a da monogamia, sendo quase exclusiva a prática de poligamia às famílias mais abastadas. Nas zonas rurais, independentemente da tipologia, a escolha de conjugues é categoricamente endogâmica⁵⁶ e praticada em idades muito precoces, contrariamente ao observado nas grandes zonas urbanas e em especial na capital, onde actualmente existe uma grande liberdade de escolha de parceiros, protelando o matrimónio até idades, nas quais é mais commumente praticado no Ocidente.

Hoje o casamento já é realizado sem a necessidade do dote, o *mahr*, e apesar de ir contra o Corão, o divórcio já é aceite neste país. Contudo, o celibato ou a homossexualidade não são de todo aceitáveis e a viuvez é fortemente combatida com recurso ao Sororato⁵⁷.

A organização social, inicia-se então no foro privado extendendo-se à forma de organização em sociedade. Nesta, várias famílias, *usra*, formam uma linhagem, de

⁵⁴ Mota, Victor (2008) “Segurança e Defesa na Área Mediterrânea”, *Jornal da Defesa*, Lisboa

⁵⁵ “O Parentesco é assim o resultado da conjugação de dois princípios: afinidade e consanguinidade. E o seu estudo deve começar pelas categorias (...) do quotidiano doméstico, ou seja, as designações adoptadas pelos parentes uns em relação aos outros.” Na definição de sistemas de parentesco, existem dois grandes grupos, o de filiação cognática ou unilinear em que os descendentes pertencem a ambos os grupos de identificação de origem (pai e mãe) ou somente a um deles, respectivamente. Especificamente ao caso a que nos reportamos, a filiação é unilinear do tipo patrilinear, ou seja “(...) o ego segue a linha de ascendência-descendência exclusivamente através de homens.” Seguidamente surge a necessidade de compreensão quanto às regras de residência, sendo que estas são patrilocais, ou seja de “fixação de residência junto ao pai do marido. (...) As regras de residência (...) influenciam a filiação porque determinam quem entra, sai, ou permanece em determinado grupo doméstico”. Batalha, Luís (1995) *Breve Análise sobre o Parentesco como forma de organização social*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

⁵⁶ A Endogamia é a prática de casamento entre primos cruzados.

⁵⁷ Na prática do Sororato a irmã da noiva substitui a mesma, pois a obrigação da família é para com o primeiro marido, com o qual a família já criou laços de ‘troca’. Hoebel, Edward Admanson e Frost, Everett L. (1976) *Cultural and Social Anthropology*, New York, McGraw-Hill Editions pp.191-192

nome *Asaba* ou *Badena*⁵⁸. Estas, por sua vez e quando em conjunto, dão origem a um Clã que é chamado de *Lhama*, cujo significado é a carne e a ligação genética, das pessoas que a este Clã pertencem. Em virtude da dimensão desta última estrutura, torna-se necessário que exista um líder, um sheik⁵⁹.

Poucas são as situações onde se observa a formação de uma subtribo, contudo se esta ocorrer é-lhe dado o nome de *Bath*, que significa ventre.

Estas estruturas são muito importantes pois conferem aos seus membros, não só uma identidade de pertença, como também uma sensação de protecção através da identificação dos seus pares. Deste modo, quando em situação de conflito, várias tribos tendem a unir-se originando, confederações ou principados, conhecidos por Emirados. Este é o princípio de organização social nesta tipologia de sociedades de estrutura preferencialmente clânica, como é o caso Iraniano. Porém para se perceber o porquê de estas estruturas, torna-se necessária uma incursão, mesmo que breve, pela história do país e das suas gentes.

II. 1. 1. Uma breve história

Historicamente a República Islâmica do Irão, é um país riquíssimo, com profundas influências tanto de invasores como de conquistas próprias. A sua ‘linhagem cronológica’ abrange diferentes períodos e impérios, que contribuíram para a construção do actual Irão. Desta cronologia, temos uma época que se destaca, logo após o período Helenístico e o domínio pelo império Assírio.

⁵⁸ A organização familiar muçulmana é extensa e atinge diversos níveis de complexidade. Destes o principal é o da família. Quando a organização atinge o nível do Clã cessa o poder familiar e o princípio da honra, começando aqui os poderes do direito, ou seja, da sharia. Mota, Vítor (2008) “Segurança e Defesa na Área Mediterrânea”, *Jornal da Defesa*, Lisboa

⁵⁹ Um sheik é um homem que possui o conhecimento e que está reconhecido para o difundir. Esta forma de organização de *Lhama* liderada por um sheik é comumente observada no Irão.

A dinastia Aqueménida, berço do Império Persa surge em 558 a.C. com a ascensão de Ciro II, o Grande, ao trono ocorreu a união das tribos provinciais Parsa e Medo, dando início ao grande “Império dos Persas e dos Medos”.

O Império Persa surgiu no século VI a.C. como uma maré colossal que engoliu todas as civilizações da Ásia Ocidental, originou um domínio gigantesco e constituiu o maior império que o mundo jamais conheceu. (...) A amálgama de culturas que absorveram chegou ao Ocidente muitos séculos depois e contribuiu para o lançamento dos alicerces do renascimento artístico-literário do século XIV.

A Pérsia encontrava-se no caminho das antigas rotas comerciais entre a Europa e a Ásia e foi uma encruzilhada através da qual, durante séculos, as ricas mercadorias do Oriente afluíram ao Ocidente.

in História do Homem, 1992

Ciro conseguiu esta união após a derrota da tribo dos medos que governava o território desde 1500 a.C.. Já nesta época se iniciavam debates e contendas sobre a construção e as bases da estrutura política que se pretendia dotar a Pérsia⁶⁰. Este grande império, inicia a sua trajectória descendente no primeiro meado do século IV a.C. após 36 anos de um reinado glorioso de Dário I, passando a pertencer ao Império Macedónio de Alexandre Magno. A morte deste último, provoca uma série de fracturas entre a elite Macedónia, levando a que só na Batalha de Ormuz em 224 d.C. é que um persa retorna-se ao poder do império, aquando da sua conquista, aos partos. O seu nome é Ardashir I e, a sua dinastia ficou conhecida, como a dos Sassânidas.

⁶⁰ Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp. 17

É no decorrer deste reinado que o zoroastrismo⁶¹ (Religião fundada pelo profeta Zaratustra e cujo princípio fundamental é a dicotomia entre o bem e o mal) toma uma posição oficial neste arranjo de sociedade. Durante a dinastia Sassânida, existiram batalhas com o império romano, e com os bárbaros heftalitas, sendo que os primeiros deixaram influências no segmento religioso, como é o caso do cristianismo. De entre os reis Sassânidas, aquele que é considerado o mais poderoso de todos foi Khosrow I⁶² que ficou conhecido pela vitória face ao Imperador Bizantino Justiano I, aumentando consideravelmente os seus domínios.

Em 570, nasce o homem que havia de alterar todo o paradigma, Maomé. Com ele, surge o profeta que anuncia uma nova religião cujos pilares são idênticos aos do Cristianismo e do Judaísmo, uma vez que esta religião, de seu nome Islamismo, surge a par das anteriores, como uma religião do livro, a Bíblia. Sob o estandarte do deus uno, o profeta consegue reunir tribos beduínas que à muito vagueavam pelos territórios da península arábica, sob uma única bandeira e com um único sentimento. O Corão (al Qur'an) surge como a palavra divina de deus, e é nele que vêm descritos os preceitos de uma vida, moral e legalmente. É através dele que Allah (deus), define a sharia, ou seja o código de leis que regem a vida à sociedade islâmica.

Nesta tipologia de sociedade não existe uma clara distinção, entre o que é a lei e a religião, pois aos seus olhos, a religião é lei, e quando recorrem a uma, estão simultaneamente a recorrer a ambas. A expansão do Islamismo, decorreu sem precedentes. Os exércitos árabes, após a morte do profeta Maomé em 632, expandiram simultaneamente a sua fé e todo o seu conhecimento tecnológico, até Espanha a nordeste tendo ainda atingido as fronteiras da Índia e da China a este⁶³.

⁶¹ O Zoroastrismo foi fundado por Zaratustra Spitman (commumente conhecido por Zoroastro) sendo a primeira das religiões monoteístas a ser estabelecida. Ao contrário das três religiões do Livro, o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, o Zoroastrismo apregoa um Deus incapaz de definir os caminhos que um pode escolher, os meios a que ele deve ou não recorrer. Para o Zoroastrismo cada um deve ser capaz de pensar e realizar o bem, sendo ele próprio igualmente capaz de discernir para si, o que é o bem e o mal, evitando viver e praticar o segundo. Esta religião defende que o mundo é inerentemente bom e que Deus, Ahura Mazda luta constantemente contra a influência negativa do espírito negro chamado Angra Mainyu. O seu livro sagrado é o Avesta e os praticantes do Zoroastrismo rezam perante ou na presença de fogo cinco vezes ao dia. Mais informações sobre o Zoroastrismo podem ser consultadas em Winston, Robert coord. (2004) *Illustrated Encyclopedia of the Human*, London, DK

⁶² Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp. 28

⁶³ Wawro, Geoffrey coord.(2010) *Historical Atlas*, London, Millennium House, pp 97

Entre 632-641 d.C., assiste-se ao último reinado Sassânida, sob o comando de Yasdgerd III, quando o Califado ‘engole’ o império Persa, invadindo o território com árabes muçulmanos, que gradualmente substituíram o zoroastrismo pelo islamismo⁶⁴. A sua influência e o seu conhecimento sem paralelo, face às sociedades contemporâneas, serviram de alicerces às sociedades modernas, nas esferas da economia, da matemática, das ciências e das artes.

O Califado Omíada de Damasco, expande-se completamente até à Pérsia entre os anos 715-717, e o seu desenvolvimento foi estrondoso, muito em parte graças à organização de estrutura social de bases tribais⁶⁵. Muito embora o seu desenvolvimento, em 750 d.C. Abdollah Saffah, primo do profeta, tornou-se o primeiro Califa da dinastia Abássida após a revolta de Khorassan, liderada pelo iraniano Abu Muslim⁶⁶.

Uma nova e grande mudança no curso da história Iraniana surge com Gengis Khan quando em 1218 d.C., o Irão é devastado e conquistado por Mongóis⁶⁷. Após a morte de Gengis Khan o Irão surge novamente em ascensão, pois o povo mongol que o habitava e os seus líderes, converteram-se ao islão e assimilaram a sua cultura.

Finalmente em 1501, foi fundada a dinastia Safávida, pelo Shah da Pérsia Ismail e o shiismo toma o lugar central enquanto religião e lei do estado. É sob esta dinastia

⁶⁴ A frase única, profunda e inspiradora de toda a devoção islâmica é a expressão de toda a sua ideologia. *Allah-o-Akbar*, que significa Deus é Grande, talvez seja uma das razões principais que permitiu a rápida troca do Zoroastrismo pelo Islão. A igualdade dos homens perante Allah, seria outra razão de muito peso, dada a multiplicidade de povos e de estratos sociais que existiam na Pérsia, porém talvez seja a sinergia criada entre estes dois factores e um terceiro de que por este Deus a vida seria dada de bom agrado, dado que vivos ou mortos seriam vitoriosos em nome Dele. Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp. 28-29

⁶⁵ “Apesar das contestações quanto à sua forma de governo, Muawiya era respeitado e, durante o seu califado, o Império muçulmano desenvolveu-se. Muawiya praticava uma forma de governo tradicional baseada no poder tribal, no qual os chefes tribais tinham que reportar directamente aos governadores provinciais do califa- os Emirs.” Silva, Teresa Almeida e (2011) *Islão e Fundamentalismo Islâmico: das Origens ao Século XXI*, Pactor, pp.38

⁶⁶ “Cerca de um século depois da Pérsia ser parte integrante do Mundo Muçulmano, um iraniano de nome Abu Muslim liderou uma revolta no Khorassan contra os governantes Omíadas, a favor de Abdollah Saffah, descendente de Abbas, um dos primos do Sagrado Profeta do Islão. (...) De então em diante, os iranianos foram penetrando cada vez mais na sociedade árabe e no mundo muçulmano, dando o seu contributo para o desenvolvimento da civilização, arte, literatura e ciência muçulmanas.” Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp. 31

⁶⁷ “Invasions of the Mongols and Tamerlane”, *U.S. Library of Congress* disponível em <http://countrystudies.us/iran/10.htm>

que o Irão é construído como o conhecemos, com um forte apego nacionalista e uma identidade nacional veemente e profunda em todos os seus cidadãos.

Algumas centenas de anos mais tarde em 1797, morre “o último conquistador Iraniano”⁶⁸, Agha Khan e Teerão é tornada capital do país. Daí em diante passa a ser local de interesse político e geoestratégico para diversas nações. Existe um interesse britânico em virtude do petróleo e do controlo da Índia, existem interesses russos no golfo pérsico e ainda interesses franceses. No entanto só em 1908, aquando da Revolução Nacionalista é que o Irão passa a ter uma constituição e um parlamento, entrando finalmente na era dos Estados Modernos.

Os precedentes da revolução Iraniana foram diversos, tendo o seu início sido observado em Outubro de 1977, aquando de uma revolta na Universidade Politécnica de Teerão.

A escalada de conflitos, notou-se a 8 de Setembro de 1978, quase um ano depois, na inesquecível *sexta-feira negra*, quando mais de 4000 pessoas foram mortas, em acções policiais, seguindo-se meses de paralisações cíclicas que culminaram na queda em flecha da produção de petróleo. A estagnação generalizada da economia nacional do Irão foi inevitável.

Estava aberto o caminho à mudança. A 16 de Janeiro de 1979, Muhammad Reza Pahlavi, Xá do Irão, abandona o país. O outrora apoiado, pelos Estados Unidos da América, líder Iraniano via no exílio a única hipótese de sobrevivência à revolução.

Aproximava-se o dealbar de uma nova era, tanto para a elite governante como para o povo iraniano. O Ayatollah Ruhollah Khomeini, regressa após o exílio em França, ao país em apoteose a 1 de Fevereiro de 1979.

(...) Aiatollah Ruhollah Khomeini regressava a Teerão em triunfo, entre enormes manifestações das massas. Tão carismático como Atatürk, seguiu contudo um plano político oposto: enquadrando-se num anterior paradigma, ao nível do discurso, do vestuário e do

⁶⁸ Costa, Helder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp. 36

comportamento, visava uma islamização fundamental da sociedade Iraniana, em vez da secularização.

in Islão - Passado, Presente e Futuro

O novo líder iraniano, almejava no entanto, não só um regresso às tradições religiosas ‘antigas’⁶⁹, como desenvolver o país a nível tecnológico e ainda alargar a islamização aos países de Ocidente. Contudo, “não existe uma única religião que domine o mundo”⁷⁰, tornando-se necessária a existência de um debate coerente que vise, obter acordos de entendimento. Sam Harris, diz que tal é impossível, chegando mesmo a afirmar que é esta necessidade incessante de promulgar a tolerância que gera ações radicais com consequências devastadoras⁷¹. Porém o Irão, é muito mais. É a maior teocracia do mundo, e o seu líder é responsável pelo país com maior percentagem⁷² de shiitas existentes.

Os seus vizinhos do golfo, temem a sua superioridade, invejam os seus recursos e ambicionam tomar o seu lugar enquanto ponto estratégico de excelência⁷³ e de rota comercial de grande interesse.

II. 1. 2. A Organização Política

A República Islâmica do Irão assume-se como uma república teocrática. Esta tem por base um sistema de organização do Estado em que o poder é atribuído aos

⁶⁹ “Os fundamentalistas querem fazer o mundo islâmico regressar aonde estava antes de o Ocidente cristão, o liberalismo e a modernidade poluírem o Islão puro.” Kagan, Robert (2009) *O Regresso da História e o fim dos sonhos*, Alfragide, Casa das Letras pp.125

⁷⁰ Ohlig, Karl-Heinz (2007) *Religião – Tudo o que é preciso saber*, Alfragide, Casa das Letras

⁷¹ Harris, Sam (2007) *O Fim da Fé*, Lisboa, Tinta-da-China

⁷² “Shiites make up strong majorities in Iran (90 percent)” disponível em <http://www.cfr.org/religion/shia-muslims-mideast/p10903#p2>

⁷³ “(...) a região é de uma importância tão vital para o resto do mundo.” Kagan, Robert (2009) *O Regresso da História e o fim dos sonhos*, Alfragide, Casa das Letras pp.125-126

membros religiosos. A estes por sua vez é reconhecida a deificação pelo que são seguidos sem questão, dada a sua natureza quase divina. A maioria shiita que caracteriza o país confere-lhe outras particularidades, como a sua especial apetência ao surgimento de fundamentalismos.

Por vezes surgem nestes membros religiosos, as características anteriormente descritas pois dotam um único indivíduo com a dupla capacidade de transmissor divino da fé e de decisor último da lei. A estes indivíduos é atribuído o nome de Imã e, a eles são acometidas particularidades que os tornam incapazes de cometer o pecado ou agirem de má fé, sendo que além destas é lhes reconhecida a capacidade da infalibilidade.

Um dos princípios básicos dos muçulmanos é forma como vivem, pois para eles a vida, deve ter um significado próprio de crescimento e aprendizagem. Esta via que percorrem é a sua *Jihad*. O significado literal de *Jihad* é esforço, e a sua relevância surge, pois este só o é, uma vez que surge da ânsia e procura de encontrar um caminho para *Allah*⁷⁴. Não obstante, este termo, desde sempre teve uma forte associação ao conflito e à violência, sendo um exemplo disso o verbo *jahada* cujo significado é empenhar-se, mas também o acto de ‘fazer guerra’. Para Shiitas fundamentalistas a *Jihad* é, contrariamente à maioria da população muçulmana, uma luta externa que implica toda a nação.

Desde o seu surgimento que o Islão é pautado por conflitos, veja-se uma Meca politeísta na qual os novos muçulmanos procuravam afirmar-se recorrendo à violência⁷⁵. Desta forma é possível classificar a *Jihad* em dois níveis diferentes, nomeadamente (1) a *Jihad Maior* que representa a luta interior de cada muçulmano e (2) a *Jihad Menor* que diz respeito à luta contra os infiéis⁷⁶. Ao segundo nível estão ainda associadas às direcções, defensiva e ofensiva. A primeira é respectiva de quando o

⁷⁴ Silva, Teresa Almeida (2011) *Islão e Fundamentalismo Islâmico: das Origens ao Século XXI*, Lisboa, Pactor pp.56 e Costa, Hélder Santos (2003) *O Martírio do Islão*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas pp. 43

⁷⁵ Küng, Hans (2011) *Islão: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Edições 70

⁷⁶ Costa, Hélder Santos (2003) *O Martírio do Islão*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas pp. 47-48

Dar-al-Islam é atacado pelo *Dar-al-Harb*⁷⁷, e o primeiro necessita impreterivelmente de defender a sua existência. Por sua vez, a segunda refere-se ao objectivo de converter todos os infiéis ao Islão.

A força deste fundamentalismo reside em três factores definidos pelo governo Iraniano⁷⁸: o *totalitarismo*, no qual é a religião que domina todas as esferas da vida; o *literalismo da Sharia*, que defende que os princípios são sagrados e que desta forma deverão ser a lei, e esta por sua vez deverá ser aplicada por todas as horas, em todos os momentos e em toda e qualquer situação; *coerção e repressão sistemáticas*, pois a R.I.I. tem na sua forma de acção mais próxima uma metodologia de política do medo.

O país está dividido em 31 províncias administrativas tendo declarado a sua independência enquanto República Islâmica do Irão a 1 de Abril de 1979 sob a liderança de Ayatollah Ruhollah Khomeini.

Nos dias de hoje o Chefe de estado é um Ayatollah, nomeadamente o Líder Supremo Ali Hoseini-Khamenei e o Chefe de governo era o Presidente Mahmoud Ahmadinejad, aquando do início deste trabalho, sendo agora o Presidente da R.I.I. Hassan Rouhani⁷⁹. O Irão sob Rouhani é hoje um Irão muito diferente daquele que era, sob o olhar de Ahmadinejad.

A análise efectuada a um líder é tão ou mais importante que a um Estado em si, pois é o líder que define quais as linhas de orientação a serem adoptadas pela nação, no período em que governa e muitas vezes, com consequências a longo prazo que ultrapassam o seu tempo no poder. Com Ahmadinejad o Irão foi profundamente temido pelo Ocidente e em particular pelos EUA. O poder, resiliência e falta de medo que o presidente Ahmadinejad tinha perante os EUA, levaram o país a temer as acções por ele edificadas. Foi sob a liderança de Ahmadinejad que os EUA temeram o programa

⁷⁷ O *Dar-al-Islam*, significa o mundo do Islão, enquanto o *Dar-al-Harb* significa o mundo da Guerra. Estes termos são commumente utilizados quando o contexto é a Jihad traduzida enquanto “Guerra Santa”, uma vez que significam a luta perpetuada entre o Islão e os infiéis. Silva, Teresa Almeida (2011) *Islão e Fundamentalismo Islâmico: das Origens ao Século XXI*, Lisboa, Pactor pp.56-57

⁷⁸ Lara, António Sousa (2011) *Ciência Política - Estudo da Ordem e da Subversão*, ISCSP, pp. 570

⁷⁹ “Hassan Rouhani Wins Presidential election” *BBC News*, (2013) disponível em <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-22916174>

nuclear e viram a sua influência no MO ser profundamente afectada aquando das ligações entre o Irão, a Rússia e a China.

Rouhani⁸⁰ é muito diferente de Ahmadinejad. Em poucas semanas re-direccionou o diálogo com os EUA, conseguiu um acordo ‘histórico’ que trava a intervenção e o diálogo anti-Iraniano da parte Norte-Americana⁸¹.

Contudo, ambos os presidentes, Ahmadinejad e Rouhani foram ‘escolhidos’ como candidatos à presidência pelo Ayatollah. Será que isso os torna tão diferentes, ou simplesmente será que Ali Khamenei conseguiu atingir o seu objectivo? Talvez esta questão esteja ainda longe de ser respondida.

A bandeira Iraniana tem presente os símbolos do Martírio sob a forma de uma tulipa, tendo ainda a frase *Allah-O Akbar*, cujo significado é *Deus é Grande*. As cores nacionais da R.I.I. simbolizam o Islão, representado a verde; a paz e a honestidade, simbolizadas pela cor branca e o martírio e a bravura da nação cuja cor correspondente é o vermelho⁸².



Fig. 6 - Bandeira da República Islâmica do Irão

⁸⁰ Behraves, Maysam (2013) “Iran’s Moderate Moment: The Leader Just Let It Go”, *e-International Relations*

⁸¹ Nasr, Vali (2013) “Regime Change Obama can Believe”, *Foreign Policy*

⁸² A Bandeira Iraniana está repleta de simbolismos e comporta em si, um certo número de representações tanto quanto ao Islão e ao Deus Único, tanto quanto ao Irão em si e a datas importantes ao mesmo. Para um estudo mais profundo sobre a simbologia da Bandeira Iraniana consultar Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp 304-305

II. 2. O Petróleo. O motor do mundo

Há vários séculos que o Golfo Pérsico prima pela extrema importância geográfica. Inicialmente era peça central na passagem de rotas comerciais de especiarias e seda, entre o Oriente e o Ocidente e zona geográfica de espaço intermédio.

Ao Golfo é reconhecido grande valor geopolítico dada a interdependência de vários factores, de entre os quais dois sobressaem: (1) os elementos *geo-históricos* já referidos no presente trabalho e (2) a detenção da maior quantidade de reservas conhecidas (exploráveis e rentáveis) de petróleo do mundo, contabilizando um total superior a 56.6 mil milhões de barris equivalentes a mais de 50% do petróleo disponível⁸³. Esta região é portanto, pautada por um alto valor geopolítico.

The math is clear: More consumers mean more demand, which means more supplies are needed. But what about the politics?

in It's Still the One

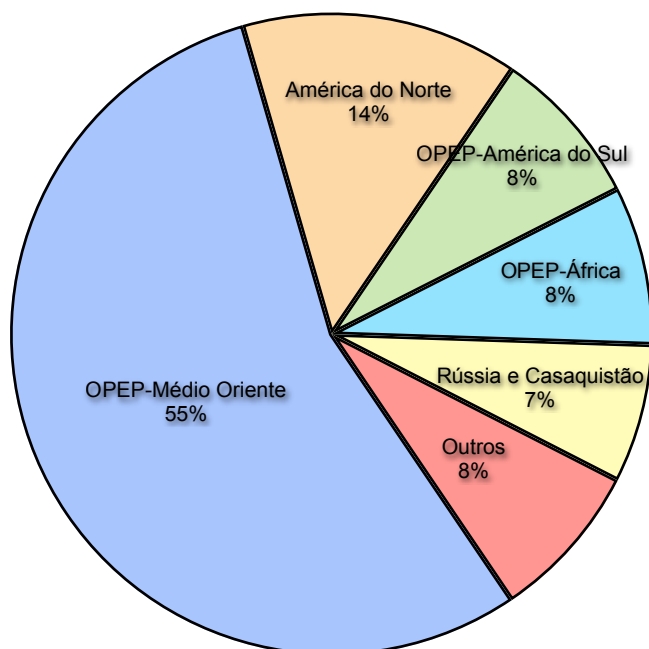


Fig. 7 - Distribuição de Petróleo extractível pelo mundo Adaptado de U.S. Energy Information Administration - *International Energy Statistics*, 2010 e BP *Statistical Review of World Energy*, 2011

⁸³ BP *Statistical Review of World Energy*, 2011

• *Mas Porquê?*

É simultaneamente local de passagem de inúmeras rotas de comércio, sendo uma das principais redes de fluxos comerciais de cultura, política e economia, tendo no seu subsolo o recurso de maior valor desde a era industrial e em particular desde o fim da Guerra Fria.

Palco de algumas das maiores contendidas desde a II Guerra Mundial⁸⁴, nomeadamente Irão em 1979, Kuwait em 1991 e Iraque 2003⁸⁵ é ponto de interesse estratégico indirecto por parte dos Estados Unidos da América, da Rússia e da China, tendo-se constatado uma crescente mobilização de frotas estrangeiras junto ao Estreito de Ormuz⁸⁶.

⁸⁴A II Guerra Mundial teve o seu percursos a 1 de setembro de 1939, quando as tropas da Alemanha Nazi de Adolf Hitler invadiram a Polónia. A 3 de setembro do mesmo ano, dois dias mais tarde, a Grã-Bretanha e França declaram guerra à Alemanha devido à invasão que tinha levado adiante. Até 1939, o Eixo estava em profundo avanço, conquistando a Europa e impondo a sua ideologia extremista. Nesse ano com a Batalha aérea sobre o Reino-Unido conhecida como Batalha da Grã-Bretanha, os Estados Unidos da América alteram várias leis, envolvendo-se na Guerra e dando-lhe a extensão mundial, após a qual os aliados ganham novo fôlego, também graças à vitória das tropas de Winston Churchill, na batalha atrás referida. Daqui para a frente a Vitória dos Aliados sobre o Eixo estava traçada, terminando a II Guerra Mundial a 2 de setembro de 1945. A cessação desta guerra teve porém acções desastrosas enquanto decorriam os tratados de rendição, pois foi pela negação a eles que os Estados Unidos da América lançaram duas bombas atómicas sobre as cidades Japonesas de Hiroshima e Nagasaki (devido à recusa do país em se render, como a Alemanha já havia feito em maio do mesmo ano). Mais informações sobre a II Guerra mundial estão disponíveis em <http://www.history.com/topics/world-war-ii> <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/648813/World-War-II> ; http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/ww2_summary_01.shtml

⁸⁵ No Irão, em 1979 ocorreu um golpe de estado e uma revolta popular, na qual o pró-Occidental Mohammad Reza Shah Pahlavi, Shah do Irão é deposto. Com isto o adorado Ayatollah Khomeini toma o poder, da agora maior teocracia do mundo. Um ano mais tarde, em setembro de 1980 e aproveitando o ainda fragilizado país e a fraca organização e estrutura de poder Saddam Hussein, líder do Iraque ataca o Irão na esperança de assumir controlo de diversos poços petrolíferos, aumentando o seu poder energético, assumindo-se simultaneamente como a única potência do golfo. Os conflitos foram diversos e duraram até um acordo de *ceasefire* em 1988, contudo e enquanto Saddam esteve no poder, nunca terminaram os conflitos iniciando-se novamente em 1991 a Guerra do Golfo, com a Invasão do Kuwait por parte das tropas Iraquianas. Finalmente em 2003, dá-se a invasão do Iraque na continuação da missão *Operation Enduring Freedom*, iniciada em 2001 com a invasão do Afeganistão após os ataques terroristas em solo Norte-Americano. Saddam, mesmo consecutivamente derrotado continuou a governar no Iraque, sendo deposto somente após a invasão internacional feita ao país, sob o estandarte de possuir armas de destruição maciça. Mais dados sobre estas Guerras estão disponíveis em David, Saul coord. (2012) *The Encyclopedia of War - From Ancient Egypt to Iraq*, London, DK, pp. 342-343

⁸⁶ A mobilização de frotas estrangeiras junto ao Estreito de Ormuz não é de espantar, pois esta é uma das principais rotas de transporte naval. No caso de existirem tensões na região é ainda mais visível a presença de embarcações ‘fixas’, também representativas dos países cuja importância do estreito é mais valorada, vejam-se os Estados Unidos da América, a Rússia e a China.

O Golfo pauta por ser um desafio geopolítico de contundentes factores, delineados pelos principais alicerces da região. Estes, são a economia e a religião; Petróleo e o Islão, respectivamente.

O primeiro é referente à matéria-prima, combustível e recurso indispensável, actualmente ainda insubstituível a 100%, que é o Petróleo. Esta frase não deve ser tomada de ânimo leve, pois sem o petróleo, o “mundo ocidental” entra em colapso, bem como a ‘sua’ organização mundial, os seus princípios geoestratégicos e todos os primados ocidentais.

Ao segundo alicerce, o Islão, devemos destinar as nossas mais dedicadas atenções. Pois, o Islão é cultura, é língua, arte, conhecimento, vestuário e gastronomia (as Forças Profundas). Contudo é também considerado como uma ameaça real, eficaz e imediata à paz mundial⁸⁷.

Em suma, estamos perante o recurso de maior importância sem o qual o Ocidente *cease to exist* como o conhecemos. Localizado sob uma zona geográfica pautada por intensos conflitos de ordem étnico-religiosa locais com pretensões políticas e territoriais, sob condições climatéricas extremas, com muito fraca capacidade de recursos (água potável) e ainda sob o escrutínio externo que busca o controlo dos recursos e poderio geográfico.

II. 2. 1. Geopolítica do Petróleo

O petróleo, é um recurso natural, ou seja, é um produto natural que existe na crosta terrestre. Diz-se recurso, pois existe em quantidades passíveis de extracção e as suas aplicabilidades são benéficas para a Humanidade.

⁸⁷ Küng, Hans (2011) *Islão: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Edições 70, pp. 36

Contudo, este é um recurso geológico não renovável⁸⁸, o que significa que a sua velocidade de produção é infinitamente inferior à velocidade a que é consumido pelo Homem, sendo que acabará por se esgotar. O Petróleo, assumiu uma posição de destaque após a revolução industrial, sendo que a partir de 1950 ocupou de uma forma cimeira o lugar de recurso com a mais elevada taxa de consumo quando em comparação com a restante panóplia de recursos disponíveis.

A energia contida no petróleo provém das ligações químicas dos compostos orgânicos que lhes dão origem, através de intrincadas transformações num longo espaço de tempo. O petróleo é portanto uma mistura natural, cujos principais constituintes são hidrocarbonetos em estado líquido (podendo estes também ser encontrados em estado sólido e gasoso) à temperatura e pressão ambientes⁸⁹.

É importante saber qual a percentagem de hidrocarbonetos presentes na composição do petróleo, pois alteram a sua composição final e essencialmente a sua viscosidade. Desta forma, existem diversos tipos⁹⁰ de petróleos que vão desde os aromáticos aos saturados, pertencendo a estes últimos os alcanos normais, os isoalcanos e os cicloalcanos. A viscosidade, referida anteriormente está directamente ligada ao valor atribuído aos diferentes “tipos de petróleo”, vejamos, petróleos líquidos, brutos têm um valor económico mais baixo, sendo que os petróleos leves possuem em

⁸⁸ Existem na sua forma mais simples dois tipos primários de fontes de energia, também chamadas de recursos. Estes são divididos em dois grandes grupos, o dos recursos renováveis e o dos recursos não renováveis. Estes nomes advêm da velocidade a que estes conseguem repor as suas próprias reservas no meio ambiente, após a sua extracção para utilização humana. Os recursos renováveis mais conhecidos são a luz solar, as águas e o vento, sobre e aos quais construímos estruturas capazes de gerar energia de diversas formas, vejam-se a fotoeléctrica a hidroeléctrica e a energia eólica.

Por sua vez, aos recursos não renováveis cabe a qualidade de uma produção mais rápida e mais rentável de energia para a exploração humana, contudo a sua existência é escassa, dado que a velocidade de reposição destes no meio ambiente é milhares de vezes inferior aquela a que é extraída, já para não elaborarmos sobre as exigentes condições necessárias à sua formação. Mais informações sobre esta matéria em Blackman, Sue Anne Batey and Baumol, William J. (2008) "Natural Resources." *The Concise Encyclopedia of Economics* estão disponíveis em <http://www.econlib.org/library/Enc/NaturalResources.html>

⁸⁹ Fernandes, Lia () *Petróleo e Gás Natural*, Departamento Nacional de Produção Mineira, Brasil

⁹⁰ O crude e os produtos derivados de petróleo refinado, são compostos essencialmente por hidrocarbonetos, cuja composição química é hidrogénio e carbono em diferentes arranjos moleculares. O arranjo químico de melhor qualidade é encontrado nos alcanos, também denominados de hidrocarbonetos lineares. A localização geográfica onde ocorre a formação de depósitos de petróleo, influencia fortemente a composição do mesmo, pois este varia tanto em coloração, como viscosidade e portanto em qualidade consoante a percentagem química de cada composto presente. Mais dados sobre a composição do petróleo disponíveis em *Petroleum Chemistry*, <http://www.petroleum.co.uk/chemistry>

contrapartida uma quota de valor muito superior, pois deles resultam produtos valiosos como a gasolina e outros produtos leves.

Para que seja possível formar este combustível fóssil, são “exigidas” algumas condições muito específicas, como a existência de um ambiente marinho no qual possa ocorrer a deposição de sedimentos, passando milhares de anos, com a deposição continua de sedimentos em camadas superiores. Posteriormente é necessário que em seguida, nesse mesmo ambiente ocorra a formação de rochas porosas, necessárias á acumulação do óleo resultante. Por ultimo é impreterível que por acima da rocha porosa, onde ocorreu a prévia acumulação de óleo, exista por sua vez, uma outra rocha, sendo esta de características impermeáveis (rocha-mãe) que não permita a diluição e consequente perda do óleo já formado. A acumulação de um grande depósito de óleo ocorre graças às deslocções tectónicas (é vital a deslocação deste material da rocha-mãe, praticamente inacessível, para outras rochas mais permeáveis na medida de se tornar acessível. Isto ocorre graças á existência da gravidade que “orienta” o petróleo mais leve e menos denso que a água para a superfície) , que o tornam viável à exploração. Desta forma, existem diferentes tipos de estruturas que suportam as condições necessárias à formação de petróleo, chamadas de armadilhas-petrolíferas. Estas ocorrerem naturalmente e podem ter uma aparência como a da figura 8.

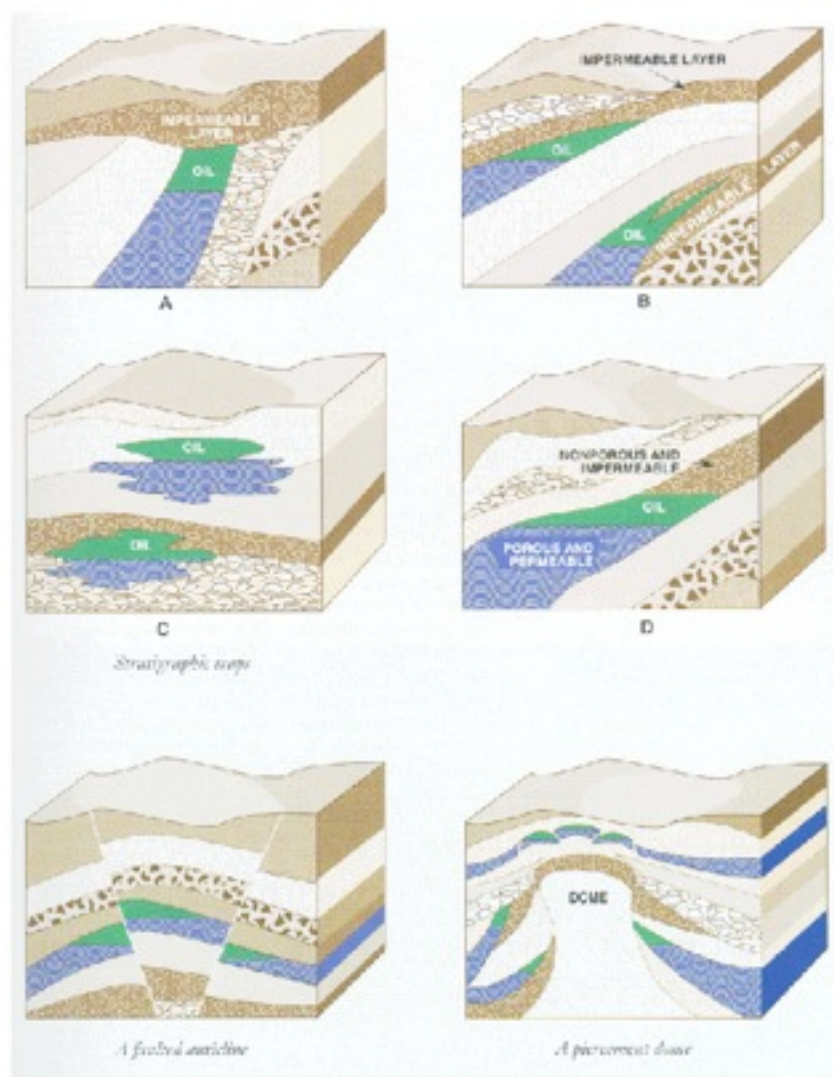


Fig. 8 - Armadilhas Petrolíferas
 Fonte: <http://www.blueridgegroup.com/primer.html>

II. 2. 1. 1. Crises Petrolíferas. O poder face ao Ocidente

1973. A Crise do petróleo de Outubro deste ano, foi resultado da conjuntura de vários acontecimentos separados que se cruzaram num curto espaço de tempo. O Primeiro incidente foi demarcado pela decisão dos países exportadores de petróleo (expressa através da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, doravante

‘OPEP’), em controlar os preços de petróleo⁹¹ provenientes das grandes companhias petrolíferas (Exxon, BP, Shell, Gulf, Socal, Texaco e Móbil) e, posteriormente, decidir os níveis de produção e os preços de forma independente dos interesses corporativos dessas mesmas empresas. A criação da OPEP em 1960, apresenta-se assim, com o objectivo de tornar fixos os preços e estabilizar as quotas de produção das chamadas “sete-irmãs”, as já referidas atrás Exxon, BP, Shell, Gulf, Socal, Texaco e Móbil ⁹²

O segundo acontecimento desta crise verifica-se no decorrer do longo conflito Israelo-Árabe, mas mais precisamente durante a Guerra do Yom Kippur⁹³ (Outubro de 1973). Pois, discordando da ofensiva judaica, as nações árabes vizinhas, produtoras de petróleo, organizaram um boicote contra todos os Estados que apoiassem Israel ⁹⁴. Não suportando a forte subida do preço do barril para os 40 dólares, vários países abandonaram a guerra. Porém este conflito resultou num aumento de soberania territorial Israelita face aos territórios atribuídos pela ONU em 67, sendo que a organização condenou tal acção levada avante pelas forças armadas Israelitas, como é possível confirmar pela leitura da Resolução 242⁹⁵, de 22 de novembro de 1967, do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

⁹¹ Issawi, Charles (1979) “The 1973 oil crises and after”, *Journal of Post Keynesian Economics*, Winter, Vol.1 N.º.2, 3-26

⁹² Rodrigues, José Caleia (2000) “A Geopolítica do Petróleo: Anatomia dos Conflitos”, *Diplomacias, Seguranças Soberanias*, Lisboa, Atelier de Livros, pp. 104

⁹³ A Guerra do Yom Kippur, adquiriu esse nome, pois decorreu durante o feriado sagrado do Yom Kippur. Este consiste no dia do perdão, sendo talvez a mais importante festividade Judaica. É realizado jejum pois marca o fim dos dez dias do arrependimento, ou seja os dez dias após o ano novo judaico, chamado Rosh Hashaná. Este conflito, decorreu entre 6 e 26 de Outubro de 1973, quando as ofensivas Egípcias e Sírias atacaram Israel, tendo-se destacado a Marinha deste último pois foi a única força militar do país que não sofreu baixas tendo simultaneamente conseguido aniquilar um grande número de inimigos. Para um estudo mais aprofundado, estão disponíveis informações em, http://www.goisrael.com.br/Tourism_Bra/Discover%20Israel/Holidays/Paginas/Yom%20Kippur.aspx e <http://mfa.gov.il/MFA/AboutIsrael/History/Pages/The%20Yom%20Kippur%20War%20-%20October%201973.aspx>

⁹⁴ Para mais informações consultar Berkeley (2011) “1973-74 Oil Crisis” e para compreender a influência que deste conflito resultou nos aliados consultar, Rodrigues, José Caleia (2000) “A Geopolítica do Petróleo: Anatomia dos Conflitos”, *Diplomacias, Seguranças Soberanias*, Lisboa, Atelier de Livros pp. 115-116.

⁹⁵ A Resolução 242 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, data 22 de novembro de 1967 e surge após a Guerra dos Seis Dias. Nesta resolução o conselho denota o ênfase que a situação na região do Médio Oriente efectua em todo o mundo. Assim e sob o capítulo IV da Carta das Nações Unidas, está presente nesta resolução que todas as forças israelitas devem recuar dos territórios ocupados nos conflitos recentes. Mais informação, pode ser obtida através da leitura integral desta resolução disponível em <http://unispal.un.org/UNISPAL.NSF/0/7D35E1F729DF491C85256EE700686136>

O Terceiro e ultimo acontecimento que influenciou a crise petrolífera de 1973, foi a decisão tomada pelo grupo de Estados Árabes Produtores de petróleo⁹⁶, denominado Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo, OAPEC, para impor um boicote de petróleo a países apoiantes do Estado Israelita, e também para implementar cortes na produção, na tentativa de convencer o Ocidente, particularmente Estados Unidos, a moderar o seu apoio a Israel.

Um outro factor muito importante que contribuiu para a crise petrolífera de 1973, foi a desvalorização do dólar levada a cabo pelo Presidente Norte-Americano Richard Nixon, aquando do termo do acordo de Bretton Woods⁹⁷ a 15 de Agosto de 1971.

Já em 1979 ocorre a revolução Islâmica liderada por Ayatollah Ruhollah Khomeini, levando fundamentalistas islâmicos Shiitas ao poder no ‘grande’ Estado que é o Irão, dando origem a mais conflitos que elevam novamente o preço de exportação de Petróleo deste país.

Para esta República Religiosa Islâmica⁹⁸, os Estados Unidos da América, a era da industrialização por eles perspectivada, a democracia e a globalização são verdadeiras ameaças ao Islão, á verdadeira palavra de Maomé e assim, são os verdadeiros e principais infieis⁹⁹. Tornando-se portanto alvos primários a abater. Estes fundamentalistas islâmicos radicais querem fazer o mundo islâmico regressar ao passado, onde estava antes de o Ocidente cristão, o liberalismo e a modernidade ‘poluírem’ o Islão puro.

⁹⁶ Venn, Fiona (2002) *The Oil Crisis*, London, Longman

⁹⁷ Os Acordos de Bretton Woods adquiriram o nome, graças à cidade, com o mesmo nome, onde foram assinados em New Hampshire. Datam de 1944 e surgiram em necessidade, após o fim da Segunda Guerra Mundial, para criar um sistema único de câmbio de uma moeda para outra. Foi igualmente com a assinatura deste acordo que o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional surgiram. Este sistema visava fomentar as trocas internacionais e a reconstrução do equilíbrio na situação do pós-Guerra, em que a moeda pela qual seriam estabelecidos os *ratio* seriam os U.S.\$. John M. Keynes, um dos mais proeminentes economistas à época, foi o principal contribuinte deste sistema, chegando mesmo a admitir que a nação que detivesse a moeda do poder (neste caso os norte-americanos) poderiam fazer valer o que lhes aprouvesse dessa moeda, incluindo deixar de a associar às reservas de ouro que detinha. Essa sua ideia foi abandonada pois o argumento que utilizava rapidamente caiu por terra. Para mais informações consultar, Stephey, M.J, “Bretton Woods System”, *Time*, 21 de Outubro de 2008

⁹⁸ Venn, Fiona (2002) *The Oil Crisis*, London, Longman, pp. 24

⁹⁹ Kagan, Robert (2009) *O Regresso da História e o fim dos sonhos*, Alfragide, Casa das Letras pp.125

Tal objectivo é impossível. Os islamitas não poderiam fazer regredir as suas sociedades 1400 anos mesmo que o resto do mundo deixasse. E não os deixará. Nem os Estados Unidos nem nenhuma das outras grandes potências entregarão o controlo do Médio Oriente a estas forças fundamentalistas. Em parte porque a região é de uma importância tão vital para o resto do mundo.

in *O Regresso da História a e o Fim dos Sonhos*, 2010

Tendo esta ideia fundamentalista, a embaixada Norte-Americana em Teerão é invadida, dando assim ao Presidente Carter um motivo para ameaçar suspender as importações de Petróleo Iraniano. Em consequência desta ameaça, o Irão que se encontrava na sua capacidade máxima de produção com 6 mil milhões de barris/dia (sem contabilizar as *spare productions* do Bahrein, Qatar, Kuwait) vê-se a braços com uma revolta na indústria petrolífera,¹⁰⁰ culminando numa total suspensão da exportação de Petróleo.

Como era de esperar o preço do petróleo subiu drasticamente atingindo máximos históricos¹⁰¹ (como é possível observar pela imagem adaptada na figura 9) até à data, somente ultrapassados pelo aumento de preços desencadeado pela invasão do Iraque.

É importante notar, que as quebras no preço por barril de petróleo, após a revolução de 79 no Irão e após a saída do poder do presidente Norte-Americano George W. Bush em 2008, se devem a uma reformulação do ambiente de confiança estabelecido na e pela comunidade internacional, ou seja, no decorrer destas grandes alterações considera-se que os líderes seguintes inspiravam à comunidade internacional, maiores níveis de confiança e segurança, pelo que o valor do barril desceu, uma vez que a preocupação se este estaria disponível decresceu consideravelmente.

¹⁰⁰ Já em 1973, com a crise petrolífera o preço do barril de petróleo aumentou consideravelmente. Com a revolução de 1979, a capacidade de produção Iraniana caiu drasticamente descendo dos magnânicos 6 milhões de barris/dia para pouco mais de 3,5 milhões de barris/dia, muito devido também às greves dos trabalhadores revoltosos que ansiavam o fim do regime de Pahlavi. Mohamedi, Fareed () “The Oil and Gas Industry”, *The Iran Primer*, United States Institute of Peace, disponível em <http://iranprimer.usip.org/sites/iranprimer.usip.org/files/The%20Oil%20and%20Gas%20Industry.pdf>

¹⁰¹ Para mais dados sobre a variação do preço do petróleo, incluindo dados individualizados de países, consultar *BP Statistical Review of World Energy June 2011*, sendo o gráfico ilustrado na figura 8, pode ser encontrado na íntegra na pp.15. Disponível em http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf

Enfim, todas as grandes interrupções na produção mundial de petróleo, deveram-se a conflitos, ou a catástrofes naturais de grande impacto (como furacões - tome-se como exemplo o furacão Katrina¹⁰²) que são em grande parte alimentadas pela especulação bolsista (os conflitos; no caso das catástrofes, existe sim um aproveitamento da carência destes recursos levando a um aumento calculado dos valores dos mesmos para obter maiores *incomes*).

Os principais movimentos comerciais de petróleo dão-se da região do Médio Oriente¹⁰³ para quase todo o Mundo, em especial para os Estados Unidos da América, a Europa e a China.

O Petróleo proveniente desta região é mais leve sendo de melhor qualidade, existe em maior quantidade e surge sob condições de uma maior facilidade de exploração.

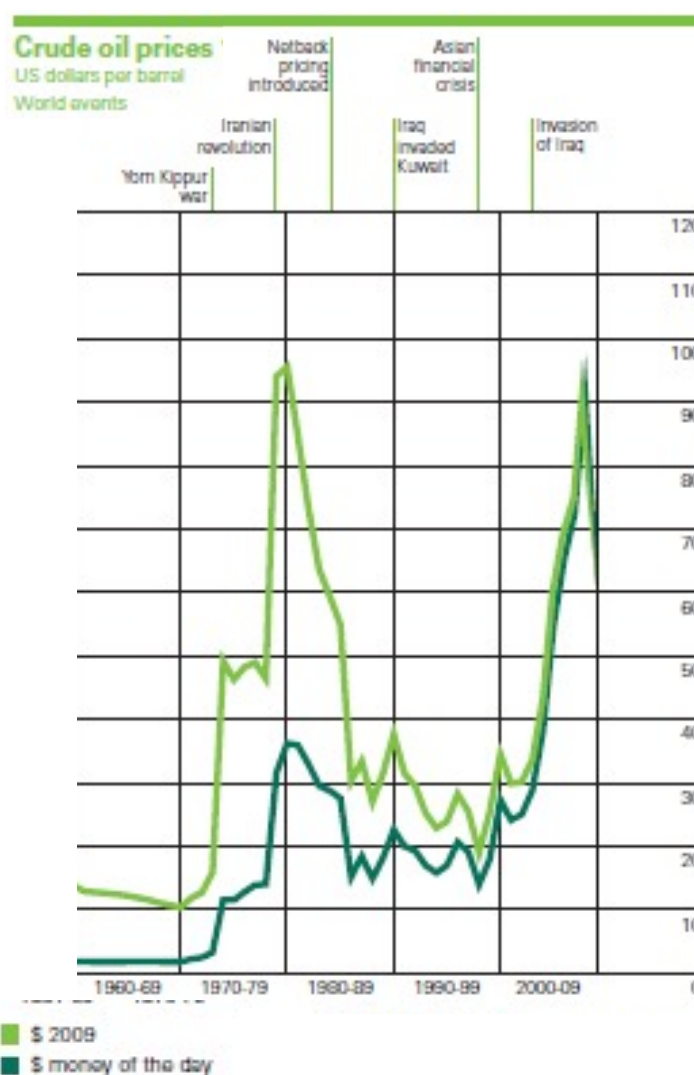


Fig. 9 - Gráfico de Variação de Preço do Petróleo

Adaptado de BP Statistical Review of World Energy June 2011

¹⁰² O Furacão Katrina provocou diversos prejuízos na área da exploração petrolífera, pois danificou tanto as redes de extracção como as refinarias de petróleo de gás, oriundas do Golfo do México. Para mais informações sobre os impactos do furacão Katrina na indústria energética norte-americana, consultar *Katrina and Oil Prices e Recomendação da Comissão Europeia de 7 de Dezembro de 2005 - C(2005) 4655*

¹⁰³ Após a análise de diversos gráficos do BP Statistical Review of World Energy 2011, foi possível assumir que os principais movimentos de exportação petrolífera e de gás mundiais são em primeiro lugar o Médio Oriente e em segundo a Rússia.

Segundo João César das Neves, proeminente economista português, em economia um princípio indispensável é a troca, pois com ela todos os intervenientes ganham, ou seja César das Neves afirma mesmo que “(...) quando dois países trocam e comerciam, ambos ficam melhor do que antes.”

As ligações comerciais por si só não podem resistir às forças da competição nacional e ideológica que agora tão proeminentemente re-emergiram. As relações comerciais não ocorrem no vácuo. Elas influenciam e são influenciadas por conflitos geopolíticos e ideológicos. As nações não são máquinas de calcular. Têm os atributos dos humanos que as criam e nelas vivem, as intangíveis e imensuráveis características de amor, ódio, ambição, medo, honra, vergonha, patriotismo, ideologia e crença, coisas pelas quais os povos vivem e morrem, hoje como nos milénios passados.

in *O Regresso da História a e o Fim dos Sonhos*, 2010

O principal estudioso desta temática é Michael T. Klare. e da sua obra¹⁰⁴ temos a perspectiva de que contrariamente ao que ocorreu como motivação e organização do sistema de alianças para a Guerra Fria (princípios ideológicos), a actual “guerra” e os futuros conflitos humanos, dar-se-ão por motivos relacionados com os recursos, mais especificamente pelo Petróleo. Klare, cimenta portanto a importância que o Médio Oriente e o Golfo Pérsico têm no mundo actual.

Para os Estados Ocidentais, não existe interesse em que os conflitos no Médio Oriente cessem, pois o controlo de Estados dilacerados processa-se de uma forma muito mais suave e ainda sob o formato aparente um chapéu de chuva, em que a sua função

¹⁰⁴ A obra referida é *Resource Wars; The New Landscape of Global Conflict*

será a de protectores da ordem mundial¹⁰⁵. É de grande importância ressaltar que grande maioria dos países do Golfo, excepto o Irão, têm acordos com os Estados Unidos¹⁰⁶.

O Irão, por sua vez, encontra apoio na Rússia e na China, cuja posição é notoriamente contra a pretensão hegemónica ¹⁰⁷ dos Estados Unidos da América.

Podemos então assumir algumas considerações importantes como, (1) que o petróleo adquiriu um papel fundamental no pós-II Guerra Mundial, sendo que a sua presença se revelou indispensável com o término da Guerra Fria; (2) o sistema energético de que dependemos não é facilmente substituível, pois, não existe ainda

¹⁰⁵ Um exemplo nítido desta metodologia de acção foi e é praticada pelos Estados Unidos da América em diversas situações. Destas destacamos a sua intervenção no Kuwait, em Israel e no Iraque. Na primeira situação os Estados Unidos intervieram a pedido do Kuwait como medida de acção contra as forças que tentavam controlar os seus poços petrolíferos, embora que numa primeira fase apenas tivessem contribuído com material não bélico, nomeadamente aviões. Esta medida permitiu que os Estados Unidos da América se tornassem um agente activo presente no Golfo Pérsico entre 1987-88, possibilitando a rápida acção que tiveram em Agosto de 1990, para ‘proteger a Arábia Saudita’. Stork, Joe e Lesch, Ann M. (1990) “Background to the Crisis: Why war?”, *Middle East Report*, No. 167, pp. 11-18. As acções adoptadas pelos Estados Unidos da América em Israel, são com o objectivo constante de manter um aliado ‘ocidental’ na região, sendo claro que muita da decisão de apoio parte da influência da diáspora Judia presente nos Estados Unidos. Já nos debruçando sobre o Iraque a *invasão* foi declarada como um modo de libertar a população do país de um ditador, ao invés das reais causas, como assegurar a extracção e exportação do petróleo.

¹⁰⁶ Alguns desses países são a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, o Qatar, a Jordânia e o Egipto. Disponível em <http://news.sky.com/story/1163458/john-kerry-reassures-us-allies-in-middle-east>

¹⁰⁷ A China sabe que muitas das suas relações com o Ocidente são e foram facilitadas pela sua relação com os Estados Unidos da América. Porém a relação é delicada e serve interesses próprios de cada estado envolvido. Aos Estados Unidos permite um certo à vontade nas suas acções na região, dada a boa relação que mantém com a Coreia do Sul, o Japão e ainda Taiwan, sendo esta simultaneamente uma das principais razões de interesse na China nesta relação, pois uma acção amistosa por parte dos Estados Unidos nos países vizinhos, permite a Pequim que se concentre nos graves problemas internos que o país atravessa nas últimas décadas. Focando em hegemonia, à China não interessa uma supremacia absoluta Americana, pois ela própria tem interesses idênticos, com uma escala porém mais ampla. No Ocidente gere-se a 5-10 anos, na China programa-se a 100 anos. Sutter, Robert G. (2013) *U.S. -Chinese relations: perilous past, pragmatic present 2nd Edition*, Maryland, Rowman & Littlefield Publishers. A posição da Rússia é ligeiramente diferente da Chinesa, pois ao invés que quererem impedir a hegemonia Norte-Americana, o Kremlin pretende substituí-la. Como Robert Friedman afirma, enquanto os Estados Unidos da América, estavam completamente focados na Guerra ao Terrorismo, deram margem de manobra para que a Rússia ressurgisse novamente, mais poderosa e sábia do que anteriormente. Friedman, Robert (2012) *A Próxima Década - onde temos estado... e para onde nos dirigimos*, Dom Quixote

nenhum combustível (recurso energético - exemplo das *Tar Sands*¹⁰⁸ no Canadá) com tanta capacidade de rendimento/custo.

O petróleo, influencia os seus produtores, os seus exportadores, os seus especuladores bolsistas e todos os mercados que dependem directa ou indirectamente de algum destes sectores, pois nos dias de hoje, todos os sectores e todos os sistemas estão interligados, assim quando existem flutuações no mercado petrolífero, quer sejam reais, quer sejam especulativas, todo o mundo sofre alterações e dilui as suas consequências.

Assim foi criada a AIE¹⁰⁹ que visava controlar as recessões e os cortes de produção de energia, após o que ocorreu mundialmente com o choque petrolífero de 1973.

Estas medidas provaram, de certo modo, a demarcada interdependência existente entre os países produtores e consumidores deste recurso - o petróleo.

As periclitantes e cíclicas ameaças mútuas, observadas entre Estados Unidos da América e Irão, ameaçam constantemente o corte de mais de 4 mil milhões de barris de petróleo por dia. Sendo que a economia Iraniana dependente na sua maioria das exportações petrolíferas, chegando estas a atingir sensivelmente 80% de todas as exportações do país, verificar-se-ia um problema grave para o país, igualmente afectando numa outra esfera os Estados Unidos da América.

Contudo, os Estados Unidos poderiam ver as suas dificuldades energéticas totalmente resolvidas em caso de cessação de relações com o governo Iraniano, dado que o Kuwait, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos têm uma capacidade adicional de produção de petróleo (*spare production*) que em 24 horas conseguiria repor

¹⁰⁸ As *Tar Sands*, são uma mistura de água, areias, barro e um óleo preto com elevada viscosidade. O interesse nestas areias surgiu, de que através da refinaria do óleo preto e viscoso do “bitumen”, era possível obter um tipo de petróleo capaz de ser utilizado. Com o aumento do preço do petróleo as explorações de *tar sands*, sofreram um bom de tal forma, que se diria tratar-se do novo carvão. A realidade porém não foi bem essa. O processo de separação e extracção do petróleo destas *tar sands* é moroso, mais dispendioso e o ratio quantidade/tempo é muito abaixo do conseguido pela extracção convencional de petróleo. É necessário que ocorra inicialmente uma extracção convencional de minério, depois uma separação e finalmente uma diluição em hidrocarbonetos leves que permitam a fluidez do material final. Mais informações disponíveis em: <http://ostseis.anl.gov/guide/tarsands/>

¹⁰⁹ A Agência Internacional de Energia, a AIE (ou IEA no original em Inglês), surgiu com o objectivo principal de promover um diálogo e partilha sustentáveis e racionais de energia. Actualmente a Agência tem 28 países membros, e qualquer país que queira fazer parte da IEA tem de cumprir rigorosamente os 4 pré-requisitos exigidos aos candidatos, pela agência. Mais informações em <http://www.iea.org/countries/membercountries/>

todos os barris de petróleo que o Irão ameaçasse ou impedisse de chegar ao mercado Ocidental. No entanto e fazendo jus à expressão, esta é uma espada de dois gumes, pois estes três países tornaram público que não é sua intenção utilizar as capacidades de produção adicional. Esta é a principal razão de que se observe diariamente um renegociar das tensões no Estreito de Ormuz e em toda a região adjacente.

Os Estados Unidos da América e muitos outros países ditos ocidentais, necessitam indubitavelmente das exportações de petróleo provenientes do Irão

Poder-se-á debater todos os temas, mas em termos geopolíticos, geoestratégicos e de Política externa, o Golfo Pérsico e o Médio Oriente significam petróleo e como tal, são o bem de maior interesse aos Estados Ocidentais e em particular aqueles que procuram assumir e manter uma posição de vanguarda em relação a todos os outros (EUA, Rússia e China).

Capítulo III: Poder Nuclear

"Há uma força motriz mais poderosa que o vapor, a electricidade e a energia atómica: a vontade."

Albert Einstein

"Os homens estão ainda a aprender a controlar as forças poderosas que libertaram"

Mikhail Gorbachev

A capacidade nuclear dota os países que a dominam, de características próprias de sensatez. Desde 1945¹¹⁰ que não se registam utilizações impróprias¹¹¹ desta capacidade bélica, podendo concluir-se inclusive, que os que adquirem este conhecimento, consequentemente desenvolvem armamento nuclear e padecem de algo que os torna mais pacíficos e abertos à diplomacia¹¹². O fim da II Guerra Mundial levou a uma corrida desenfreada ao armamento tecnológico, que se buscava em virtude da sua maior capacidade destrutiva e da sua consequente maior eficácia. Contudo, já Kissinger afirmava que quanto maior fosse a capacidade destrutiva de determinada arma, maior seria a contenção em recorrer à mesma e às capacidades que dela adviessem¹¹³.

O conceito do Átomo Pela Paz de Eisenhower - a ideia de que os benefícios e as inseguranças da ciência nuclear devem ser partilhados cooperativamente por toda a comunidade internacional - é o princípio fundamental da diplomacia nuclear. Este conceito tornar-se-ia num compromisso quase mundial para promover a cooperação tecnológica para o uso da energia nuclear com fins pacíficos e para evitar o crescimento das armas nucleares (...).

in *A Era da Mentira - A verdade escondida sobre os grandes conflitos internacionais*, 2011

¹¹⁰ Após a detonação das bombas nucleares nas cidades Japonesas de Hiroshima e Nagasaki a 5 e 6 de Agosto de 1945, não se registou mais nenhuma explosão do género. A devastação e horror criadas por uma arma tão potente, tiveram consequências que ainda hoje perduram, prolongando-se por décadas e séculos na memória imaterial e na história, daquilo que ficou registado naquele dia.

¹¹¹ Assume-se o termo utilizações impróprias e não detonações, pois as detonações podem ocorrer na medida em que se realizam testes ao poder nuclear (algo que os países que recém adquirem esta capacidade necessitam realizar).

¹¹² Waltz, Kenneth N., "Why Iran Should Get the Bomb", *Foreign Affairs*, Jul-Aug 2012

¹¹³ Kissinger, Henry (1969) *Nuclear Weapons and Foreign Policy*, New York, Abridged Edition

Contudo os acidentes ocorrem e, nada poderá ser feito, nem deverá de tal modo, que se esqueça os acidentes de *Three Mile Island*¹¹⁴ em 1979 e de *Chernobyl* em 1986¹¹⁵. Não se registaram mais acidentes nucleares até 11 de Março de 2011, quando se verificaram alguns problemas com a Central Nuclear de Fukushima, no Japão após o país ter sofrido um abalo de grande magnitude seguido por um tsunami. Ambos provocaram uma instabilidade a nível estrutural na central, nomeadamente em todos os seus 6 reactores. A central estava projectada para resistir a situações destas, porém a dimensão do tsunami gerado ultrapassou as expectativas tendo atingido os 15¹¹⁶ metros de altura, provocando o encerramento das bombas de arrefecimento e causando um sobreaquecimento dos reactores nuclear, em virtude dos processos naturais de deterioração do combustível contido nos reactores. Destes, demarcaram-se os reactores 1, 2 e 3 dada a grande quantidade de material radioactivo que libertaram nos dias seguintes ao acidente.

Os mecanismo de produção de armas nucleares é complexo e requer conhecimentos específicos e uma capacidade tecnológica elevada, em virtude da sensibilidade e características radioactivas dos materiais a que se recorre.

A radioactividade dos elementos depende das características individuais de cada um. Contudo existe uma regra que facilmente nos permite definir o quão radioactivo é ou não, determinado elemento. De forma a compreendermos o como e porquê é necessário antes demais perceber que quando falamos de elementos, estamos a referir-nos a uma complexa ligação entre diferentes partículas elementares.

¹¹⁴ Moniz, Ernest “Why We Still Need Nuclear Power”, *Foreign Affairs*, Nov-Dec 2011

¹¹⁵ Os acidentes de *Three Mile Island* e *Chernobyl*, ocorreram em 1979 o primeiro e em 1986 o segundo. O primeiro acidente ocorreu na madrugada de 28 de Março de 1979 no condado de Dauphin nos Estados Unidos da América, tendo ocorrido o derretimento parcial da unidade 2 desta central nuclear. Os resultados de investigações decorrentes do acidente, deixaram claro que a radiação libertada não teria manifestações visíveis a nível da saúde, tendo porém afectado em grande escala o desenvolvimento nuclear em território americano à época. Já o acidente de Chernobyl, ocorreu em Abril de 1986 na Ucrânia, devido a defeitos de fabrico do reactor número 4 destas instalações. Este era ainda operado por pessoal não qualificado para as funções que desempenhava. Tendo resultado numa explosão gigantesca com libertação de aproximadamente 5% do material radioactivo do núcleo deste reactor. Os resultados a curto prazo foram a morte de mais de 30 indivíduos e de mais de 150 nos meses e anos seguintes. Como consequências a longo prazo, observam-se desde o acontecimento o surgimento de cancro na tiróide de muitas crianças. Este acidente teve grande importância para a indústria comercial de energia nuclear, pois foi o único acidente com fatalidades.

¹¹⁶ *Fukushima Accident 2011* - World Nuclear Association

Partículas	Símbolo
protão	1_1p ou 1_1H
neutrão	1_0n
electrão	${}^0_{-1}e$ ou ${}^0_{-1}\beta$
positrão	${}^0_{+1}e$ ou ${}^0_{+1}\beta$
partículas	4_2He ou ${}^4_2\alpha$

Tabela 3.- Partículas Elementares

Estas partículas relacionam-se através da atracção ou repulsão (forças de Coulomb¹¹⁷), estando divididas em dois níveis, o do núcleo e o da orbital atómica. É no núcleo que está concentrada a maior parte da massa de um elemento, sendo também através da razão de neutrões por protões que é determinada a estabilidade no núcleo de determinado elemento. A distância da estabilidade é efectiva quando a razão $n/p > 1$, tornando os elementos gradualmente mais instáveis conforme o número atómico dos mesmo aumenta.

A radioactividade é isto, uma emissão espontânea de partículas ou de radiação electromagnética proveniente de núcleos instáveis. Esta emissão constante provoca aquilo que é chamado de decaimento radioactivo.

A fissão ou cisão nuclear é deste modo, e seguindo a regra do decaimento e da transmutação nuclear, a divisão de um núcleo pesado na formação de diversos núcleos mais pequenos, com a libertação de tremendas quantidades de energia, dando origem a uma reacção em cadeia.

A primeira aplicação da Fissão nuclear foi a criação da bomba atómica.

¹¹⁷ A Regra de Coulomb: “A força exercida por uma carga pontual sobre outra actua ao longo da linha que une as cargas. Essa força varia de forma inversamente proporcional com o quadrado da distância que separa as duas cargas e é proporcional ao produto das duas cargas. A força é repulsiva se as cargas têm o mesmo sinal e é atractiva se as cargas têm sinal oposto.” disponível em <http://www.e-escola.pt/topico.asp?id=156>

III. 1. Irão Nuclear. Porque não?

“It is paradoxical, however, that so much hope should concentrate on man’s most destructive capabilities”

Henry Kissinger

As razões pelas quais os países sentiram necessidade de desenvolver a sua capacidade nuclear foram essencialmente quatro, sendo que nenhuma delas foi a de índole bélica. Em primeiro lugar, a questão de segurança, ou seja, a principal fonte energética, como já descrito atrás, é o petróleo sem margem para dúvidas contudo, a localização dos principais depósitos deste recurso são países política, económica e militarmente instáveis, surtindo um efeito de instabilidade geopolítica no que concerne à distribuição deste recurso.

O segundo motivo que desencadeou o desenvolvimento nuclear está profundamente associado ao primeiro. A instabilidade política, cria uma profunda instabilidade económica e, a dura realidade é que a comunidade internacional não pode admitir a sua dependência energética assente em países cuja flutuabilidade interna provoca grandes alterações ao padrão de custo deste recurso. A economia assente no mesmo, procura-se estável ao invés do que acontece nas últimas décadas.

O desenvolvimento tecnológico associado ao conhecimento nuclear, trouxe uma energia mais limpa, mais rentável e cujo impacto ambiental reduz drasticamente quando comparado com aquele gerado pela utilização do petróleo, sendo estes os terceiro e quarto motivos respectivamente.

Analisando de uma perspectiva estratégica, poder-se-á afirmar que o poder nuclear dota os países de uma nova tipologia de poder. A capacidade que estes têm, ao produzirem uma arma com repercussões catastróficas, colocou no panorama de guerra um novo cenário. Segundo Kissinger¹¹⁸ este novo poder alterou a face da guerra, pois permitiu pela primeira vez que movimentações e desenvolvimentos internos dos países condicionassem a política interna e as acções externas de terceiros.

¹¹⁸ “ ..., nuclear technology makes it possible, for the first time in history, to shift the balance of power solely through developments *within* the territory of another sovereign state.” Kissinger, Henry (1969) Nuclear Weapons and Foreign Policy, New York, Abridged Edition, pp.5-6

Ultrapassando as motivações que levaram ao desenvolvimento nuclear, é necessário compreender que existem requerimentos indispensáveis à correcta implementação e organização de uma fábrica nuclear, os princípios de segurança. São o alinhamento central quando o tema em discussão é a criação de uma fábrica de energia nuclear.

Com os acontecimentos de Fukushima ressurgiram novas preocupações¹¹⁹, como a instabilidade dos reactores e das reacções que neles ocorrem e ainda a eficácia das medidas de segurança obrigatórias. Com estas medidas os custos de instalação e operacionalidade de uma fábrica nuclear aumentaram de forma abrupta, reduzindo a rentabilidade de implantar uma fábrica deste género. O mais importante actualmente, é reformular as estratégias e as regras de implementação de forma a que a instalação de fábricas de energia nuclear cumpram o seu objectivo mais primordial: mais e melhor energia produzida a baixo custo e com um decréscimo de resíduos, quando comparada com outras formas de obtenção de energia equivalentes¹²⁰.

É importante aprender com o passado, e o programa nuclear não deve ser estranho a isso. Uma lição importante vem precisamente do principal opositor à capacidade nuclear da R.I.I., os EUA, nomeadamente da sua política de tratamento de resíduos. Os EUA não conseguem resolver o seu problema de resíduos nucleares¹²¹, pelo que temem que os seus ‘parceiros nucleares’ não consigam resolver a mesma situação. Seria mais prudente e até mais produtivo desenvolverem um novo método de tratamento residual que pudessem aplicar e até, exportar em virtude de minimizarem o problema que é o tratamento de resíduos de enriquecimento nuclear.

Uma nova metodologia de enriquecimento nuclear, e um novo tipo de reactor¹²² surgem como principal meio de combater o problema vivido pelos EUA. O novo método consiste na criação e utilização de novos reactores, reactores de IV geração. Estes procuram ser mais eficazes no aproveitamento e com menor produção de resíduos,

¹¹⁹ Moniz, Ernest “Why We Still Need Nuclear Power”, *Foreign Affairs*, Nov-Dec 2011

¹²⁰ Quando se efectua a análise de rentabilidade da energia nuclear, esta deve ser feita comparativamente com outras formas de obtenção de energia, na mesma quantidade, qualidade e rentabilidade.

¹²¹ Moniz, Ernest “Why We Still Need Nuclear Power”, *Foreign Affairs*, Nov-Dec 2011

¹²² *The Generation IV International Forum* disponível em https://www.gen-4.org/gif/jcms/c_9502/generation-iv-goals

procuram ser mais sustentáveis em questões de poluição, devido à maior complexidade do seu processo procuram tornar-se uma fonte menos apetecível a utilizações indevidas¹²³. Outro aspecto muito importante do desenvolvimento de nova tecnologia para as fábricas nucleares é a necessidade de proteger os sistemas que as constituem em virtude da crescente capacidade tecnológica na realização de ataques às fábricas.

III. 2. Ciberterrorismo: Stuxnet e a Fábrica Nuclear de Natanz

Actualmente as fronteiras já não são o que eram, deixaram de ter a componente física e imutável de outrora para assumirem uma acção mais permeável e cada vez mais dinâmica. O maior exemplo desta alteração foi o surgimento do ciberespaço e de todas as componentes a este ligadas.

Falar das fronteiras neste novo conceito de espaço é trabalho para uma dissertação por si só, pelo que deixaremos essa matéria atrás do véu que a cobre. Partiremos então do pressuposto que essas fronteiras, estão a ser alvo de criação, não obstante as dificuldades que o espaço em si lhes confere.

Mas afinal o que é o Ciberterrorismo? Como pode ser definido? Qual o seu âmbito e acções?

Qualquer tentativa de resposta a uma destas perguntas é extensa e requer uma análise profunda e ponderada sobre os diferentes conceitos que existem. Iremos portanto prosseguir sabendo que a eficácia de ataques neste meio, advém da elevada dependência que as sociedades actuais denotam ao meio em si¹²⁴.

¹²³ (2013) *Generation IV Nuclear Reactors*, DOE EIA 2003 New Reactor Designs, disponível em <http://www.world-nuclear.org/info/Nuclear-Fuel-Cycle/Power-Reactors/Generation-IV-Nuclear-Reactors/>

¹²⁴ TCor Tm (Eng) Paulo Viegas Nunes, aquando da Conferência “Cibersegurança e Estratégia Nacional da Informação - Novos desafios da Segurança e Defesa no Ciberespaço” no Instituto de Defesa Nacional a 11 de Abril de 2012

Com o surgimento da era tecnológica, assistimos a uma mudança de paradigma e ao controlo de quase todas as acções directa, ou indirectamente por meio electrónico e como tal através da recorrência ao ciberespaço, buscando evitar ‘constrangimentos de espaço’. Este novo ‘meio’ vem simultaneamente facilitar o desenvolvimento e aumentar riscos à segurança do mesmo.

in *Um Centro Nacional de Cibersegurança - Capacidades & Funções*,
2013

Em 2009 foi detectado por membros da Agência Internacional de Energia Atómica um mau funcionamento nas centrífugas responsáveis pelo enriquecimento de urânio da fábrica de energia nuclear de Natanz¹²⁵ no Irão.



Fig. 10 - Planta da Fábrica Nuclear de Natanz

A descoberta do vírus, foi puramente accidental, na fábrica de enriquecimento de urânio de Natanz, no Irão, quando inspectores IAEA, detectaram que as centrífugas da fábrica tinham uma velocidade de deterioração cerca de 2x superior à esperada, o que

¹²⁵ A central Nuclear de Natanz está situada a Nordeste de Teerão, possui uma capacidade superior a 3000 centrífugas de enriquecimento de urânio e é o centro de discórdia com o Ocidente em virtude das últimas amplificações de que foi alvo levantando suspeitas sobre quais as actividades que ‘realmente’ lá decorriam.

levava a uma elevada taxa de substituição das mesmas. A resposta a este desgaste excessivo, estava profundamente soterrada nos computadores da fábrica, sob a forma de um vírus composto por tantas camadas que se assemelhava a uma orquestra complexa¹²⁶, um vírus de *zero-day attacks*¹²⁷ (com quatro composições diferentes deste tipo), denominado de *Stuxnet*. Esta detecção levou a que técnicos e engenheiros da fábrica detectassem uma falha no sistema informático responsável pelo controlo do funcionamento das respectivas centrífugas.

Esta falha veio a verificar-se tratar-se de um worm, ou seja, uma espécie de minhoca que explorava subjacentemente e em profundidade. Entrávamos assim, na nova era da sabotagem industrial, com uma acção específica a processos, neste caso, controlados pela *Siemens*.

Muito se analisou o vírus em si, mas pouco ou nada se elaborou, de concreto, sobre como este worm descobriu caminho até um sistema seguro e isolado de sistemas de controlo industrial (ICS).

Não obstante o total isolamento destes sistemas é uma ilusão sendo que as principais falhas são duas (1) a firewall e (2) os dispositivos de armazenamento USB. A total segurança é em paralelo ao total isolamento uma ilusão.

A análise dos diferentes caminhos de acesso que foram adoptados pelo *Stuxnet*¹²⁸, permitiu que engenheiros de operação e de desenho pudessem desenvolver e adoptar medidas de segurança que tornassem os sistemas de controlo industriais mais seguros face a este e outro tipo de ameaças.

¹²⁶ A complexidade deste vírus é notória pois o seu tamanho era de 500kb ao invés dos habituais 10kb/15kb habituais em vírus.

¹²⁷ A definição da Symantec para zero-day exploits é a seguinte: “A zero day vulnerability refers to a hole in software that is unknown to the vendor. This security hole is then exploited by hackers before the vendor becomes aware and hurries to fix it—this exploit is called a zero day attack. Uses of zero day attacks can include infiltrating malware, spyware or allowing unwanted access to user information. The term “zero day” refers to the unknown nature of the hole to those outside of the hackers, specifically, the developers. Once the vulnerability becomes known, a race begins for the developer, who must protect users.” <http://www.pctools.com/security-news/zero-day-vulnerability/>

¹²⁸ Zetter, Kim (2011) “Report: Stuxnet Hit 5 Gateway Targets on Its Way to Iranian Plant”, *Wired* <http://www.wired.com/threatlevel/2011/02/stuxnet-five-main-target/>

Na realidade o stuxnet infectou o programa SETP7 da *Siemens*¹²⁹ de tal forma que quando é efectuado um *load* num sistema virgem, este inicia o seu processo imediatamente, prosseguindo para um sistema seguinte. Foi considerado o melhor e mais bem concebido worm já visto. O seu método de propagação centrou-se nas pen USB e outros suportes removíveis, passando depois a utilizar uma *Shared Network*. A alteração do seu comportamento era contínua uma vez que ocorria sempre que detectava um antivírus no equipamento infectado, tendo como objectivo a própria ocultação.

Porém, o que o stuxnet fez na prática, foi alterar a lógica de programação PLC, causando danos a nível material, sendo esta mesma a razão de ter sido detectado. Para isto recorreu a certificados autenticados usurpados e à criação de uma ‘capa’ que impedia que utilizadores detectassem a alteração à programação, existindo ainda um contacto periódico com um sítio na internet de forma a poder enviar e receber dados.

O Stuxnet foi o surgimento de uma nova era, a era *stealth technology spying/sabotage*.

O interesse desta temática é a sua íntima relação com o tema em foco. A capacidade nuclear iraniana foi profundamente afectada pela introdução deste vírus, sendo que o mesmo denota uma complexidade tal que a sua construção para além de demorada e tecnologicamente exigente, foi dispendiosa de tal forma que somente poderia ser possível com o apoio de um ou vários estados¹³⁰. Na realidade não se conseguiu descobrir o verdadeiro mandatário por trás da criação deste vírus, porém a imprensa internacional está inundada de informações no que concerne à participação Norte-Americana e Israelita na criação deste *worm*¹³¹.

¹²⁹ O Stuxnet apropria-se das cadeias de Network, multiplicando-se sobre todos os equipamentos visíveis á mesma, á procura dos que tenham o ‘catalisador’ da Siemens, pois de outro modo, automaticamente entraria em modo de *shutt down*.

¹³⁰Kushner, David (2013) “The Real Story of Stuxnet”, *IEEE Spectrum* disponível em <http://spectrum.ieee.org/telecom/security/the-real-story-of-stuxnet>

¹³¹ Idem, ibidem

Capítulo IV: Teatro de Operações

“Os olhos só vêem, aquilo que a mente está preparada para compreender”

Henri Bergson

As relações que pautam o Médio Oriente são profundamente distintivas quando comparadas com outras regiões. Isto surge da grande diversidade cultural, religiosa e de interesses que aqui existe. Um exemplo particular da tipologia de relações presentes no MO é a do Irão-Iraque, cuja acção era mutuamente influenciada¹³² devido às pretensões a ocupar o lugar de potência regional, por parte de ambos estes países.

Não obstante esta já acesa relação, surgem uns Estados Unidos da América para adensar este enredo¹³³. Com pretensões hegemónicas¹³⁴ e de carácter messiânico, surge assim sob o estandarte de proteger as populações e de garantir o equilíbrio internacional, quando na realidade não o consegue atingir.

Existem três factores importantes a ter em conta, quando se elabora uma análise a este triângulo, nomeadamente que (1) tanto o Irão como o Iraque viram as suas respectivas mudanças de regime, devido a uma profunda influência Norte-Americana; (2) que essa mesma influência após as revoluções foi sendo erodida , gerando até enraizados sentimentos de ódio, e finalmente que (3) aos Estados Unidos da América não interessa minimamente que exista uma potência regional no MO dada a sua grande importância e valor geoestratégico.

A 11 de Setembro de 2001, foram desencadeados uma série de eventos em solo Norte-Americano que tiveram repercussões globais, tendo essas sido iniciadas a 7 de

¹³² Zuhur, Sherifa D. (2006) *Iran, Iraq and the United States: The new Triangle's Impact on sectarianism and the Nuclear Threat*, Strategic Studies Institute

¹³³ Idem, ibidem

¹³⁴“(…) os Estados Unidos emergiram da Guerra Fria não só como a potência hegemónica global, mas também como um império global. (...) Ao contrário do império romano e do britânico, a estrutura de domínio americano é informal; contudo, isso não a torna menos real. Os Estados Unidos controlam os oceanos e a sua economia é responsável por mais de um quarto de tudo o que é produzido no mundo. (...) a dimensão e a potência do império americano são, por natureza, perturbadoras e intrusivas, o que significa que os Estados Unidos raramente podem dar um passo sem ameaçar uma qualquer nação.” Friedman, George (2012) *A Próxima Década - Onde temos estado ... e para onde nos dirigimos*, D. Quixote, pp.29-30

Outubro de 2001 quando os Estados Unidos da América invadiram o Afeganistão, antes destas terem sido autorizadas pela Organização das Nações Unidas¹³⁵. Por esta altura o governo Norte-Americano, encabeçado por George W. Bush¹³⁶ emitiu diversos comunicados, nos quais declarava essencialmente duas coisas: Que esta guerra era necessária e que quem não estivesse com eles, Estados Unidos da América, estava contra eles¹³⁷. A primeira entrada de tropas Norte-Americanas em solo Afegão foi denominada de *Operation Enduring Freedom*¹³⁸ e mais que as repercussões que teve para o próprio Afeganistão e para os Estados Unidos da América deixou totalmente a descoberto a área do Golfo Pérsico¹³⁹

Só em Dezembro de 2001 é que as Nações Unidas reagem à medida dos EUA, quando no decorrer da Conferência de Bonn¹⁴⁰ é criada a ISAF como uma medida de apoio ao governo transitório de Cabul. No decorrer da missão desenvolvida pela

¹³⁵ Esta autorização surge na Resolução 1386(2001) de 20 de Dezembro de 2001 do Conselho de Segurança das Nações Unidas disponível em <http://unama.unmissions.org/Portals/UNAMA/Security%20Council%20Resolutions/20%20December%202001.pdf>

¹³⁶ George W. Bush foi o 43.º Presidente dos Estados Unidos da América, eleito aos 54 anos de idade. Liderou o Governo Norte-Americano por dois mandatos entre 20 de Janeiro de 2001 e 20 de Janeiro de 2009. Republicano nascido a 6 de Julho de 1946 no Connecticut, enfrentou um dos piores momentos da História do país, quando 8 meses após a sua tomada de posse, vê os Estados Unidos da América a ser vítima de um atentado terrorista que viria a mudar o paradigma do sistema internacional daí em diante. Freidel, F. e Sidey, H. (2006) *The Presidents of the United States of America*, The White House Historical Association, disponível em <http://www.whitehouse.gov/about/presidents/georgewbush>

¹³⁷ O Presidente Norte-Americano George W. Bush no comunicado que dirigiu à cimeira anti-terrorismo, lado a lado com o Presidente Francês Jacques Chirac, disse “*You are either with us or against us*”, dirigindo o mesmo comunicado no Sábado seguinte nas Nações Unidas. Disponível em <http://edition.cnn.com/2001/US/11/06/gen.attack.on.terror/>

¹³⁸ Todas as informações disponíveis sobre esta operação foram compiladas num documento pelo departamento de História Militar do Exército dos Estados Unidos da América disponível em <http://www.history.army.mil/brochures/Afghanistan/Operation%20Enduring%20Freedom.htm>

¹³⁹ “(...) mais importante, o Estado iraquiano desmoronou-se, deixando os iranianos como a força militar mais poderosa na área do golfo Pérsico.” Friedman, George (2012) *A Próxima Década - Onde temos estado ... e para onde nos dirigimos*, D. Quixote, pp. 25

¹⁴⁰ A Conferência de Bonn, decorreu na Alemanha, no Hotel Petersberg em Dezembro de 2001. Aqui reuniram-se vários líderes Afegãos com o objectivo de criarem um governo interino para a fase de turbulência que o país atravessava. Este tinha acabado de ser ‘liberto’ do domínio Taliban através da Operação Norte-Americana denominada *Operation Enduring Freedom*. No decorrer desta Conferência Hamid Karzai foi eleito líder deste governo, chegando mais tarde em 2004, a Presidente Eleito do Afeganistão. Mais informações sobre as conclusões e documento resultante desta conferência estão disponíveis em <http://www.afghangovernment.com/AfghanAgreementBonn.htm>

ISAF¹⁴¹ e pela ATA, em 2002 é criada a UNAMA¹⁴², como resposta das Nações Unidas ao apelo do novo governo Afegão, para a reconstrução, desenvolvimento e apoio à população¹⁴³.

Passaram-se longos anos marcados por atentados e guerra, não só no MO como também pela Europa. Contudo as necessidades decorrentes de anos de guerra e de uma política interna e externa totalmente virada para a segurança e defesa, deixou caminho aberto, livre de obstáculos a um ressurgimento em força da Rússia¹⁴⁴.

A Europa, após a saída das suas tropas de território estrangeiro, viu cair drasticamente a sua capacidade económica e financeira. A entrada de diversos países na União Europeia, como a Bulgária, a Croácia, a Roménia e ainda a pretensão de adesão por parte de alguns países como a Sérvia, Montenegro, Albânia e ainda a Turquia¹⁴⁵ levaram a um desequilíbrio mais visível na União. Os gastos excessivos e a vida financeira dos países fortemente dependentes das ajudas e apoios desta instituição levaram a uma série de maus investimentos e a uma crise de especulação bolsista brutal. A moeda única, o euro, outrora chavão que anunciava uma mais forte união europeia pela criação e consequente adesão de países à mesma, era agora razão pela qual alguns países entravam num profundo precipício financeiro, e outros eram arrastados atrás. O euro está em risco, e com ele uma parte importante daquilo que é a actual União Europeia.

¹⁴¹ Mais informações sobre a ISAF, qual a sua missão e estrutura estão disponíveis em <http://www.isaf.nato.int/mission.html>

¹⁴² Todas as informações sobre a UNAMA estão disponíveis [http://unama.unmissions.org/default.aspx/?/](http://unama.unmissions.org/default.aspx?/)

¹⁴³ O documento onde isto está presente é a Resolução 1401(2002) de 28 de Março de 2002 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, disponível em <http://unama.unmissions.org/Portals/UNAMA/Security%20Council%20Resolutions/28%20March%202002.pdf>

¹⁴⁴ “No início da década de 1990, quando os Estados Unidos eram supremos e Moscovo perdeu o controlo não só da antiga União Soviética, mas também do Estado Russo, esse objectivo foi negligenciado. Quase de imediato, após o 11 de Setembro de 2001, o envolvimento desequilibrado de forças dos EUA no teatro de operações que vai do Mediterrâneo até aos Himalaias criou uma janela de oportunidade para o aparelho de segurança russo recuperar a sua influência. Sob a orientação de Putin, os russos começaram a reafirmar-se (...) encurralados no Iraque e Afeganistão, os Estados Unidos foram incapazes de travar o regresso de Moscovo à influência ou até mesmo de fazer ameaças credíveis que inibissem as ambições russas. Como resultado, os Estados Unidos enfrentam agora uma potência regional significativa e com uma agenda própria divergente, que inclui uma jogada de influência na Europa” Friedman, George (2012) *A Próxima Década - Onde temos estado ... e para onde nos dirigimos*, D. Quixote, pp. 25

¹⁴⁵ Lista de Países da União Europeia, disponível em http://europa.eu/about-eu/countries/index_pt.htm

IV.1. Os EUA e a segurança após o 11 de Setembro de 2001

Existem várias definições de Terrorismo. Contudo, todas elas assentam no princípio de que o terrorismo é um meio e não um fim, que tem o objectivo primário de provocar o terror, sendo que os seus alvos são principalmente civis. O Terrorismo no panorama internacional, é levado a cabo, com a intenção expressa de afectar as estruturas estatais e de deliberadamente destruir as relações e distribuições de poder a nível global.

Terrorismo é o uso calculado da violência ilegal ou ameaça de violência legal de modo a incutir o medo; intentar coagir ou intimidar governos ou sociedades na prossecução de objectivos políticos, religiosos ou ideológicos.

Departamento de Defesa dos EUA

Será de interesse notar que grande parte das organizações terroristas que conhecemos hoje, têm o princípio naquilo a que em Relações Internacionais, chamamos de Estados falhados¹⁴⁶. Pois, as organizações terroristas tendem a aproveitar zonas geograficamente mais remotas deste Estados, sobre as quais o poderio governante não consegue garantir controlo.

Uma outra característica muito importante é que muitas organizações terroristas têm mais fundos económicos do que os Estados onde actuam e de onde são provenientes, acabando assim por ser uma alternativa à morte (recrutamento da população através da qualidade de vida e, o factor de os estados não possuírem capacidade económica que os permita ter mecanismos de defesa adequados às ameaças).

Tudo isto assumiu novos contornos após Setembro de 2001 e Março de 2004, quando todo o mundo Ocidental percebeu as mudanças globais e sentiu necessidade de

¹⁴⁶ Para Robert I. Rotberg, os Estados Falhados são “when they are consumed by internal violence and cease delivering positive political goods to their inhabitants” ainda segundo Rotberg surgem nestes estados “oportunidades económicas ímpares” nomeadamente para as elites no poder, que ao controlarem o funcionamento do estado e através do recurso a metodologias criminais e de corrupção, conseguem manipular o funcionamento do mercado em seu benefício.

por em marcha planos estratégicos de defesa e segurança como nunca antes haviam sido visto.

Todos os actos terroristas são crimes. Muitos poderão também ser violações das leis da guerra, se existir um estado de guerra. Todos envolvem violência ou o teatro da violência, normalmente conjugados com objectivos específicos. Os alvos são, na sua maioria civis. Os motivos são políticos. As acções geralmente são realizadas com o intuito de atingir o máximo de publicidade. É intrínseco a um acto terrorista o facto de produzir efeitos psicológicos a longo prazo, para além do dano psicológico que causa no momento.

Brian Jenkins

Any weapons will become more effective as terrorists groups learn from their own past mistakes and mistakes of others and as the knowledge and technology for the use of such weapons diffuse even further

In *Global Terrorism*

O terrorismo, tal como se manifestou a partir de Nova Iorque, Bali, Moscovo e Madrid¹⁴⁷ criou uma percepção de vulnerabilidade e de exposição a ameaças que ultrapassa a percepção pública do perigo a que os países ditos Ocidentais estavam sujeitos.

No dia 11 de Setembro 2001¹⁴⁸, quando muitos cidadãos americanos iniciavam mais um dia de trabalho como tantos outros, um grupo de 19 terroristas, usando 4

¹⁴⁷ Vilar, Emílio Rui (2006) “O encerramento de um ciclo”, *Terrorismo e Relações Internacionais*, Gradiva, pp. 16-21

¹⁴⁸ A 11 de Setembro de 2001, foi perpetrado um dos mais horrendos actos terroristas até hoje. Muitos dos que na manhã de 11 de Setembro estavam na Europa, puderam observar em directo o embate do segundo avião na segunda torre do *World Trade Centre, New York*. As imagens estavam a ser emitidas em directo em plenos jornais diários, da hora de almoço. A 11 de Setembro de 2001, a face do mundo mudou para nunca mais ser a mesma. Os outrora impenetráveis e desejados Estados Unidos da América, estavam sob ataque em território nacional. Pela primeira vez, desde o fim da guerra civil a guerra tinha quebrado fronteiras e deflagrado no interior do país. Para a população Norte-Americana tal situação era impensável. O ataque surgiu sob a forma de 4 aviões, 2 que embateram contra o *World Trade Centre*, 1 que embateu contra o Pentágono e um último que se dirigia para Washington DC mas que se despenhou antes de alcançar o alvo. Os terroristas da al-Qaeda ceifaram a vida a mais de 3000 pessoas e destruíram o ideal de segurança da nação, dando início à maior caça ao homem da história. Onde estava Osama bin Laden, o cérebro por detrás destes ataques. Os acontecimentos deste dia desencadearam a invasão do Afeganistão e do Iraque, trouxeram 10 anos de guerra intensa contra o terrorismo. Mais dados disponíveis em <http://www.history.com/topics/9-11-attacks> e <https://www.cia.gov/library/publications/additional-publications/devotion-to-duty/september-11-2001.html>

aviões¹⁴⁹ como mísseis entravam numa missão suicida que viria a provocar a morte de mais de 3.000 pessoas e o terror do Mundo inteiro.

A 11 de Março de 2004¹⁵⁰, Madrid, sofreu por sua vez a terrível agonia que os Estados Unidos da América tinham sentido, numa acção de profunda violência, quando foram alvo de ataques terroristas que visaram, civis inocentes e alvos-símbolos daquele país.

O Mundo mudou a sua percepção do Terrorismo, pois o impensável, tinha acontecido pela crueldade e pelo grau de agressão desmesurado. Um novo tipo de Terrorismo tinha surgido¹⁵¹.

O Mundo percebeu que se estava perante uma nova forma de Terrorismo, global na sua organização, global no seu alcance e global nos seus objectivos. Produto de conflitos locais, regionais e portador de uma visão mundial que fazia frente à ideia da globalização. Esta permitiu o desenvolvimento avassalador do mundo, tendo encontrado nesta nova táctica metodológica o seu adversário à altura. O Terrorismo representava e continua a representar uma ameaça particular para a segurança internacional e, o seu impacto é tão profundo que a própria ordem das relações internacionais e segurança dos Estados sofreu profundas influências transformadas em virtude dela.

Esta nova *praxis* é diferente daquilo a que as sociedades estavam habituadas. A sua mensagem é transportada não pelos tradicionais espiões pós-Guerra Fria, a que mundo estava habituado, mas sim por jovens, sem qualquer ligação aparente de padrão social, cultural, etário ou étnico. Desta forma o impacto social e psicológico causado por estes indivíduos é devastador.

¹⁴⁹ “The 9/11 Terrorist attacks”, *BBC History* disponível em http://www.bbc.co.uk/history/events/the_september_11th_terrorist_attacks (Cardoso, 2009:18)

¹⁵⁰ Cerca de dois anos e meio após o ataque às Torres Gémeas (*World Trade Centre*) é a vez de Espanha ser atingida pela vaga de terror. Em três comboios que faziam a ligação Alcalá de Henares-Atocha (Madrid) explodiram 7 de 10 bombas, perfazendo um total de 191 mortes e milhares de feridos. As imagens do sucedido percorrem o mundo, e este soube que a ameaça do terrorismo, não se tinha dissipado, muito menos desaparecido. O mundo tomou consciência, que o silêncio dos grupos terroristas implicava a preparação de um novo ataque. A justificação para este ataque é associada com a participação de Espanha na guerra do Iraque, tendo dois meses depois em Maio de 2004 resultados visíveis com o regresso de todos os soldados espanhóis, ao seu país, abandonando o teatro de operações permanentemente. Disponível em <http://www.history.com/this-day-in-history/terrorists-bomb-trains-in-madrid>

¹⁵¹ Teixeira, Nuno Severiano (2009). “Terrorismo, uma ameaça transnacional”, *Contributos para uma Política de Defesa*, Lisboa, Ministério da Defesa Nacional, Agosto, pp. 31-35

A consciência de que qualquer jovem estará disposto a dar a sua vida, para levar outros demais consigo é avassaladora, e por si só é uma força paralizadora. As reais consequências surgem no pós ataques, pois a sobrevivência a uma violência deste tipo acciona mecanismos na psique humana que só após se começam a compreender.

Estruturalmente as organizações terroristas sofreram aquilo que vulgarmente apelidamos de evolução, pois a sua estrutura rígida e de representação piramidal sucumbiu a uma teia difusa, dispersa e com inúmeras ligações. A nova estrutura dotou às organizações destes tipo, uma dispersão geográfica, tornando mais fácil a movimentação de indivíduos bem como de bens e fundos. A utilização de *home made bombs*, foi substituída pela ameaça de armas de destruição maciça e por ataques com agentes químicos.

As novas características denotaram a necessidade de uma nova perspectiva no estudo do terrorismo, em que se concluiu que os paradigmas das relações internacionais não se aplicavam mais à realidade observada.

Na era do mundo globalizado, fomos e somos testados todos os dias a um novo nível. A opinião individual e a construção de uma opinião pública¹⁵², exercem hoje mais poder destrutivo que a destruição propriamente dita dos governos. O medo reflectido na população, pode deste modo traduzir-se numa tremenda pressão sobre o governo de determinado estado. Um exemplo exhaustivamente analisado por George Friedman foi o dos acontecimentos pós-11 de Setembro de 2001 e a pressão que a opinião pública gerada nos Estados Unidos da América, tiveram sobre o seu Presidente, George W. Bush filho. As suas decisões no pós ataque, foram profundamente afectadas pela opinião pública e pela necessidade que este líder teve de demonstrar força, tanto à sua nação como a terceiros. Algumas das suas decisões, vieram a verificar-se tratarem-se de erros crassos para o seu país e para todos os outros envolvidos directa ou indirectamente na guerra que se seguiu.

¹⁵² “(...) Bush teve de gerir a psicologia do país ao mesmo tempo que seguia o seu objectivo estratégico (...) quanto mais êxito obtinha a bloquear a al-Qaeda, mais o trauma psicológico desvanecia. Uma parte do público passou de uma posição de exigência das medidas mais extremas, para uma posição de choque (...) Lidar com o mundo islâmico é uma questão apaixonante nos Estados Unidos, uma questão que divide o país (...) A função do presidente é alinhar-se com a opinião pública e lidar com ela(...)” Friedman, George (2012) *A Próxima Década - Onde temos estado ... e para onde nos dirigimos*, D. Quixote, pp. 101

(...) a investigação de toda a informação que recebíamos e da qual nada resultou. No meu relatório de 27 de Janeiro para o Conselho de Segurança das Nações Unidas afirmei: «Até à data não encontramos qualquer tipo de prova de que o Iraque tenha reactivado o seu programa de armas nucleares.» Esta afirmação foi muito criticada pelos militares ocidentais e pelos *media* especializados, que se tinham convencido do contrário(...) Se a justificação para uma nova invasão assentava na reactivação do programa de armas de destruição massiva (ADM) por parte de Saddam Hussein, então onde estavam as provas? Onde estava a ameaça iminente? (...) Uma guerra sem justificação iria marcar uma clivagem ainda maior na relação entre países(...) Tanto os Estados Unidos como o Reino Unido tinham programas de armas nucleares(...) No entanto estavam a ameaçar o Iraque por, supostamente, estar a tentar adquirir armas dessas.

in, *A Era da Mentira - A verdade escondida sobre os Grandes Conflitos Internacionais*, 2011, pp.13

A acção terrorista é um meio e não um fim. “O terrorismo não é um inimigo, mas um tipo de guerra que pode ou não ser adoptada por um inimigo”¹⁵³. Esta situação transporta-nos novamente para a questão anterior, de que a opinião pública é hoje, o verdadeiro factor determinante na estabilidade ou instabilidade de um estado. É desta avassaladora expressão que os terroristas se alimentam, ao explorarem o medo da finitude que a maioria das pessoas tem. Esta associada ao aparato que se gera em torno de acções terroristas são as principais razões de acção dos ‘terroristas’.

Fazendo recurso da memória e simultaneamente da nossa capacidade de visualizar mentalmente um objecto podemos criar uma espécie de linha invisível. Acima dessa linha vamos colocar todos os actos de Guerra declarada, ou seja vamos colocar todos os conflitos até à II Guerra Mundial sendo que, abaixo dessa linha, iremos colocar todos os conflitos após a II Guerra Mundial.

Notoriamente começam a destacar-se imagens da Guerra-Fria e de como essa, perspectivou na população mundial (em especial Norte-Americanos) um medo, desconforto e sentimento de insegurança tal só comparáveis aos sentidos com os ataques do 11 de Setembro. Deste novo patamar, propõe-se que se analise estes actos

¹⁵³ Friedman, George (2012) *A Próxima Década - Onde temos estado ... e para onde nos dirigimos*, D. Quixote, pp. 97

terroristas, relembrando os seus objectivos políticos¹⁵⁴, como se tratando da parte visível de uma nova forma de Guerra.

Desta forma, tudo o que se aborda aqui está longe de ser qualquer coisa nova, pois falamos do novo tipo de guerra que surgiu com a globalização, ou seja, a Guerra da Informação, em que o importante, o valor não está nos objectos em si, mas na informação e no significado da mesma.

Desta perspectiva complexa observa-se que as sociedades contemporâneas têm dois grandes problemas que importa resolver. O primeiro, o da articulação entre segurança interna e externa, no quadro das ameaças internacionais. Como articular do ponto de vista operacional do ponto de vista do comando, os instrumentos tradicionais, as Forças de Segurança as Forças Armadas, as Forças vivas destinadas a defender-nos. Exigindo talvez reformas jurídico-constitucionais e operacionais. Por outro lado, mais difícil de solucionar o de articular a liberdade individual, matriz das actuais sociedades democráticas com as exigências da segurança.

Estes desafios que se colocam às actuais sociedades democráticas impõem uma posição cada vez mais integrada e unificada, face ao interesse comum na manutenção de um poder democraticamente eleito que não se subjugue aos interesses dos Terroristas.

IV.1. 1. O Ressurgimento do Terrorismo

Como referido atrás, o terrorismo hoje, chega até nós sobre novos moldes, ou simplesmente o seu estudo atingiu um nível de exaustão tal, com o pós-11 de Setembro, que só agora começamos a perceber a sua verdadeira dimensão e profundidade, levando-nos a necessitar de compreender as diferentes classificações que o mesmo comporta. Quanto à sua tipologia podemos classificar o terrorismo em vários tipos, nomeadamente:

¹⁵⁴ Jenkins, Brian M. (1974) *International Terrorism: A New Kind of Warfare*, California, The Rand Paper Series, The Rand Corporation

1. Terrorismo de Estado, sobre o qual poucos querem falar e sobre o qual existe poucos consensos. Segundo Maquiavel, um líder dificilmente conseguirá que todos os indivíduos que pertencem ao seu estado o sigam, mas pode decididamente provocar o medo a todos eles levando a que efectivamente o acabem por seguir. A discórdia gerada em torno desta dimensão do terrorismo é soberba, uma vez que os Estados não aceitam esta definição;
2. Terrorismo Político, esta tipologia de terrorismo é característica de teor revolucionário;
3. Terrorismo Religioso, é um dos mais importantes, senão o mais importante do ponto de vista das relações internacionais pois bipolariza a luta terrorista entre o bem e o mal, em que só um pode prevalecer, dado que não existe outra solução. Isto leva os seus actores a desvalorizarem a sua vida terrena e a do outro pois assumem a sua luta como uma demanda divina. Eles, terroristas, assumem que é esta desvalorização da vida terrena que os torna dispensáveis, assim como a todos os outros indivíduos que procuram enquanto fatalidades terrenas, uma vez que partem do pressuposto (alienação) que estão a salvar os mesmos para a entrada na vida após a morte, a vida eterna;
4. Ciberterrorismo. Esta é a mais recente tipologia e é caracterizada pela utilização das novas tecnologias, em especial da internet como meio de coacção, propagação ou acesso a indivíduos, bens e informação;
5. Terrorismo Biológico e Químico, que como o próprio nome indica são caracterizados pela utilização de agentes biológicos ou compostos e agentes químicos para atacar as populações. Exemplos deste tipo de terrorismo são a utilização de Ébola, Gás sarin e antraz para infectar e dizimar grupos de pessoas e até populações;
6. Narcoterrorismo é um tipo particular de terrorismo, pois a sua principal motivação é diferente de todas as outras. O seu objectivo não é dizimar vidas, mas sim obter recursos monetários. Ou seja, é uma das principais

fontes de financiamento dos grupos terroristas sendo que é daqui que advém a relação entre o terrorismo e as redes crime organizado. Foi também através desta relação que o terrorismo aprendeu e desenvolveu a sua nova estrutura, dispersa no tempo e no espaço (a formação em rede já abordada anteriormente);

7. Terrorismo Suicida. Esta é a tipologia sobre a qual recai a melhor acção imediata, ou seja, com melhores resultados enquanto fonte provocadora de medo e de sentimento de insegurança, já que os terroristas suicidas conseguem infiltrar-se melhor nos alvos, fazer ajustes à última da hora e não necessitarem de equipas.

Actualmente é entendido como terrorismo internacional¹⁵⁵ todo e qualquer acto terrorista que deliberadamente intente contra a organização, dispersão e estrutura da distribuição do poder mundial. Aqui, o combate não é feito dentro das fronteiras de um país. O campo de batalha é o mundo.

A instituição americana RAND¹⁵⁶, considera como actos de terrorismo internacional as acções em que os terroristas atravessam fronteiras nacionais para realizar ataques ou atacam alvos estrangeiros dentro do seu território. Desta forma o Terrorismo internacional, possui a capacidade para actuar em todo o mundo com meios superiores às organizações terroristas que actuam num território específico de modo assimétrico.

O objectivo deste tipo específico de terrorismo é o de gerar uma certa probatória psicológica que leve os indivíduos a afastarem-se dos ideais do seu governo levando a que estes adoptem medidas diferentes ou até mesmo que negociem com os grupos terroristas. Isto funciona pois, esta tipologia de provocar o terror, em civis, por qualquer

¹⁵⁵ Jenkins, Brian M. (2008) *The New Age of Terrorism*, Chapter 8, California, The RAND Corporation

¹⁵⁶ Jenkins, Brian M. (1980) *The study of terrorism: Definitional Problems*, California, The RAND Corporation, pp.3 disponível em <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/papers/2006/P6563.pdf>

meio torna o terrorista em algo que este não é, conferindo-lhe um poder atemorizador estrondosamente relevante¹⁵⁷.

É importante lembrar que os grupos terroristas, são em pequena parte, algo considerável na estratégia de um país do Ocidente, pois, como no caso do Estados Unidos da América, a al-Qaeda não representava nem representa um perigo estratégico real.

Com isto quer-se demonstrar que uma política externa totalmente centrada para o combate ao terrorismo é uma postura por si só causadora de desequilíbrios internos e externos, visíveis nos EUA¹⁵⁸, já que todos os seus fundos foram direccionados para o combate ao terrorismo, deixando o país à deriva.

O desequilíbrio internacional é notório nas relações externas, no decorrer dos últimos anos. Estes são visíveis em virtude da inexistência de uma aliança transatlântica, sendo reforçados e potenciados pelos ataques terroristas que ocorreram em Setembro de 2001 e Março de 2004. Daqui poderia na realidade emergir uma estratégia comum de defesa entre os dois lados do Atlântico¹⁵⁹ e até uma política de acção comum para as outras regiões com influência ocidental.

É já possível observar que a total obsessão gerada pelo combate ao terrorismo, reforçada pela opinião pública e gerada pelos imensamente publicitados ataques às Torres Gémeas e Estação de Atocha, criaram um desequilíbrio no mundo das relações internacionais, pois a par que umas se centravam totalmente no combate a esta ameaça islâmica, outras, como a Rússia¹⁶⁰ sofriam um ressurgimento livre de impedimentos e conflitos já que a maioria do mundo Ocidental, estava focada num combate inacabável às bases do Terrorismo Religioso de orientação islâmica.

¹⁵⁷ Friedman, George (2012) *A Próxima Década - Onde temos estado ... e para onde nos dirigimos*, D. Quixote

¹⁵⁸ Moreira de Sá, Tiago (2011) “O dia que mudou a América, não o mundo”, *Público*. Disponível em: http://www.ipri.pt/publicacoes/working_paper/working_paper.php?idp=696

¹⁵⁹ Vilar, Emílio Rui (2006) “O encerramento de um ciclo”, *Terrorismo e Relações Internacionais*, Gradiva, pp. 19

¹⁶⁰ Friedman, George (2012) *A Próxima Década - Onde temos estado ... e para onde nos dirigimos*, D. Quixote, pp. 101

Para demonstrar o quão complexa e intrincada é a rede de relações internacionais da Nova era, será importante lembrar que foram apontados até (alguns afirmam ser uma teoria da conspiração, outras a verdadeira história) que foram os próprios Estados Unidos da América a encomendar estes ataques como justificação para uma invasão ao Iraque já que não o tinha feito aquando da guerra do Koweit.

Pode afirmar-se que na actualidade o Terrorismo tornou-se um actor nas Relações Internacionais; tornou-se um actor de grande influência, com grande poder, e acima de tudo proscrito, pois vai contra todos os princípios do Direito Internacional. Uma vez que ao agirem contrariamente a todas as leis e a todos os princípios humanitários afigura-se que o combate a estas organizações em tudo não pode ser convencional, passando por metodologias mais drásticas, como o corte de financiamento e a total erradicação das actividades por elas perpetradas, assim como a extinção dos seus campos de treino.

No séc. XXI o terrorismo alterou a maneira como as Relações entre estados eram realizadas, pois entraram em consideração novos factores, como o imperativo territorial. Com isto quer-se dizer que se determinado Estado não controla a totalidade do seu território requer apoio externo para que daqui não surjam movimentos radicais com princípios, metodologias e acções terroristas.

Enfim, todos os ataques observados, toda a cobertura mediática e toda a conversa política em torno das acções terroristas levou a que a dinâmica entre Estados, os fluxos migratórios e as redes comerciais de transacção, sofressem profundas alterações em virtude do medo criado e inserido dentro de cada indivíduo e da população como um todo. O mais importante e maior desafio deste século é no entanto tentar equilibrar a balança nas mãos das administrações dos países para que estas consigam lidar com a fortíssima opinião pública referente ao terrorismo e a real necessidade de implementação de forças e fundos no combate a essas ameaças.

Independentemente de qual seja o Presidente Norte-Americano eleito, a Estratégia Nacional segue a mesma direcção à pelo menos duas décadas¹⁶¹. Ou seja, os líderes daquele País podem ser republicanos ou conservadores, e adoptar posições mais

¹⁶¹ *National Security Strategy*, The White House disponível em http://www.whitehouse.gov/sites/default/files/rss_viewer/national_security_strategy.pdf

para a esquerda ou direita, contudo seguem sempre a mesma direcção e almejam o mesmo objectivo¹⁶².

IV.2. A Coreia do Norte e o Irão. Não são iguais.

A Coreia do Norte não é o Irão. Atualmente no panorama internacional, alguns países preocupam-se com o Irão, como o fazem com a Coreia do Norte, chegando mesmo a afirmar que ambos os países representam uma ameaça similar. Contudo, a realidade não poderia ser mais distante destas afirmações.

O Irão e a Coreia do Norte são países geográfica, histórica e culturalmente distintos. Possuem uma grande diferença entre o nível de estudos e de abertura ao exterior. Na realidade a única semelhança entre estes países reside no seu principal opositor, os Estados Unidos da América, e na ameaça que podem representar para este último¹⁶³.

O Irão pertence ao grupo de países que assinou o Tratado de Não proliferação de Armas Nucleares¹⁶⁴ enquanto que o regime de Pyongyang acelerou e construiu armas nucleares. Na realidade, estes dois países não poderiam ser mais distintos. As necessidades Iranianas em nada se comparam às Norte-Coreanas, começando nos seus recursos energéticos, passando à cultura e educação das suas populações. Em Teerão a semelhança com países ocidentais é soberba a passo que em Pyongyang a regra é a limitação e constrição de liberdades.

Num país observamos uma ocidentalização dos costumes, uma liberdade, cultura, educação e alimentação semelhantes a algumas metrópoles do Ocidente. No

¹⁶² Friedman, George (2012) *A Próxima Década - Onde temos estado ... e para onde nos dirigimos*, D. Quixote

¹⁶³ VI, Shawn e Cafiero, Giorgio (2013) "In Tehran, All Eyes on North Korea", FPIF

¹⁶⁴ "North Korea and Iran - Information Sheet No 14", *Report of the International Commission on Nuclear Non-Proliferation and Desarmement*

outro, observamos um regime fechado, que funciona à base do medo, em que a história da humanidade foi rescrita de forma a que o líder supremo e a sua descendência sejam os salvadores da tirania do Ocidente.

Da perspectiva nuclear, as ambições são totalmente diferentes, veja-se. Para o Irão a motivação é energética, e surge como forma de combater a exportação da principal fonte energética do mundo para outros estados. Ou seja, a economia Iraniana depende fortemente da exportação de petróleo que o país faz, assim sendo a disponibilidade deste recurso internamente é quase inexistente, tornando a necessidade de outra fonte energética evidente. A expressividade que o desenvolvimento nuclear trouxe ao Irão é fundamentada com o alargamento das suas fábricas nucleares bem como da quantidade de urânio enriquecido que nelas se produz. Bem explorado, até se poderia considerar que o ciberataque do Stuxnet¹⁶⁵ conferiu mais visibilidade às centrais nucleares iranianas do que o esperado, funcionando como um *back fire* à intenção original de encerramento das fábricas.

Já para a Coreia do Norte a motivação surge da necessidade de segurança e essencialmente demonstração de poder. Para o líder de Pyongyang a única forma de a Coreia do Norte estar segura, contra a China a Coreia do Sul e o seu aliado os EUA é possuir meios de destruição¹⁶⁶. Contudo a motivação de Pyongyang é dupla e está encoberta por este manto da segurança, quando na realidade o seu interesse é a demonstração de força, de que a Coreia do Norte, se assim o entender, pode destruir nações vizinhas¹⁶⁷.

O poder nuclear é simultaneamente uma ameaça e um forte dissuasor de conflito¹⁶⁸. Isto foi bem visível com a política de aniquilação mutua adotada pelos EUA

¹⁶⁵ O Ataque perpetrado contra as centrifugadoras da Fábrica Nuclear de Natanz circulou em todos os meios de comunicação. O estudo do *worm* encontrado fez discorrer imensas páginas descritivas, sobre o seu processo, acção e travagem. Em algumas alturas será de ponderar que caso não tivesse ocorrido um ciberataque aos sistemas utilizados pela fábrica, o programa Nuclear Iraniano estivesse tão exposto. Os atacantes além de não atingirem o seu objectivo, acabaram por direccionar as atenções para si próprios e sob os binóculos não muito positivos.

¹⁶⁶ VI, Shawn e Cafiero, Giorgio (2013) “In Tehran, All Eyes on North Korea”, FPIF

¹⁶⁷ “North Korea and Iran - Information Sheet No 14”, *Report of the International Commission on Nuclear Non-Proliferation and Desarmement*

¹⁶⁸ Kissinger, Henry (1969) *Nuclear Weapons and Foreign Policy*, New York, Abridged Edition

e pela antiga União Soviética, aquando da criação dos seus arsenais nucleares. No entanto ao contrário da Coreia nada leva a crer que o Irão possua armas nucleares.

Somando estas características às motivações para o nuclear só se pode chegar a uma conclusão: Entre o Irão e a Coreia do Norte, não existem semelhanças, por mais que estas se tentem comprovar.

IV.3. E a estabilidade do Sistema Internacional ?

“Os ganhos de vitória terão de ser muito superiores às perdas em caso de derrota”

Octávio Militão

Pedir à diplomacia que seja a bóia salva-vidas da humanidade, no que concerne à questão nuclear, é talvez fora do limite da razoabilidade. Pois a diplomacia requer que pelo menos as partes em oposição, reconheçam a necessidade de uma mudança comum e mediada, que previna conflitos bélicos e que promova a harmonia.

A general disarmament scheme, to be successful, must deprive each party of the ability to inflict a catastrophic blow on the other; at the very least it must not give an advantage to either side

in Nuclear weapons and Foreign Policy

Esta ideia de Kissinger seria a ideal, contudo à luz da situação actual tal cenário não é de todo cabível.

O Médio oriente tornou-se no recreio das grandes potências. Na realidade assemelha-se à versão moderna da Europa no término da II Guerra Mundial. Outro vector importante para compreender o que o futuro reserva é a desagradável convicção de que a invasão ao Iraque, não passou de uma acção estratégica deliberada dos EUA, de forma a desestabilizar o MO. Sabendo eles que essa mesma destabilização iria evitar

o acesso Chinês a uma grande fonte de combustíveis fósseis, provocando um retrocesso no crescimento económico do país.

Desta perspectiva é-nos possível afirmar que o futuro é algo ainda cheio de incertezas, contudo o desejo hegemónico dos EUA é algo que não é incerto. Muito pelo contrário é uma certeza cada vez mais absoluta e real, comprovada pelas suas acções.

A atitude da comunidade internacional para com o MO é a da política da Terra Queimada, ou seja, no caso de um interessado não a poder controlar, este fará tudo para impedir que mais algum estado o consiga fazer. Esta política delapida o território, as suas populações e mina todas as possíveis medidas de acção externas.

Esta acção não delimita somente o plano de acção Iraniano, como o do próprio SPI, uma vez que os interesses e as ligações se encontram em constante ataque, resultado da política para com o MO e mais particularmente com o Irão.

A Europa atravessa uma década difícilima, com grandes dificuldades económicas, que só tenderam a agravar com a necessidade que a Alemanha denotou ter, no controlo de toda a União Europeia¹⁶⁹. Os Estados Unidos da América, com a política Obama, representam agora uma acção mais escondida, que se baseia em manipulações e medidas de acção silenciosas.

¹⁶⁹ A Alemanha desde a quebra na moeda única e desde que alguns estados membros da União europeia, denotou um interesse particular em assumir a liderança no controlo e direcção de resolução da situação. O seu desejo de criação de um banco Europeu Único com 'controlo' Alemão verifica, de certo modo esta sua pretensão de liderança da União. "We as a country shouldn't sit on the fence and say it's up to them. 'We should be saying No, this is wrong, wrong for Europe'. The people of Europe don't want to be dominated by Germans." disponível em Little, Allison (2012) "Germans plot to take control of Europe", *Express* disponível em <http://www.express.co.uk/news/uk/327887/Germans-plot-to-take-control-of-Europe>

CONCLUSÃO

"Se planejarmos para um ano, devemos plantar cereais. Se planejarmos para décadas, devemos plantar árvores. Se planejarmos para toda a vida, devemos educar o homem"

Kwantzu, China, século III a.C.

O mundo hoje é muito diferente daquilo que era no final do séc. XX. A nova realidade económica fez estremecer a supremacia ocidental, desviando o centro de poder das grandes potências mundiais para as novas e emergentes potências.

As potências de outrora viram-se deste modo encostadas a uma parede que anteriormente não existia, os BRIC. Com esta dura certeza, não havia outra solução que não procurar recuperar novamente o poder e supremacia absolutos. O grande trunfo das potências ocidentais e em particular dos EUA são a sua forte presença em quase todos os mercados de transacções do mundo. O seu grande poder de controlo e influência em diferentes matérias, confere ao país certas vantagens inexoráveis.

A verdadeira questão, que não se resume ou encerra de todo com a temática do nuclear, é a aceitação ou não aceitação de que o mundo hoje é um sistema multipolar em que a verdadeira estrutura do SPI já não acenta numa única superpotência, mas em várias potências de carácter regional e, que mesmo essas não são fixas e imutáveis. Com isto pretende-se esclarecer que o poder reclamado pelos EUA só o é, se aceitarmos que o SPI pode ser governado por um único estado.

A realidade do século XXI não é essa. O SPI sofreu alterações estruturantes profundas que fizeram o até então equilíbrio internacional, alterar os seus paradigmas. O ponto essencial desta nova evolução no sistema internacional é que as novas potências são capazes de autodeterminar o seu destino, colocando uma nova questão no ponto de ordem. Será que as grandes potências têm a capacidade e legitimidade de definir a orientação dos outros estados? A resposta a esta questão, pode gerar

controvérsia, contudo de uma forma muito breve, a resposta é não. Um grande e intransigente não. É para isso que foi criada e existe a Organização das Nações Unidas.

A área da energia nuclear não é diferente. O seu controlo deve ser fiscalizado devido à instabilidade e segurança do processo de enriquecimento de urânio. Esta deve ser a principal razão de fiscalização e não a verificação de construção de armas nucleares, senão em pouco tempo andaremos a caçar fantasmas, aliás como já observado na caça de armas de destruição maciça no Iraque, que se veio a verificar uma dispendiosa e custosa caça aos gambozinos. O desconhecido gera desconfiança e talvez esta seja uma das principais razões causadoras de desconfiança face ao Médio Oriente e ao Irão em particular.

A energia nuclear é um bem essencial para o Irão, que a curto prazo será a sua maior fonte energética. Esta surge da indubitável necessidade económica de exportação de petróleo de que o estado iraniano carece, devido à incessante procura internacional. Basicamente o Irão necessita de desenvolver a sua tecnologia nuclear, pois devido a uma intensa procura externa, precisa vender a sua maior fonte de rendimento energética, o petróleo. Esta é uma das leis mais básicas do pensamento económico, *supply and demand*.

O poder nuclear é algo que deve ser regulado com a necessária cautela dadas as características singulares inerentes ao mesmo, porém é também expectável que os possuidores desta capacidade adquiram uma certa sensatez que os impedirá de utilizar as suas capacidades de índole bélica.

A profunda interferência de Washington no processo de enriquecimento nuclear iraniano, viu um retrocesso aquando da tomada de posse pelo Presidente Rohani. A ideologia mais ocidentalizada e aparentemente menos conflituosa deste líder, teve como consequência uma menor acção pela parte dos EUA. Não obstante, a pressão por parte dos EUA no conselho de segurança da ONU e a sua prepotência através da NATO, são duas formas altamente visíveis, através das quais os EUA tentam influenciar o equilíbrio do SPI.

Não fosse a nova tomada de posição, em virtude da nova presidência Iraniana, por ambas as partes e seria muito irónico que fosse no mandato de um presidente que chegou ao poder sob uma imagem de pacifismo e cooperação internacional que se iniciasse, por culpa americana, um dos maiores conflitos dos últimos tempos no médio oriente.

A capacidade de autodeterminação de um estado é algo que o caracteriza enquanto nação, que define os seus princípios no cenário internacional e que a faz assumir-se como independente. Quebrar essa cadeia é inferir sobre a própria construção do estado e por isso retirar-lhe a independência conquistada aquando da formação dos Estados-nação. Esta capacidade deve portanto de ser preservada e até estimulada.

Para o Irão o tema nuclear foi somente mais um, dos vários através dos quais o estado viu a sua capacidade de autodeterminação ameaçada. Deverá portanto ao SPI novamente reforçar que os estados reconhecidos são capazes da sua autodeterminação nas mais diversas matérias e que o respeito mútuo entre diferentes estados não deverá ser um desejo mas sim um princípio obrigatório.

O Irão não é um país socialmente instável, possui no entanto certas desigualdades sociais cada vez mais comuns nos países desenvolvidos. A sua realidade política trouxeram-no a um recente acordo de paz e pausa no processo nuclear, demonstrando que as intenções iranianas para com o uso da capacidade nuclear se restringem à utilização energética. Contudo esta nova metodologia de lidar com o ‘problema’ da energia nuclear pode ter outras significâncias para além da enunciada. Assumimos que o Irão poderá já possuir uma arma nuclear pelo que este acordo surge de já não se verificar esta necessidade, poderá no entanto também significar que o Irão possui uma capacidade de produção nuclear rápida em caso de necessidade, ou finalmente como já abordado atrás, e verificando-se este o caso mais provável e plausível, o Irão não possui e não tem interesse em possuir uma arma de carácter nuclear, uma vez que o seu mais profundo interesse é a capacidade energética nuclear.

O acordo entre EUA e R.I.I. foi muito desejado por ser um indicador de aparente estabilidade internacional, porém este acordo poderá ter outros contornos a curto ou

médio prazo, pois tanto política iraniana como norte-americana não são uma de acomodação.

Do ponto de vista internacional, a utilização de energia nuclear deve ser promovida com cautela, sem no entanto ser negada desde que os padrões exigidos pela AIEA sejam cumpridos pelos países com pretensão ao nuclear.

Parece-nos que o Irão tem capacidade de possuir energia nuclear desde que nos parâmetros anteriormente referidos.

Quanto à sua influência no SPI poderemos avançar que as relações EUA-R.I.I. são uma fonte causadora de instabilidade internacional, pois motivam o envolvimento de outros países na área regional do Irão e ainda aliados de peso como a China e a Rússia, devendo por isso este tema ser tratado com a cautela e cuidados necessários para não dilacerar uma situação já instável.

Este será um novo Irão, porque não esperar igualmente uns novos EUA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amante, M. de Fátima (2007) *Fronteira e Identidade – Construção e representação identitárias na raia luso-espanhola*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 59-71

Anderson, Benedict (2005) *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*, Lisboa, Edições 70

Aron, Raymond (1986). *Paz e Guerra entre as Nações*, Brasília, Universidade de Brasília

Armadilhas Petrolíferas - Imagem [disponível em : <http://www.blueridgegroup.com/primer.html> consultado pela última vez em 2013/11/05]

() “About Tar Sands”, *2012 Oil Shale & Tar Sands Programmatic EIS*, Information Center [disponível em : <http://ostseis.anl.gov/guide/tarsands/> consultado pela última vez em 2013/09/26]

Batalha, Luís (1995) *Breve Análise sobre o Parentesco como forma de organização social*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, [disponível em : <http://www.iscsp.utl.pt/~lbatalha/downloads/analiseparentesco.pdf> consultado pela última vez em 2013/09/10]

Bandeira do Irão [disponível em : <http://www.1001bandeiras.com/asia/irao> consultado pela última vez em 2013/11/05]

Berkeley (2011) “1973-74 Oil Crisis” [disponível em : <http://bancroft.berkeley.edu/ROHO/projects/debt/oilcrisis.html> - consultado pela última vez em 2013/04/08]

Behraves, Maysam (2013) “Iran’s Moderate Moment: The Leader Just Let It Go”, *e-International Relations* [disponível em : <http://www.e-ir.info/2013/07/07/irans-moderate-moment-the-leader-just-let-it-go/> consultado pela última vez em 2013/11/21]

Beehner, Lionel (2006) "Iran's Ethnic Groups" *Council on Foreign Relations*, [disponível em : <http://www.cfr.org/iran/irans-ethnic-groups/p12118> consultado pela última vez em 2013/11/21]

Blackman, Sue Anne Batey and Baumol, William J. (2008) "Natural Resources." *The Concise Encyclopedia of Economics*. Library of Economics and Liberty. [disponível em : <http://www.econlib.org/library/Enc/NaturalResources.html> consultado pela última vez em 2013/09/26]

Blanco, Ramon (2009) *State-building: uma perspectiva crítica*, FCT [disponível em : http://cabodotrabalhos.ces.uc.pt/n3/documentos/2_Ramon_Freitas.pdf consultado pela última vez em 2013/10/20]

Bouthoul, Gaston (1971) *La Guerra*, Barcelona, Oikos-Tau

BP Statistical Review of World Energy June 2011 [disponível em : http://www.bp.com/assets/bp_internet/globalbp/globalbp_uk_english/reports_and_publications/statistical_energy_review_2011/STAGING/local_assets/pdf/statistical_review_of_world_energy_full_report_2011.pdf consultado pela última vez em 2013/05/08]

Bush, George W. (2001) "You are either with us or against us" [disponível em : <http://edition.cnn.com/2001/US/11/06/gen.attack.on.terror/> consultado pela última vez em 2013/06/11]

Carajabille, Victor Manuel Bento e Lopo (2011) *Segurança e Defesa No Mar*, Academia de Ciências de Lisboa - Instituto de Estudos Académicos para Sêniiores

Carment, David (1993) "The International Dimensions of Ethnic Conflict: Concepts, Indicators and Theory", *Journal of Peace Research* Vol.30, 2 pp.137-150

Carta das Nações Unidas [disponível e pode ser consultada em <http://www.un.org/en/documents/charter/preamble.shtml> consultado pela última vez em 2013/12/11]

Clausewitz, Carl von (1976) *Da Guerra*, Lisboa, Perspectivas e Realidades

Costa, Hélder Santos (2000) *Shiismo Iraniano - Uma abordagem Histórico-Sociológica*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Costa, Hélder Santos (2003) *O Martírio do Islão*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas pp. 47-48

Conferência de Bonn [disponível em : <http://www.afghangovernment.com/AfghanAgreementBonn.htm> consultado pela última vez em 2013/06/11]

Conferência de Bonn [disponível em : <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/world/texts/bonnagreement.html> consultado pela última vez em 2013/06/11]

Constituição da República Islâmica do Irão [disponível em : [http://faculty.unlv.edu/pwerth/Const-Iran\(abridge\).pdf](http://faculty.unlv.edu/pwerth/Const-Iran(abridge).pdf)]

Couto, Abel Cabral (1988). *Elementos de Estratégia Vol. I*, Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares

David, Saul coord. (2012) *The Encyclopedia of War - From Ancient Egypt to Iraq*, London, DK, pp. 342-343

Defarges, Philippe Moreau (2003) *Introdução à Geopolítica*, Viseu, Gradiva

Dougherty, James E., Pfaltzgraff, JR., Robert L., (2003) *Relações Internacionais – As Teorias em Confronto*, Lisboa, Gradiva, pp.152

ElBaradei, Mohamed (2011) *A Era da Mentira - A verdade escondida sobre os Grandes Conflitos Internacionais*, Lisboa, Matéria-prima Edições

Falliere, Nicolas; O Murchu, Liam, and Chien, Eric (2010) *W.32 Stuxnet Dossier, version 1.0*, Symantec - Security Response

Fernandes, Lia () *Petróleo e Gás Natural*, Departamento Nacional de Produção Mineira, Brasil [disponível em: https://sistemas.dnpm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=3969 consultado pela última vez em 2013/09/26]

Fraser, Niall e Hipel, Keith (1984) *Conflict Analysis - Models and Resolutions*, New York, North-Holland Series in System Science Engineering, Andrew P. Sage Editors

Freidel, F. e Sidey, H. (2006) *The Presidents of the United States of America*, The White House Historical Association, [disponível em <http://www.whitehouse.gov/about/presidents/georgewbush> consultado pela última vez em 2013/06/10]

Friedman, George (2012) *A Próxima Década - Onde temos estado ... e para onde nos dirigimos*, D. Quixote

Freire, Maria Raquel, coord. (2011) *Política Externa - As Relações Internacionais em Mudança*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra

() *Fukushima Accident 2011* - World Nuclear Association [disponível em :<http://world-nuclear.org/info/Safety-and-Security/Safety-of-Plants/Fukushima-Accident-2011/#.UfJUZU4Spo> consultado pela última vez em 2013/04/08]

Galtung, Johan (1990) “Cultural Violence” in *Journal of Peace Research*, Nº27, pp 291-305

(2013) *Generation IV Nuclear Reactors*, DOE EIA 2003 New Reactor Designs, [disponível em : <http://www.world-nuclear.org/info/Nuclear-Fuel-Cycle/Power-Reactors/Generation-IV-Nuclear-Reactors/> consultado pela última vez em 2014/01/10]

Harris, Sam (2007) *O Fim da Fé*, Lisboa, Tinta-da-China

Johan Galtung [disponível em : <http://www.galtung-institut.de/welcome/johan-galtung/> consultado pela última vez em 2013/02/10]

_____ (1996) *Peace by peaceful Means - Peace and Conflict, Development and Civilization*, PRIO, Sage Publications

Geertz, Clifford (1973) *The Interpretation of Cultures*, New York, Basic Books

Gellner, Ernest (1993) *Nações e Nacionalismo*, Viseu, Gradiva, 11-20; 85-92

Halbwachs, Maurice (1959) *On the Collective Memory*, University of Chicago Press

“Hassan Rouhani Wins Presidential election” *BBC News*, (2013) [disponível em : <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-22916174> consultado pela última vez em 2014/01/10]

Heschel, Abraham Joshua (1997) *Israel: an echo of eternity*, Jewish Lights Publishing, Woodstock Vermont

Hobsbawn, Eric e Ranger, Terrence (1992) *The Invention of Tradition*, Cambridge University Press

Hoebel, Edward Admanson e Frost, Everett L. (1976) *Cultural and Social Anthropology*, New York, McGraw-Hill Editions pp.191-192

Huntington, Samuel P. (1999) *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, Gradiva

IAEA, *factsheet* da Agência Internacional de Energia Atômica [disponível em: <http://ola.iaea.org/ola/FactSheets/CountryDetails.asp?country=IR> consultado pela última vez em 2013/09/10]

IEA(2008) *World Energy Outlook 2008*, OECD/IEA

“Invasions of the Mongols and Tamerlane”, *U.S. Library of Congress* [disponível em: <http://countrystudies.us/iran/10.htm> consultado pela última vez em 2013/11/21]

Iran Map for topographic analysis [disponível em: http://www.worldofmaps.net/uploads/pics/topographische_karte_iran.jpg consultado pela última vez em 2013/09/10]

“Iran’s key nuclear sites”, *BBC News Middle East* [disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-11927720> consultado pela última vez em 2013/11/02]

Issawi, Charles (1979) “The 1973 oil crises and after”, *Journal of Post Keynesian Economics*, Winter, Vol.1 No.2, 3-26 [disponível em : <http://www.jstor.org/discover/10.2307/4537467?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102521794957> consultado pela última vez em 2013/04/12]

Jenkins, Brian M. (1974) *International Terrorism: A New Kind of Warfare*, California, The Rand Paper Series, The Rand Corporation [disponível em: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/papers/2008/P5261.pdf> consultado pela última vez em 2013/11/14]

Jenkins, Brian M. (2008) *The New Age of Terrorism*, Chapter 8, California, The RAND Corporation [disponível em: http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/reprints/2006/RAND_RP1215.pdf consultado pela última vez em 2013/11/14]

Jenkins, Brian M. (1980) *The study of terrorism: Definitional Problems*, California, The RAND Corporation, pp.3 [disponível em: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/papers/2006/P6563.pdf> consultado pela última vez em 2013/11/14]

Kagan, Robert (2009) *O Regresso da História e o fim dos sonhos*, Alfragide, Casa das Letras pp.125

Kissinger, Henry (1969) *Nuclear Weapons and Foreign Policy*, New York, Abridged Edition

Klare, Michel T.(2002) *Resource Wars; The New Landscape of Global Conflict*. New York: Metropolitan, Owl Book

Küng, Hans (2011) *Islão: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Edições 70

Kushner, David (2013) “The Real Story of Stuxnet”, *IEEE Spectrum* disponível em <http://spectrum.ieee.org/telecom/security/the-real-story-of-stuxnet>

Lara, António Sousa (2011) *Ciência Política - Estudo da Ordem e da Subversão*, ISCSP, pp. 570

Levine, Robert A. (1961) “Anthropology and the Study of Conflict: An Introduction” in *The Journal of Conflict Resolution*, Vol.5, nº1, pp 3-15

Lista de Países da União Europeia, [disponível em: http://europa.eu/about-eu/countries/index_pt.htm consultado pela última vez em 2013/04/12]

Little, Allison (2012) “Germans plot to take control of Europe”, *Express* [disponível em : <http://www.express.co.uk/news/uk/327887/Germans-plot-to-take-control-of-Europe> consultado pela última vez em 2014/02/02]

Mohamedi, Fareed () “The Oil and Gas Industry”, *The Iran Primer*, United States Institute of Peace, [disponível em : <http://iranprimer.usip.org/sites/iranprimer.usip.org/files/The%20Oil%20and%20Gas%20Industry.pdf> consultado pela última vez em 2013/09/26]

Moniz, Ernest “Why We Still Need Nuclear Power”, *Foreign Affairs*, Nov-Dec 2011

Mota, Victor (2008) “Segurança e Defesa na Área Mediterrânea”, *Jornal da Defesa*, Lisboa [disponível em : http://database.jornaldefesa.pt/assuntos_diversos_relacoes_internacionais/Seguranca%20e%20Defesa%20na%20Area%20Mediterranea%20I%20Parte.pdf consultado pela última vez em 2013/09/10]

Moreira de Sá, Tiago (2011) “O dia que mudou a América, não o mundo”, *Público*. [disponível em : http://www.ipri.pt/publicacoes/working_paper/working_paper.php?idp=696 consultado pela última vez em 2013/11/21]

Moritz, Johanna (2013) “The Concept of “State Failure” and Contemporary Security and Development Challenges” *e-International Relations* [disponível em : <http://www.e-ir.info/2013/10/10/state-failure-and-its-use-for-understanding-contemporary-security-and-development-challenges/> consultado pela última vez em 2013/10/20]

National Security Strategy , The White House [disponível em : http://www.whitehouse.gov/sites/default/files/rss_viewer/national_security_strategy.pdf consultado pela última vez em 2013/11/21]

Nasr, Vali (2013) “Regime Change Obama can Believe”, *Foreign Policy* [disponível em : http://www.foreignpolicy.com/articles/2013/06/16/regime_change_iran_nuclear_weapons_deal consultado pela última vez em 2013/11/21]

Nogueira, José Manuel Freire (2011) *O Método Geopolítico Alargado - Persistências e contingências em Portugal e no Mundo*, Lisboa, IESM, pp. 313-316

“North Korea and Iran - Information Sheet No 14”, *Report of the International Commission on Nuclear Non-Proliferation and Desarmement*

Nunes, Carlos e Ribeiro, José Manuel Félix (2008) “Estados Falhados com Sucesso” *Relações Internacionais Junho:2008*, IPRI [disponível em :http://www.ipri.pt/publicacoes/revista_ri/pdf/RI18_Recensao3 consultado pela última vez em 2013/10/20]

Nunes, Viegas, Paulo (2012) Conferência “Cibersegurança e Estratégia Nacional da Informação - Novos desafios da Segurança e Defesa no Ciberespaço” no Instituto de Defesa Nacional

Nye Jr., Joseph S. (2011) *Compreender os Conflitos Internacionais - Uma introdução à teoria e à história*, Lisboa, Gradiva

() *Operation Enduring Freedom* [disponível em :www.history.army.mil/brochures/Afghanistan/Operation%20Enduring%20Freedom.htm consultado pela última vez em 2013/06/11]

Ohlig, Karl-Heinz (2007) *Religião – Tudo o que é preciso saber*, Alfragide, Casa das Letras

Pan, Ester (2005) “Katrina and Oil Prices”, *Council on Foreign Relations* [disponível em: <http://www.cfr.org/world/katrina-oil-prices/p8834> consultado pela última vez em 2013/06/10]

Peralta, Elsa (2008) *A Memória do Mar – Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 55-86

Petroleum Chemistry, [disponível em : <http://www.petroleum.co.uk/chemistry> consultado pela última vez em 2013/09/26]

Pignatelli, Marina (2010) *Os Conflitos Étnicos e Interculturais*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Poole, Ross (1999) *Nation and Identity*, London, Routledge, 1-113

Recomendação da Comissão Europeia de 7 de Dezembro de 2005 - C(2005) 4655
[disponível em <http://eur-lex.europa.eu/Notice.do?mode=dbl&lang=pt&ihmlang=pt&lng1=pt.pt&lng2=cs,da,de,el,en,es,et,fi,fr,hu,it,lt,lv,nl,pl,pt,sk,sl,sv.&val=418707:cs> consultado pela última vez em 2013/04/12]

Resolução 1401(2002) do Conselho de Segurança das Nações Unidas, [disponível em <http://unama.unmissions.org/Portals/UNAMA/Security%20Council%20Resolutions/28%20March%202002.pdf> consultado pela última vez em 2013/04/12]

Resolução 242 (1967) do Conselho de Segurança das Nações Unidas [disponível em: <http://unispal.un.org/UNISPAL.NSF/0/7D35E1F729DF491C85256EE700686136> consultado pela última vez em 2013/04/12]

Ribeiro, António Silva (2011) *Segurança e Defesa Nacional*, Academia de Ciências de Lisboa - Instituto de Estudos Académicos para Sêniores.

Rodrigues, José Caleia (2000) *A Geopolítica do Petróleo: Anatomia dos Conflitos, Diplomacias, Seguranças Soberanias*. Lisboa, Atelier dos Livros, p. 104.

Rotberg, Robert (2004) "The Failure and Collapse of Nation-States: Breakdown, Prevention and Repair" in Rotberg, Robert (Ed.) *When States Fail: Causes and Consequences*. Princeton: Princeton University Press, 1-50

Santos, Victor M. S (2009) *Cooperação e Conflito na Sociedade Internacional*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 175-198

Santos, Vítor Marques (2012) *Elementos de Análise de Política Externa*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Sand, Shlomo e Renan, Ernest (2010) *On the Nation and the 'Jewish People'*, London, Verso

Sand, Shlomo (2009) *The Invention of the Jewish People*, Verso

Silva, Teresa Almeida e (2011) *Islão e Fundamentalismo Islâmico: das Origens ao Século XXI*, Pactor

S/RES/242 - Resolução 242, de 22 de Novembro de 1967, do Conselho de Segurança das Nações Unidas [disponível em : <http://unispal.un.org/UNISPAL.NSF/0/7D35E1F729DF491C85256EE700686136> consultado pela última vez em 2013/07/09]

Snyder, R.C, Bruck, H.W. e Sapin, B. (1954) “Decision-Making as an Approach to the Study of International Politics”, *Foreign Policy Analysis Project Series No. 3*. Princeton, NJ: Princeton University Press

Spinner, Jeff (1994) *The Boundaries of Citizenship - Race, Ethnicity and Nationality in Liberal State*, Johns Hopkins University Press, USA (33-59)

Stephey, M.J, “Bretton Woods Sistem”, *Time*, 21 de Outubro de 2008 [disponível em: <http://www.time.com/time/business/article/0,8599,1852254,00.html> consultado pela última vez em 2013/06/10]

Stork, Joe e Lesch, Ann M. (1990) “Background to the Crisis: Why war ?”, *Middle East Report*, No. 167, pp. 11-18.

Sutter, Robert G. (2013) *U.S. -Chinese relations: perilous past, pragmatic present 2nd Edition*, Maryland, Rowman & Littlefield Publishers

“Shiites make up strong majorities in Iran (90 percent)” [disponível em : <http://www.cfr.org/religion/shia-muslims-mideast/p10903#p2> consultado pela última vez em 2014/01/10]

Tabari, Hossein; Talaei, P. Hosseinzadeh; Ezani, Azadeh; Some'e, B. Shifteh (2011) “Shift changes and monotonic trends in autocorrelated temperature series over Iran”, *Theoretical and Applied Climatology*, Springer

Teixeira, Nuno Severiano (2009). “Terrorismo, uma ameaça transnacional”, *Contributos para uma Política de Defesa*, Lisboa, Ministério da Defesa Nacional, Agosto, pp. 31-35

“The 9/11 Terrorist attacks”, *BBC History* [disponível em : http://www.bbc.co.uk/history/events/the_september_11th_terrorist_attacks consultado pela última vez em 2014/02/10]

The Genaration IV International Forum [disponível em : https://www.gen-4.org/gif/jcms/c_9502/generation-iv-goals consultado pela última vez em 2014/01/10]

“The International Afghanistan Conference in Bonn” [disponível em : http://eeas.europa.eu/afghanistan/docs/2011_11_conclusions_bonn_en.pdf consultado pela última vez em 2013/06/11]

The World Bank - Working for a World free of poverty, [disponível em: <http://data.worldbank.org/country/iran-islamic-republic> consultado pela última vez em 2014/01/10]

“The United Nations: An introduction for students” [disponível em : <http://www.un.org/cyberschoolbus/unintro/unintro.asp> consultado pela última vez em 2013/04/12]

Tofino Security (2011) *White Paper - How Stuxnet Spreads – A Study of Infection Paths in Best Practice Systems*, version 1.0

Types of Petroleum Oils [disponível em : <http://www.epa.gov/osweroe1/content/learning/oiltypes.htm> consultado pela última vez em 2013/09/26]

UNAMA [disponível em : [http://unama.unmissions.org/default.aspx/?/](http://unama.unmissions.org/default.aspx?/) consultado pela última vez em 2013/05/08]

Ury, F . e Fisher, Rodger (1981) *Getting to yes: Negotiating agreement without giving in*. New York, Penguin Group

(2010) *Variedades Tradicionais de Caviar*, Casa do Caviar [disponível em : <http://casadocaviar.com/produtos.html> consultado pela última vez em 2013/09/30]

Venn, Fiona (2002) *The Oil Crisis*, London, Longman

VI, Shawn e Cafiero, Giorgio (2013) “In Tehran, All Eyes on North Korea”, FPIF

Vilar, Emílio Rui (2006) “O encerramento de um ciclo”, *Terrorismo e Relações Internacionais*, Gradiva, pp. 16-21

Winston, Robert coord. (2004) *Illustrated Encyclopedia of the Human*, London, DK

Wawro, Geoffrey coord.(2010) *Historical Atlas*, London, Millennium House, pp 97

Waltz, Kenneth N. (1979) *Theory of International Politics*, California, Addison-Wesley Publishing Company

“What is a Zero-day vulnerability?”, *Security News- PcTools*, Symantec [disponível em : <http://www.pctools.com/security-news/zero-day-vulnerability/> consultado pela última vez em 2013/11/18]

Woodhouse, Tom e Duffey, Tamara (2000) *Peacekeeping and International Conflict Resolution*, Bradford University, UNITAR POCI

Yergin, Daniel (2009) “It’s Still the One”, *Foreign Policy*, Sept.-Oct. [disponível em : http://www.foreignpolicy.com/articles/2009/08/17/its_still_the_one?page=0,0 consultado pela última vez em 2013/04/12]

Zetter, Kim (2011) “Report: Stuxnet Hit 5 Gateway Targets on Its Way to Iranian Plant”, *Wired* [disponível em : <http://www.wired.com/threatlevel/2011/02/stuxnet-five-main-target/> consultado pela última vez em 2013/10/23]

Ziyadov, Taleh (2006) “The Galtung triangle and Nagorno-Karabakh conflict”, *Caucasian Review of International Affairs*, Vol 1 Winter 2006, pp.31-41 disponível em http://cria-online.org/1_3.html

Zuhur, Sherifa D. (2006) *Iran, Iraq and the United States: The new Triangle’s Impact on sectarianism and the Nuclear Threat*, Strategic Studies Institute

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1. Objectivos e meios do Estado.....	13
Fig. 2. Processos de Decisão Estratégica	23
Fig. 3. Triângulo de Conflitos	27
Fig. 4. O Conflito	31
Fig. 5 - Ciclo do Conflito	32
Fig. 6 - Bandeira da República Islâmica do Irão	45
Fig. 7 - Distribuição de Petróleo extractível pelo mundo	46
Fig. 8 - Armadilhas Petrolíferas	51
Fig. 9 - Gráfico de Variação de Preço do Petróleo	55
Fig. 10 - Planta da Fábrica Nuclear de Natanz	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Vectores em Análise na tipificação de um conflito	27
Tabela 2. Níveis de Agressividade	29
Tabela 3. Níveis de Complexidade de um conflito	30
Tabela 4. Partículas Elementares	62